



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DANIELA DE SOUZA SILVA

**BRICOLAGENS NO CIBERESPAÇO:
TECENDO LAÇOS SOBRE ADOLESCÊNCIA, FICÇÃO E ESCOLA**

**BRASÍLIA
2019**

DANIELA DE SOUZA SILVA

**BRICOLAGENS NO CIBERESPAÇO:
TECENDO LAÇOS SOBRE ADOLESCÊNCIA, FICÇÃO E ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação na área de concentração: Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida.

BRASÍLIA

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dD467b de Souza Silva, Daniela
Bricolagens no ciberespaço: tecendo laços sobre
adolescência, ficção e escola / Daniela de Souza Silva;
orientador Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida.
- Brasília, 2019.
115 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Educação. 2. Adolescência. 3. Fanfic. 4. Ficção. 5.
Inconsciente. I. Marques Zanforlin Pires de Almeida, Inês
Maria, orient. II. Título.

DANIELA DE SOUZA SILVA

BRICOLAGENS NO CIBERESPAÇO: TECENDO LAÇOS SOBRE ADOLESCÊNCIA,
FICÇÃO E ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação na área de concentração: Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação.

Defendida e aprovada em 16 de agosto de 2019.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida (Orientadora)
Faculdade de Educação – FE/UnB

Prof.^o Dr.^o Emílio Peres Facas (Membro externo)
Instituto de Psicologia – IP/UnB

Prof.^a Dr.^a Andrea Cristina Versuti (Membro interno)
Faculdade de Educação – FE/UnB

Prof.^a Dr.^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire (Membro suplente)
Faculdade de Educação – FE/UnB

Brasília
2019

*Aos meus pais.
Aos professores.
Aos livros.
A todos os personagens que habitam a ficção.*

“Eu chegara ao limiar da adolescência e ainda me ocultava entre as raízes das grandes árvores do bosque para me contar histórias. Uma agulha de pinheiro podia representar para mim um cavaleiro ou uma dama ou um bufão; movimentava-a diante de meus olhos e me exaltava em relatos intermináveis. Depois ficava com vergonha dessas fantasias e fugia”.

Ítalo Calvino, “O visconde partido ao meio”, 1952.

RESUMO

O estudo realizado procura refletir acerca da constituição subjetiva de adolescentes que escrevem histórias que trazem a palavra “escola” como significante, no contexto das *fanfics*, que são ficções de fãs produzidas no ciberespaço e que fazem parte de um fenômeno contemporâneo da cibercultura. Para esse alcance, é feito um percurso metodológico que encontra no *trilhamento* um caminho para dialogar com a psicanálise, que foi tomada como ótica sobre o estudo da subjetividade, e a *bricolagem* como estudo da complexidade, em que diferentes saberes e experiências são reunidos em torno do fenômeno das *fanfics*. A aposta deste estudo é por uma compreensão sobre o ressoar desse fenômeno na vida psíquica dos adolescentes que o constituem, em que medida o inconsciente opera nas narrativas fictícias criadas por esse público e de que maneira esse exercício narrativo revela sentidos para a experiência da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas. Adolescência. *Fanfic*. Complexidade. Inconsciente.

ABSTRACT

This study aims to examine the subjective structure of adolescents who write stories with the word ‘school’ as a significant, in the context of fanfics: fan fictions produced in cyberspace, as a contemporary phenomenon of cyberculture. To this end, we tread a methodological course that finds in *path clearing* a means to dialogue with psychoanalysis—used to study the subjectivity—and *bricolage* to analyze the complexity, integrating different theories and experiences with the phenomenon fanfics. The purpose of this dissertation is to understand the implications of fanfics in the psychological life of the adolescents, how the unconscious operates in the fictional narratives created, and how the narrative exercise reveals meanings for the experience of school.

KEYWORDS: Narrative. Adolescence. *Fanfic*. Complexity. Unconscious.

Sumário

Apresentação.....	7
Como as fanfics chegaram até mim?.....	9
Introdução.....	11
Percurso metodológico.....	14
O trilhamento como ensaio do inconsciente.....	14
Bricolagem como perspectiva transdisciplinar.....	16
1. Relações entre psicanálise e educação.....	21
2. Adolescência.....	25
2.1 A adolescência sob a ótica da psicanálise.....	26
2.2 Adolescência e consumo.....	30
2.3 Adolescência e a cultura de fãs.....	32
2.4 Adolescência e escola.....	35
2.5 A transferência no ato educativo.....	36
3. Fanfics como um fenômeno híbrido.....	40
3.1 Fanfics e a cultura participativa.....	41
3.2 Fanfics: resistência ou alienação?.....	42
4. Ciberespaço e cibercultura.....	45
4.1 Ciberespaço e inconsciente.....	50
5. Os sites de fanfic, suas características, suas histórias e seu perfil.....	55
5.1 Spiritfanfiction.....	56
5.2 Por dentro das fanfics.....	58
5.3 Garotas no ciberespaço – gênero e relações com a internet.....	66
5.4 O ciberfeminismo.....	68
5.5 Fanfics como espaço de escrita feminina.....	70
6. As fanfics e a escola.....	74

6.1 Fanfics e a cultura de massa.....	75
6.2 Freud e a psicologia das massas.....	77
6.3 Fanfics e o processo de Identificação e Sublimação.....	79
6.4 A escrita e o inconsciente.....	83
7. Fanfic com a tag “escola”	85
8. Algumas considerações e possíveis desdobramentos.....	104
Referências.....	107

APRESENTAÇÃO

Se me perguntassem, entre os meus quinze e dezesseis anos, como eu me sentia, dificilmente saberia responder. Especialmente se fosse um adulto perguntando, quer fosse os meus pais, um parente, um professor ou – pior! – a orientadora educacional da minha escola. Além de não saber ou não querer responder, ainda me aborreceria. Não à toa, eu seria chamada, como a muitos com característica semelhante à minha, de “aborrecente”. Relembro essa fase da minha vida, hoje, com certo humor e pesar. Entretanto, eu realmente não fazia ideia do quanto era difícil revelar minha intimidade.

No entanto, se me perguntassem sobre meus livros, filmes ou bandas favoritas, certamente me estenderia na resposta e, além disso, revelaria um lado expansivo e curioso da minha adolescência: eu era uma fã inveterada de muitos artistas, escritores e personagens.

Era especialmente com os amigos que eu podia compartilhar esse lado e, com eles, eu me deixava levar pelas longas conversas, elucubrações e fantasias. Num círculo ainda mais fechado, criávamos histórias, ríamos delas e até trocávamos algumas cartas e rascunhos do que poderia vir a ser um livro ou filme num futuro imaginário. Nos sonhos, cabiam todos os temas e personagens retirados de toda parte.

A criatividade brotava mais intensamente quando eu ficava sozinha no meu quarto. Lá se iam maços de papel que rascunhavam histórias, novelas, contos, poesias, letras de música e roteiros para filmes que existiam apenas na minha imaginação. Eu não os guardava por muito tempo. Não sabia o que fazer com aquele material. Rasgava alguns, escondia outros, perdia muitos...

No fundo, eu não acreditava que aquelas ondas inspiradoras que me assolavam tinham algum propósito, alguma utilidade. Elas iam e vinham, eu não me agarrava a elas nem pensava muito a respeito. Parecia, no final das contas, uma grande bobagem que não valia a pena ser perpetuada.

Eu então embarcava nas obras literárias de alguns escritores, como se nelas eu pudesse me abrigar, confortavelmente, fora desse mundo. Ironicamente, encontrava refúgio em monstros, alienígenas, vampiros e toda horda seres sobrenaturais. Lia e morria de medo, mas continuava a leitura. Havia um misto de atração e aversão nas histórias que me fascinavam.

Várias vezes fui contida por minha mãe, que me advertia a não ler mais coisas que me fizessem perder o sono à noite. Certa vez, ela fez cara séria e pronunciou enfaticamente: “Daniela, esses vampiros são a sua sombra!” Não entendi muito bem a frase, mas ficou claro

que ela reprovava o meu hábito. Então passei a ler escondido dela, ocultando o Drácula debaixo da cama quando ela entrava no meu quarto, repentinamente, para desejar boa noite.

Os anos correram e muitos outros livros passaram pela minha vida. O tom da ficção foi se modificando na medida em que a vida modificou suas histórias. Minha mãe partiu, mas nunca deixou de estar presente. Ela me advertira sobre a minha sombra, sem saber que também era parte dela. Isso me intrigaria por muitos anos.

Perto de completar 30 anos, eu me encontrava a pleno vapor trabalhando como orientadora educacional (!) numa escola repleta de adolescentes. Sem poder escapar do clichê “ironia do destino”, eu passei a reviver algo muito familiar, só que agora sob outra perspectiva. O grande desafio da função na qual me encontrava parecia ser adentrar na intimidade desses jovens, conhecê-los para além da tal “identidade” estudantil. Rebeldia, indisciplina, mal-entendidos, exclusão... Sempre havia alguma queixa dessa natureza quando eles eram encaminhados para o Serviço de Orientação Educacional – o espaço institucional que me era reservado para atuar.

Havia um incômodo ali e, principalmente, um desafio. Eu não queria ser uma figura repressiva ou moralizadora dos estudantes, nem uma espécie de “apaziguadora” da escola. Eu já havia estado do outro lado e sabia que esse papel não funcionaria. Também não poderia usar minha sala como um consultório, pois não se tratava de um atendimento clínico, mas educacional. Eu era uma pedagoga lidando com os conflitos adolescentes sem, contudo, acreditar nos tipos de intervenções praticadas ou esperadas.

Foi ali, entretanto, naquela mesma escola, que eu observei um interessante fenômeno que assolava os adolescentes: uma febre literária. Meninos e, especialmente, meninas, carregavam entre seus materiais escolares um ou dois livros da saga “Crepúsculo”, um *best-seller* que acabara de virar filme. Ao passar pelos corredores, eu podia escutar conversas girando em torno dos personagens e do enredo. Aquele cenário remeteu, invariavelmente, à minha própria adolescência.

Estranhamente, os professores pareciam não enxergar esse fenômeno entre os estudantes e, tampouco, aproveitar o embalo para investir na literatura, no cinema ou em pequenos recortes desse movimento para trabalhar em sala de aula, a partir de uma fonte de interesse tão gritante, que tanto mobilizava os jovens. Evidenciou-se, para mim, um abismo existente entre os adultos e os adolescentes. Aquele universo fantástico não tinha lugar entre os mais velhos.

Sem ter conhecimentos ou instrumentos à época que me possibilitassem trabalhar em

torno daquilo que se evidenciava debaixo do meu nariz, deixei de lado, novamente, um potencial criativo para dedicar-me a outras atividades. Tratava-se, especificamente, de um outro local de trabalho, no qual não tinha que lidar diretamente com adolescentes nem com suas histórias, mas com políticas e projetos bem distantes da fantasia, aos quais me dediquei duramente, mas sempre faltante.

Anos depois, quando resolvi incursionar por terapias de vertente psicanalítica, vi-me às voltas com meus fantasmas, que eu pensava haver relegado ao passado de adolescente. As histórias fantásticas ainda se inscreviam, de maneira atemporal, em minhas narrativas presentes. Como se um mundo houvesse sido encoberto, mas nunca desaparecido. O próprio inconsciente. A “sombra” advertida minha mãe. Algo que nunca cessou de não se inscrever.

No famoso romance de Bram Stoker, *Drácula*, antes de ser acometido, afirma seu poder sobre os homens, evidenciando o vampiro como uma metáfora sobre as forças obscuras que habitam o inconsciente: “Eu vivo em todos vocês, nos mais secretos recintos de sua alma, eu sou vocês”.

Tomada por uma espécie de dívida pessoal, investi no mestrado para haver-me com essa adolescência de outrora, para falar do que sempre esteve presente em mim, mas sem lugar. Quis falar do que se escreve quando se é jovem e atravessado pelas fantasias dos livros, quando se é tocado muito mais pela ficção do que pelos ensinamentos formais, quando se aprende mais pela experiência narrativa dos autores criativos do que pelos professores e pelos pais. Falar, enfim, de tudo aquilo que nos constitui enquanto sujeitos, para além de filhos ou estudantes; de um outro aprendizado, que se faz na tessitura da vida, num encontro muito mais artístico e estético que pedagógico.

COMO AS *FANFICS* CHEGARAM ATÉ MIM?

Aquilo que pratiquei na adolescência com os textos juntos aos amigos e outras vezes sozinha, já não era uma novidade, ainda que não soubéssemos à época. A brincadeira criativa em torno de histórias já existentes – algumas consagradas – constituía um fenômeno da cultura de fãs, que passou a ser mais fortemente evidenciado com o advento da internet. A reunião de fãs em torno de uma obra, recriando ou expandindo o universo ficcional, (re)escrevendo e publicando novas histórias para outros fãs já tinha nome: *fanfic* ou *fanfiction*.

O que antigamente ficava restrito a pequenos grupos, com a era digital, passou a constituir sites e plataformas específicas de encontros e divulgação dos mais diversos. Fãs do mundo inteiro passaram então a poder se comunicar, trocar experiências e escrever juntos

com o propósito de compartilhar seus interesses mútuos e expandir os cânones da ficção por meio de recriações narrativas. Algumas dessas recriações tornaram-se tão famosas que ganharam publicação própria e até chegaram a virar filme. Uma brincadeira desprezível que, na medida em que foi ganhando adeptos, virou um fenômeno da cibercultura.

Entretanto, eu não fazia ideia da grandeza do universo das *fanfics*. Conhecia apenas a parte da minha trajetória adolescente que recriava fantasias e, por vezes, compartilhava com amigos. Não tínhamos computador em casa até o final dos anos 90, quando a internet passou a integrar nossas rotinas. Então, já era adulta e, inevitavelmente, recalcaria o desejo de tornar-me escritora. Virara uma espécie de bode expiatório, às avessas com meu desejo, agora posicionada como pedagoga e orientadora educacional, distante desse outro adolescente, que não mais reconhecia em mim.

Quando redigi a primeira versão do meu projeto de pesquisa, tive em mente o encontro com as narrativas de ficção afetas ao público adolescente que está na escola. O estudo teria então o espaço escolar como ambiente de pesquisa e os adolescentes que por ali passam, com seus livros e aplicativos debaixo do braço. Eu averiguaria quais as ficções mais lidas e tentaria compreender suas relações com essas histórias. Por sorte, fui assertivamente provocada por uma professora para que voltasse meu olhar para as *fanfics*, afinal, lá se encontram não só as histórias que fascinam os adolescentes, mas, também, as narrativas já produzidas por eles.

O espaço de pesquisa, então, migrou da escola para a internet. Não à toa, a fruição criativa que eu buscava não poderia ser encontrada num território formal, mas na amplitude e liberdade propiciadas pelo espaço virtual – uma alternativa em que o inconsciente e desejo podem inscrever-se sem as mãos severas da instituição escolar.

INTRODUÇÃO

As histórias fazem parte da nossa vida e, num sentido mais íntimo, são a própria vida manifestando-se por meio de uma linguagem e imagens anímicas que assumem, em cada um de nós, uma narrativa particular.

Podemos pensar que não há uma narrativa possível que não passe pelo uso da linguagem, seja ela escrita, oral, gestual etc. (MENDES e PRÓCHNO, 2006). A narrativa organiza a estrutura da experiência humana. Sendo assim, estudar as narrativas é buscar compreender as diferentes maneiras como os seres humanos vivenciam o mundo (BRUNER, 1991).

Na historiografia contemporânea, passa-se a compreender a história como uma narrativa construída pelo historiador (RAMOS, 2010), ou seja, o sentido da história inscreve-se na subjetividade de quem a conta ou a registra, não estando, dessa forma, a serviço de uma suposta objetividade científica e de uma verdade histórica. Há uma importante quebra epistemológica que atravessa as ciências sociais e dá lugar à relatividade e à complexidade na qual estamos inseridos.

As narrativas são, portanto, tributárias da subjetividade, na qual sujeito e realidade coexistem numa relação interdependente, multidimensional, não totalizante. A noção de subjetividade e sujeito aqui trazida está entrelaçada pela dimensão histórica e pelo percurso singular no qual o sujeito se estrutura internamente (SILVA e GARCIA, 2011).

Morin (2005) nos fala da indissociabilidade da vida das ideias e da vida das experiências: o vivido transforma-se em conhecimento e o conhecimento transporta-se ao vivido, num diálogo permanente. Não há conhecimento ou história sem a experiência narrativa, sem a inscrição de seu narrador. Podemos inferir, assim, que a realidade é um constructo narrativo, uma invenção, portanto, uma ficção – uma espécie de metáfora na qual o narrador reescreve a realidade. “A metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de reescrever a realidade”. (RICOEUR, 2000, p. 14).

Contudo, essa dimensão singular da narrativa não fragmenta ou reduz o conhecimento produzido. O conhecimento responde a uma dimensão holográfica da história, comportando, em cada parte, o todo (MORIN, 2002). Nesse sentido, cada narrador, ao contar sua história, conta também A História.

Benjamin (1994) nos fala que o narrador encontra sua fonte na experiência que

passa de pessoa a pessoa. Assim, ao narrar, transmitimos uma experiência que nos antecede, que perpassa gerações, dando à narrativa um exercício prático e ético que, tradicionalmente, concebeu-se pela oralidade, pelas lendas e fábulas ou pelos contos de fadas. O narrador ancestral é aquele que retira suas experiências de suas viagens ou de sua rotina campesina e dá a elas um novo tom, transformado a narrativa numa arte capaz de aconselhar seus ouvintes sem, no entanto, responder às suas perguntas, pois “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Segundo o autor, esse papel é exatamente o que se perdeu nos tempos modernos e sua crítica recai especialmente na massificação da obra de arte em razão da reprodutibilidade técnica. O narrador ancestral deu lugar aos romances modernos e a ruína da narrativa se dá, fatalmente, com a difusão da informação no mundo contemporâneo. A rapidez e a superficialidade que estão na natureza da informação garantem a ela um lugar privilegiado e massificado junto à população, tornando as notícias sobre o mundo mais importantes que a busca de um sentido mais profundo à nossa existência. Nesse contexto, Benjamin anuncia não haver mais lugar no mundo contemporâneo para o narrador.

Assim, ficamos pobres em experiências (BENJAMIN, 1987) e o sujeito da experiência não é o sujeito da informação nem da opinião:

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (LARROSA, 2002, p. 24).

O presente estudo aposta na experiência possível dentro de um contexto da cultura de massa, visto que todo fenômeno cultural é, também, um efeito do sujeito na cultura e, hoje, os sujeitos são atravessados pela cultura digital. Crianças e adolescentes constituem-se nela e encontram no virtual uma extensão de suas subjetividades. Na era da internet, as formas de conhecer, relacionar-se bem como de narrar mudaram, mas não apagaram os sujeitos que nela navegam, nem sua capacidade de serem afetados ou de deixarem suas marcas no outro.

Com Levy (1999), entendemos que a cibercultura produz efeitos sobre a linguagem. Dessa forma, os sujeitos que se lançam no mar do ciberespaço, inauguram também um novo lugar para o laço social e para a relação com o mundo.

Com Freud (1900/2012) e Lacan (1999), entendemos que a linguagem é a forma como o inconsciente se manifesta, portanto, toda narrativa revela sempre algo mais, que

escapa ao próprio narrador. O ato da escrita possibilita a inscrição dos sujeitos e a inscrição da cultura, ainda que de forma involuntária, pois ela permite a simbolização daquilo que na realidade não se consegue representar.

Para tentarmos estabelecer um diálogo com as novas gerações, somos impelidos a buscar as linguagens nas quais elas se inscrevem. Assim, desde o advento da internet, a cibercultura tem se apresentado como espaço e tempo nos quais os adolescentes participam mais intensamente, não implicando somente num tipo de comunicação paralela que eles desenvolvem quando conectados, mas, segundo Lévy (1999), representando um novo modelo de espaço de conhecimento que precisa ser integrado pela educação. No ciberespaço, as narrativas passaram por transformações que refletem novas subjetividades nas quais os adolescentes se inserem na contemporaneidade.

O presente estudo resulta de um exercício interpretativo, ancorado no paradigma da complexidade e na teoria psicanalítica em torno das narrativas de ficção produzidas pelos adolescentes, que resultam num fenômeno contemporâneo da cibercultura: *as fanfics*, que podem ser traduzidas como ficção de fãs. As inquietações das quais se originam esse tema e que compõem esse percurso investigativo se dão em busca de compreensão sobre como a escrita praticada no ciberespaço pode refletir a subjetividade do adolescente e os enlaces inconscientes com a escola. Nesse sentido, busco refletir acerca do papel da escola como espaço de (im)possibilidades de emergência do sujeito singular que encontra no virtual uma via de expressão do inenarrável (ou do próprio desejo).

As inquietações que tecerão os fios condutores desse estudo se darão em torno dos aspectos gerais, aos quais tomarei como hibridez, que localizam as narrativas e a adolescência num contexto de cultura de massa e dos aspectos subjetivos, ou específicos, que localizam os sujeitos e seus aspectos psíquicos implicados nas narrativas.

PERCURSO METODOLÓGICO

Aqui pretendo discorrer sobre dois principais aspectos nos quais o meu estudo se constituiu metodologicamente, designados como *trilhamento* e *bricolagem*, tomando-os emprestado de Lacan e outros autores, respectivamente.

O conceito de *trilhamento* relaciona-se especialmente à psicanálise, que foi tomada como ótica sobre o estudo da subjetividade. Já a *bricolagem* diz respeito à dimensão da complexidade, dos diferentes saberes e experiências que são reunidos em torno do fenômeno das *fanfics*.

Ao escrever sobre esses dois aspectos, *trilhamento* e *bricolagem*, ficou clara uma correlação que parece torná-los parte de um mesmo movimento. Entretanto, por uma questão didática, eu aqui os considereei separadamente.

O *TRILHAMENTO* COMO ENSAIO DO INCONSCIENTE

Durante o processo de construção deste estudo, enquanto participava de atividades relacionadas à pós-graduação, ouvi, várias vezes, professores e estudantes falarem sobre a necessidade de adequação metodológica nas pesquisas, sobre o objeto “chamar” ou “exigir” metodologias específicas etc. A psicanálise, pouco recorrente nos estudos educacionais, nunca aparecia como possibilidade ou sofria qualquer menção nesse cenário. Entretanto, a questão da subjetividade do pesquisador já entrava, há algum tempo, em algumas perspectivas teóricas que, inclusive, já admitiam a escrita acadêmica em primeira pessoa.

Ainda que situada como um estudo da subjetividade, a psicanálise tem características muito particulares que a tornam, eu diria, um tanto “melindrosa” em sua condução. Primeiro, porque ela sempre lida com um único objeto, que é o inconsciente. Segundo, porque o inconsciente não é um objeto factual, mas um conceito, um fenômeno de linguagem. Em terceiro e último lugar, e talvez o mais desafiador, é o fato de eu não ser psicanalista, mas pedagoga, e, ainda assim, ter escolhido a psicanálise como caminho investigativo. Não que outros já não o tenham feito, mas, certamente, alguma dúvida vinda de dentro ou então de fora pairou, em algum momento, sobre essa escolha.

Entretanto, se o próprio Freud se viu às voltas com questionamentos sobre a legitimidade do saber psicanalítico, situado numa espécie de *entrelugar* entre a ciência e a arte, eu resolvi me autorizar dessa experiência, dando também ao meu *entrelugar* o status de saber. Pois é nesse *entrelugar* que a educação e a psicanálise podem transitar e, no percurso,

trazerem-me como sujeito participante naquilo que alguns leem como “a experiência como método”.

E a psicanálise pressupõe, desde sempre, que o autor tenha uma experiência com seu objeto, que por ele se afete e seja afetado, não apenas teoricamente. Pois nessa circulação de afetos durante a produção de um estudo, de um texto, o inconsciente comparece como efeito da escrita.

Aliás, a psicanálise não separa o sujeito de sua letra. Conte (2004) afirma que, no processo de escritura de uma teoria, como em qualquer processo criativo, o sujeito se enreda com o objeto que deve descobrir ou criar para, na sequência, poder se desprender dele. Confunde-se em um movimento reflexivo para, logo, interpretar e estabelecer a diferença que dará origem a seu texto (CONTE, 2004, p. 9).

Esse percurso reflexivo, de constante subjetivação da escrita, mas que pretende alcançar um lugar, ainda que incerto, é a própria noção de *trilhamento* que Lacan gostava de usar para caracterizar aquilo que fazia com seu texto, conforme nos elucidou Soler (2012):

O trilhamento consiste em abrir uma via forçando obstáculos num domínio que resiste ao pensamento ou à caminhada. Um trilhamento pode avançar na descontinuidade, ter seus momentos fecundos e seus tempos de estase, de assimilação, mas a noção conota a continuidade de um esforço que constitui um todo orientado, criando sulcos no campo em questão. (p. 21)

Ainda que situado numa época anterior à Lacan – que se permitiu uma escrita assimétrica, cheia de figuras de linguagem e beirando o poético – Freud também cruzou fronteiras entre a ciência e a literatura ao inaugurar a teoria psicanalítica. Sua escrita de casos clínicos assumiu a forma de ensaios, tornando-se uma espécie de romance literário que, inclusive, lhe renderam o Prêmio Goethe pelo conjunto de sua obra.

A escrita freudiana se marcou pela reunião de elementos científicos bem estruturados, como um extenso levantamento bibliográfico no estudo de um tema, mas também a constante presença de suas observações pessoais, inclusive de seus próprios pensamentos, sentimentos, sonhos e intuições, que acabavam constituindo elementos-chave para a análise e teorização de seus casos.

Assim, a noção de *trilhamento* encontra no ensaio sua forma e seu método. A escrita acadêmica na forma ensaística tornou-se a maneira com a qual os sujeitos passaram a registrar suas experiências durante uma investigação que lida com o inconsciente, pois essa forma permite que se realize um processo de tomada da palavra escrita como dispositivo de (auto) análise.

O ensaio é um gênero textual que pressupõe a reflexão do autor na construção discursiva, em constante diálogo com seu interlocutor. Para Larrosa (2003) o ensaio é um gênero híbrido ancorado num tempo e espaço claramente subjetivos, capaz de dissolver as fronteiras entre o saber científico e a literatura, entre a objetividade e a imaginação, entre a verdade e a ficção, como se desse uma espécie de “licença poética” ao pesquisador.

Portanto, o *trilhamento* através do ensaio, constitui a forma que estabeleci meu percurso, não apenas por uma exigência do objeto, mas, também, porque sua pessoalidade e liberdade criativa me aproximam ainda mais das narrativas de ficção produzidas pelos adolescentes, que parecem construídas com os mesmos materiais dos sonhos (numa ingênua alusão a Shakespeare e Freud).

BRICOLAGEM COMO PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR

Considerarei a transdisciplinaridade, assentada no paradigma da complexidade, como um movimento inerente a este estudo, posto que lida com narrativas de ficção escritas por sujeitos atravessados pela subjetividade da adolescência, que também são fãs, inseridos numa cultura digital na qual a escola assume diferentes sentidos, e assim por diante.

São muitos aspectos envolvidos no fenômeno das *fanfics*. São muitas tramas escritas no ciberespaço, que também se desdobram em muitos temas, que demandam muitas ideias e autores para a busca de uma melhor compreensão sobre esse universo. Ou então, talvez seja mais adequado dizer que busquei estabelecer um diálogo com esse universo, por meio de diferentes temas, ideias e autores, sem necessariamente chegar a uma resposta ou descoberta.

Nesse sentido, como o próprio Morin (2000) nos colocou, os diálogos estabelecidos com os saberes não precisam e nem devem ser orientados a um único lugar, em nome de uma lógica clássica, mas, sim, caminharem para uma razão aberta ou complexa.

A investigação apoiada na complexidade, portanto, não precisa responder, ao final, a uma pergunta, mas permitir uma ampliação do olhar e, às vezes, até criar outras perguntas. Essas possibilidades que surgem na realização de um estudo multifacetado demandam um tecer sobre a escrita que possa ligar os pontos, se não pelas teorias, então pela experiência. E é nesse sentido que emerge a noção de bricolagem.

O termo é geralmente traduzido para o português como trabalho ou conjunto de trabalhos manuais ou de artesanato. Mas sua base etimológica vem de uma expressão

tradicional francesa, *bricolage*, que denota artesãos que usam criativamente materiais remanescentes de outros projetos para construir novos artefatos. (ROGERS, 2012, p. 3-4).

Sua ressignificação, contudo, foi dada por Lévi-Strauss (1989) ao usar o termo para se referir a um tipo de conhecimento até então chamado de primitivo ou selvagem, que se guia pela intuição e pela vontade de conhecer o que está no mundo; a bricolagem seria uma forma de ilustrar a maneira pela qual as sociedades combinam e recombina diferentes símbolos e elementos culturais para criar estruturas recorrentes.

Posteriormente, a bricolagem passou a ser lida como um tipo de reconexão entre a experiência vivida e sua simbolização, especialmente no processo artístico, tornando-se um termo familiar para descrever vários processos de improvisação estruturada. (PHILLIMORE, HUMPHRIES, et al., 2016).

Nas teorias contemporâneas de literatura, o termo passa a ser sinônimo de colagem de textos ou extratextos numa dada obra literária, aproximando-se da ideia de hipertexto. A prática pós-modernista da colagem, seja nos textos ou nas artes em geral, refere-se à transformação ou estilização de materiais preexistentes em novos trabalhos (não necessariamente originais). (CEIA, 2009).

Tenho bastante apreço pela forma como o conceito de bricolagem foi utilizado por Certeau (1994) ao observar as diferentes “maneiras de fazer” que se mostram, entre as pessoas comuns, no cotidiano. Para o autor, as apropriações culturais se efetuam não apenas de forma generalizada, mas também nos universos individuais, nos pequenos gestos, nos pequenos hábitos, nas singularidades dos sujeitos. Aquilo que cada um faz, genuinamente, com o que lhe chega, com o que recebe da sociedade, é o que ele chama de bricolagem.

Essa retomada do sujeito por trás da massa, dá à bricolagem um lugar de diferença, de marca de subjetividade num espaço homogêneo, como tende a ser a produção acadêmica, a internet, a indústria cultural etc. Porque no meio de tudo isso, o que pode se destacar é a experiência que cada um tem com o que lhe passa.

De um modo geral, quando a metáfora da bricolagem é usada dentro do contexto de uma pesquisa, denota práticas metodológicas explicitamente baseadas em noções de ecletismo, *design* emergente, flexibilidade e pluralidade. Além disso, significa abordagens que examinam os fenômenos a partir de perspectivas teóricas e metodológicas múltiplas e, por vezes, concorrentes. (ROGERS, 2012).

Esse tipo de abordagem também sofre retaliações daqueles que a consideram mais

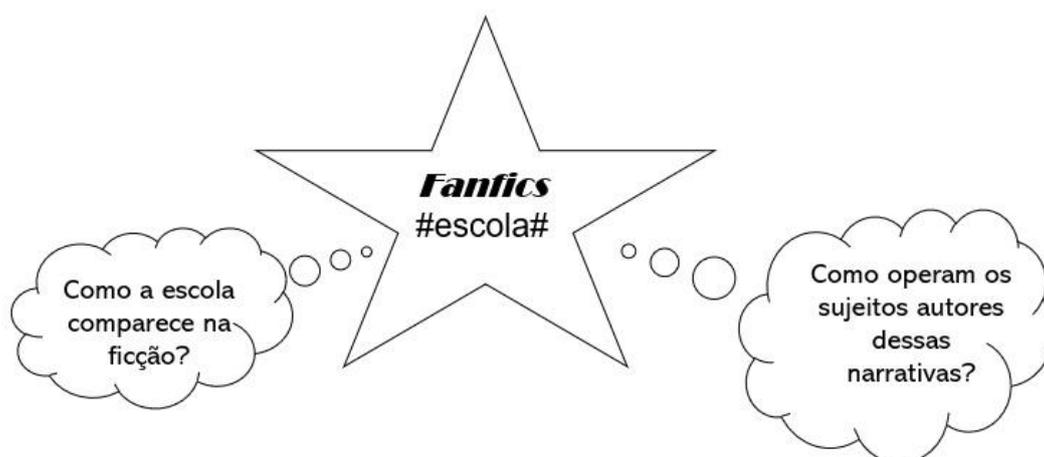
um “fenômeno da pós-modernidade” que, como tantos outros, “contribui para a profanação ou o questionamento da ciência como campo fechado, intransponível e restrito a círculos seletos e reservados”. (RODRIGUES, THERRIEN , et al., 2015, p. 4) . Esse tipo de crítica, geralmente, relaciona-se ao fato de a bricolagem poder, muitas vezes, tornar o “ecletismo” uma falta de aprofundamento ou de lógica num estudo.

Compreendo que, tanto a bricolagem quanto outras escolhas metodológicas apresentam seus desafios, seja pela multiplicidade referencial, seja pela via única de análise. Porém, como foi colocado inicialmente, é o objeto que chama sua metodologia e, nesse caso, nunca duvidei que estivesse diante de um fenômeno complexo e transdisciplinar que não caberia numa abordagem convencional.

Aliada a isso, está a minha entrada nessa pesquisa, nesse *entrelugar*, no qual não me reconheço apenas como pedagoga, mas como uma identidade composta de múltiplos interesses, que, muitas vezes, a ficção se mostrou mais assertiva que a técnica. Não seria coerente nem comigo e nem com o estudo caminhar sem os riscos das possibilidades.

As concepções assumidas pela bricolagem desde Lévi-Strauss até Certeau, dão a esse termo um caráter de hibridez e de especificidade, que eu gostaria de trazer a esse estudo.

À hibridez, refiro-me ao conjunto de referências existentes no próprio fenômeno das *fanfics*, que por si só traduz o sentido de bricolagem. A diversidade de temas implicados nessas narrativas desdobra-se em muitos outros temas, trazendo a imagem de uma boneca russa, que ilustra bem o conceito de hipertexto. Claro que, dadas as limitações de tempo, de páginas, e as minhas próprias limitações, o estudo se restringiu a alguns tópicos e subtópicos que me pareceram mais relevantes nesse caminhar.



1. RELAÇÕES ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

A psicanálise, fora do contexto da clínica, é controversa e recebeu diferentes denominações. Em Freud, ela é chamada de psicanálise aplicada. Laplanche a nomeia como psicanálise extramuros. Já em Lacan, é conhecida por psicanálise em extensão (ROSA e DOMINGUES, 2010). As relações entre a psicanálise e as ciências sociais deram-se desde Freud até hoje: “(...) não se trata de um uso inadequado da psicanálise, mas sim do fato de não ser possível pensar numa psicanálise fora daquele plano, uma vez que a constituição do sujeito se faz justamente pela entrada no social”. (ENRIQUEZ, 2005, p. 153). A psicanálise não é unicamente um procedimento terapêutico; ela é, também (ou, para ser mais exato, ela é tornada, pouco a pouco) uma ciência, aquela do psiquismo, aquela dos processos inconscientes que se desenrolam não apenas no indivíduo isolado, mas também nos grupos, nas instituições, nas produções do espírito (ENRIQUEZ, 2005, p. 154).

Para Freud (1926 /1996), a psicanálise é indispensável a todas as ciências que se ocupam da sociedade humana e a suas grandes instituições, como a arte, a religião e a ordem social. Se, por exemplo, usarem a psicanálise em suas pesquisas, dela se beneficiarão os historiadores da civilização, os psicólogos da religião, os filósofos etc.

Ao lidar com o campo das incertezas humanas, a psicanálise torna-se avessa às fórmulas e receitas que tantas vezes revestem o saber científico. Assim, a pedagogia, mais que a própria educação, parece fazer uma oposição ao campo psicanalítico. Freud, no entanto, não nega a importância da educação na cultura. O seu esforço nesse campo pode ser compreendido como o de substituir a pretensão pedagógica de um ideal educativo (qual o melhor modo de educar?) por uma discussão sobre as condições de possibilidade de qualquer educação (o que é necessário acontecer para que haja uma educação?). (VOLTOLINI, 2011).

Tomar a psicanálise na interpretação dos fenômenos sociais pressupõe aceitarmos o desafio de lidar com as vicissitudes do inconsciente, como bem nos coloca Kupfer (1989):

Por acreditar que o inconsciente introduz, em qualquer atividade humana, o imponderável, o imprevisto, o que se desvanece, o que nos escapa, não há como criar uma metodologia pedagógico-psicanalítica, pois qualquer metodologia implica ordem, estabilidade, previsibilidade. (KUPFER, 1989, p. 97).

A psicanálise possui, entretanto, uma certa metodologia e técnicas próprias de condução do trabalho analítico traduzidas como dispositivos que favorecem a emergência do

inconsciente. Porém, o educador investido na psicanálise precisa abdicar de seu papel (caso o exerça) moralizante e/ou excessivamente controlado, para adentrar um terreno de incertezas, como novamente esclarece a mesma autora:

O educador inspirado por ideias psicanalíticas renuncia a uma atividade excessivamente programada, instituída, controlada com rigor obsessivo. Aprende que pode organizar seu saber, mas não tem controle sobre os efeitos que produz sobre seus alunos. Fica sabendo que pode ter uma noção, através de uma prova, por exemplo, daquilo que está sendo assimilado, naquele instante, pelo aluno. Mas não conhece as muitas repercussões inconscientes de sua presença e de seus ensinamentos. Pensar assim leva o professor a não dar tanta importância ao conteúdo daquilo que ensina, mas a passar a vê-los como a ponta de um iceberg muito mais profundo, invisível aos seus olhos. (KUPFER, 1989, p. 97).

Ao lidar então com a hermenêutica psicanalítica, assentada numa epistemologia que é teoria e prática simultaneamente, o pesquisador assume o desafio de implicar-se em seu estudo, da mesma forma que o analista se implica em sua clínica: não de haver-se com seus desejos, transferências, memórias e esquecimentos. Ambos se inscrevem como sujeito e objeto de seu conhecimento. E esse exercício é proporcionado pela escuta do sujeito (paciente/objeto) que, ao transmitir sua palavra ao analista/pesquisador, revela seu sintoma. Mas, para que haja a manifestação do inconsciente nessa dinâmica, o analista/pesquisador, precisa exercer a “atenção flutuante”: as modulações inferenciais que caracterizam o fazer interpretativo do analista no ato de sua escuta. (BEIVIDAS, 2009). Trata-se de uma postura de suspensão dos juízos e hipóteses pré-estabelecidas que podem levar o pesquisador/analista a aprisionar-se em verdades egoicas e enquadramentos precipitados.

Beividas (2009) caracteriza a atenção flutuante como uma postura constituída por dois tipos de raciocínios inter-relacionados: a abdução e a catálise. O primeiro seria uma espécie de juízo perceptivo que se aproxima de um *insight*, enquanto o segundo é um procedimento “em regressão”, uma retroleitura que se faz do objeto. Assim, a atenção flutuante da escuta clínica – e seu fazer interpretativo – só pode ser definida como uma “psicatálise abdutiva”, ou seja, um raciocínio abduutivo alinhado ao sentido retroativo da análise.

No presente estudo, a psicanálise é tomada como uma lente que me permitirá lançar um olhar sobre esse sujeito clivado (consciente/inconsciente), atravessado pela adolescência, pela escola e pelo exercício autoral no ciberespaço. Como estudo do inconsciente, a psicanálise nos ajuda a pensar no mal estar presente na nossa cultura, estabelecendo relações entre o mundo interno e externo, sem, no entanto, apontar para uma

separação de fato.

Em seu texto “O mal estar na civilização”, Freud (1929/1996) problematiza a incessante busca do homem pela felicidade, enunciando um conflito inerente à nossa condição de vida em sociedade: sempre haverá um embate intransponível entre as pulsões internas e as exigências da civilização. Para vivermos juntos, num projeto maior que nossa própria esfera pessoal, precisamos sacrificar nossa libido, aqui entendida como uma energia vital, propulsora das pulsões. Sem lugar para a satisfação pessoal, o homem sacrificado encontra o mal estar em sua cultura e dele torna-se refém. As relações pesam entre os homens quando não há espaço para a emergência das singularidades, dos desejos. O mal estar na civilização é representado, assim, pelo mal estar nos laços sociais.

Na escola, esse mal estar fica evidente quando professores, direção e pedagogos não sabem o que fazer para lidar com aqueles que não se encaixam na *norma* geral apresentada nas suas propostas pedagógicas (SOUZA, 2007). A escola que conhecemos reveste-se dos moldes civilizatórios que exigem dos sujeitos um sacrifício permanente de sua singularidade. Sem espaço para “ser” ou “desejar”, o sujeito investido no papel de estudante abandona-se de si mesmo para atender às demandas da instituição escolar.

Millot (1990), em seu emblemático livro “Freud Antipedagogo”, analisou as críticas de Freud à educação (que nunca chegou a dedicar-se com afinco a este tema, mas deixou em suspenso algumas reflexões que vieram a ser mais fortemente exploradas pelos estudiosos de psicanálise e educação) e nos alertou para a impossibilidade de transpor o antagonismo existente entre a educação e a moral sexual civilizatória e a manifestação das tendências pulsionais de cada sujeito. Como resultado desse conflito, resta aos sujeitos extravasar essas energias por via colaterais, nem sempre saudáveis, e que podem levar a uma satisfação neurótica ou perversa de suas pulsões.

Tanto os pais quanto os professores, investidos num projeto educativo pertinente às demandas sociais, não conseguem propiciar um espaço ou tempo que atenda às demandas da vida íntima das crianças e dos adolescentes. Sendo majoritariamente proibitiva e coercitiva, a educação dos adultos torna-se avessa à própria psicanálise, que nasce investida na tarefa de dar voz e lugar ao sujeito do inconsciente, com seus sonhos e desejos reprimidos.

De Lajonquière (1999), dedicado ao estudo da psicanálise e da educação, realiza uma leitura, a partir da utilização de conceitos psicanalíticos, do sintoma social que nomeia como discurso (psico)pedagógico hegemônico, que é sustentado por uma ilusão e que desvirtua tão gravemente a educação, sendo o responsável pelo fracasso da mesma nos dias de

hoje. Sua crítica recai nas concepções maturacionais do desenvolvimento humano nas quais se apoia a pedagogia moderna, tendo a ilusão de poder controlar o processo educativo. Cada ato realizado por um adulto é pensado nesses termos, recorrendo a manuais de instrução de “como funciona”. Desta forma, a criança e o adolescente ocupam um lugar de objeto desse discurso, perdendo a possibilidade de vir a se constituírem como sujeitos de um desejo.

2. ADOLESCÊNCIA

Adolescência vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), referindo-se, portanto, ao processo de crescimento. O termo deriva também de “adolescer”, origem da palavra adoecer, fazendo com que esses significados indiquem a condição de crescimento físico e psíquico que ocorre como um adoecimento, ou seja, com sofrimentos emocionais e transformações biológicas e mentais (OUTEIRAL, 2003).

É definida como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS e SILVARES, 2010). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos. A ONU também usa o termo *jovens adultos* para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. Atualmente usa-se, mais por conveniência, agrupar ambos os critérios e denominar adolescência e juventude ou adolescentes e jovens em programas comunitários, englobando, assim, os estudantes universitários e os jovens que ingressam nas forças armadas ou participam de projetos de suporte social denominado de *protagonismo juvenil*. (EISENSTEIN, 2005).

Como pode ser observado, as definições baseadas na faixa etária para caracterizar o período da adolescência sofrem algumas divergências e, inclusive, tendem, nas últimas décadas, a estender-se para além dos 24 anos. Essas mudanças na compreensão da idade dão-se especialmente pelo fato de que a adolescência não pode ser caracterizada exclusivamente de forma cronológica, mas, sim, dentro de um conjunto de fatores que a tornam muito mais um fenômeno de ordem cultural do que um estágio específico de natureza biológica ou maturacional (como por muito tempo se convencionou).

Há, de fato, um processo de ordem física e psicológica que é visivelmente iniciado no ser humano, como as importantes mudanças corporais (estatura, forma, voz, desenvolvimento sexual), que marcam sua saída da infância e entrada no estágio da puberdade. Contudo, a forma e o tempo de se vivenciar essas transformações serão determinados culturalmente, uma vez que as subjetividades se constituem no encontro do sujeito com seu meio.

Ainda que historicamente tenhamos cunhado o termo adolescência para caracterizar essa fase iniciada pela puberdade e que perdura num processo de transição para a

vida adulta, podemos afirmar com BOCK (2007) que ela não seja uma fase natural do desenvolvimento. Ela ocorre em algumas culturas e em outras não, havendo sociedades em que a criança se torna adulta em menos tempo. Na nossa, ela é derivada de uma estrutura socioeconômica que exige um longo tempo de preparação para entrar na vida adulta, no mercado de trabalho, na formação de uma família, na independência dos pais, passando o próprio indivíduo a cuidar de si. Nesse sentido, o projeto de “adulto” estabelecido socialmente implicará diretamente na trajetória na qual a adolescência deverá se conduzir.

Para Coll, Marchesi e Palácios (2004), durante séculos, perdurando até o fim do século XIX, as crianças se incorporavam ao mundo do trabalho entre os sete anos e o início da puberdade. Não existia uma cultura adolescente, nem a adolescência era percebida como um estágio particular do desenvolvimento. Tais autores explicam que, com a industrialização, houve a necessidade de formação e os estudos ganharam importância. Dessa forma, o grupo dentro dessa faixa etária considerada adolescente passou, em nossa sociedade, a ter características próprias, podendo ser abordada como uma construção social e cultural considerada de diferentes formas ao longo do processo histórico. Em diferentes contextos, a adolescência costuma ser investida de símbolos e valores específicos condizentes com cada época. (SANTOS e PRATTA, 2012).

O presente estudo ater-se-á, contudo, à abordagem que valoriza o *pathos* psíquico. Ao lembrar que a origem grega da palavra *pathos* se faz presente na palavra patologia, que significa sofrimento, Berlink (1999) reforça a ideia de que a patologia vem de longe e de fora, tomando o corpo e fazendo-o sofrer. Nesse sentido, o autor sugere que se deve transformar *pathos* em experiência, como algo além do transitório, que seja capaz de ampliar e enriquecer o pensamento. (AYUB, 2009).

2.1 A ADOLESCÊNCIA SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

Apesar de nunca se referir à “adolescência”, Freud registrou em seus estudos as mudanças ocorridas na psiquê humana naquilo que chamou de “transformações da puberdade”. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905/1997) afirma que a puberdade é um verdadeiro momento de metamorfose da subjetividade.

Antes de adentrarmos essa esfera de transição, precisamos relembrar a importante e polêmica teoria sobre a sexualidade infantil assinalada por Freud. Numa época em que parecia inconcebível não apenas adentrar as questões mais íntimas e consideradas “tabu” pela

sociedade vitoriana, com suas tradições e puritanismo moral, a psicanálise vem romper um paradigma sobre a infância e a inocência imaculada das crianças, ao alegar que todos os sujeitos, desde a mais tenra idade, já possuem sexualidade e se constituem por meio de pulsões sexuais. Aquilo que até então parecia somente irromper nos seres humanos ao alcançarem uma determinada maturação, evidenciada a partir da puberdade, na verdade, conforme assinalado por Freud, já era constituinte dos sujeitos desde o momento de seu nascimento.

No entanto, a sexualidade infantil possui suas especificidades, dentro de um processo que Freud concebe como predominantemente autoerótico, ou seja, os prazeres e satisfações experimentados pelo bebê e pela criança são de uma ordem muito mais independente e autoexploratória, enquanto nos adultos eles tornam-se mais voltados para alvos externos e, portanto, são mais dependentes do outro para encontrar prazer e satisfação.

Há também um importante processo psíquico muito trabalhado por Freud que se inicia na infância e atravessa, direta ou indiretamente, as demais fases da vida, denominado “Complexo de Édipo”. Esse conceito refere-se ao período em que a criança, seja menino ou menina, demonstra seus primeiros traços de amor a seus pais, ou referências parentais, por receber deles afeto. Via de regra, o menino demonstra ter desejos intensos de amor por sua mãe, concluindo, por fim, ser o pai seu rival; a menina, em primeira instância, também demonstra ter desejos intensos de amor por sua mãe, mas, realizando a troca de seu "objeto original", demonstra ter desejos intensos de amor por seu pai. (FREUD, 1931/1996).

Lacan (1995) releu a teoria freudiana, explicando então o Édipo em três tempos. Inicialmente, quando a criança ainda é muito pequena e dependente da mãe, ela a enxerga como um espelho e extensão do próprio corpo e se reconhece como o único objeto de desejo dela, numa espécie de fantasia incestuosa.

No segundo tempo, o pai se torna presente como uma figura proibidora, aquele que interdita o desejo da criança pela mãe. Ele atua como uma autoridade que impõe regras e limites, indicando à criança o seu lugar na relação familiar. Essa figura paterna culturalmente construída, passa a ser introjetada desde cedo com um signo da Lei que se inscreve nos sujeitos.

O terceiro tempo se refere ao momento em que a criança passa a perceber a mãe como um objeto de desejo impossível, dado que é interditado pelo pai, o que a mobilizará em busca de outros objetos de desejo fora daquela relação parental. Nesse contexto, o pai aparece como uma figura de identificação, em que passa a ser visto como um homem cotidiano, com

seus defeitos e qualidades, sem os velhos traços de idealização ou rivalidade. Essa configuração marca o lugar ambivalente do sujeito (ego) para sempre dividido entre o desejo (id) e a Lei (superego). Esse seria o caminhar esperado de uma constituição psíquica tida como “normal”, em que o complexo edípico se dissolve.

Todas as relações que desenvolveremos ao longo da vida sofrerão influência dessa experiência primária vivida com os pais, sendo, portanto, todos os laços sociais e afetivos carregados de ambivalência. Para Freud, todas as pessoas a quem somos ligados em nossa socialização são figuras substitutivas das pessoas com as quais nos relacionamos em nossas mais tenras idades, isto é, nossos pais.

[...] Relacionamentos posteriores são assim obrigados a arcar com uma espécie de herança emocional, defronta-se com simpatias e antipatias para cuja produção esses próprios relacionamentos pouco contribuíram. Todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos. (FREUD, 1914/1996, p. 257).

A relação que estabelecemos com o nosso desejo e com as regras e autoridade estabelecidas também serão marcadas por essas experiências iniciais.

A adolescência carrega, assim, as marcas das experiências introjetadas da sexualidade infantil e da estrutura edípica formada na relação com os pais. O que ocorre nesse processo de transição da infância para a puberdade é, portanto, uma espécie de (re)abertura da sexualidade que se encontrava internalizada e de busca de uma nova identidade, que passam a (re)constituir-se e expressar-se no mundo externo, no Outro.

Esse caminho, no entanto, mostra-se bastante complexo, uma vez que serão despertadas uma série de impressões psíquicas experimentadas na infância que, muitas vezes, não encontraram um lugar na consciência e foram esquecidas ou, então, sofreram um impedimento ou bloqueio que deram origem aos emblemáticos “recalques”. Esse tipo de reavivamento psíquico iniciado na puberdade é o principal gerador, para Freud, das frequentes tensões e conflitos experimentados pelos adolescentes. Como se uma espécie de ebulição sexual aliada ao desejo imperativo de reconstrução da própria imagem tomasse conta da vida psíquica, mas sem nunca encontrar um caminho fácil de confluência, considerando que, tanto os limites da experiência infantil irão resvalar ao longo da puberdade e, mais tarde, na vida adulta, como os limites da cultura irão se circunscrever na ação dos sujeitos no mundo.

Lacan (1998) revê a complexidade da adolescência como a elaboração do luto dos pais da infância, do corpo infantil e o real do sexo. Os traços de rebeldia, tão comuns na adolescência, são, nessa leitura, uma consequência do processo de superação dos pais e da

própria infância, uma forma de simbolizar o luto pela etapa que fica para trás e uma busca por uma nova identidade, uma reedição do próprio narcisismo. A noção do “eu” infantil, que parecia completo, entra em conflito com essa imagem de si mesmo e a saída possível será uma tentativa de superar essa impossibilidade na forma de um Ideal de Eu. (FREUD, 1914/1996).

Os fantasmas da infância acompanham o adolescente, mas também o engajam novos lugares de palavras, de objetos e de outros. O adolescente busca novos significantes. (RASSIAL, 1999).

O período da adolescência seria, na perspectiva psicanalítica, um trânsito complexo e exigente do sujeito da infância para o sujeito da vida adulta, ou seja, é quando é invocada a saída de um sujeito autocentrado, cujas necessidades e desejos orbitavam em torno de si mesmo, para um sujeito voltado para o outro, para o mundo, cujas necessidades e desejos passam a ser dirigidas para um alvo externo. A sexualidade e o desejo, combustíveis desse processo, passa a constituir-se numa permanente tensão causada pelas demandas externas, advindas dos outros sujeitos e sua relação com a cultura estabelecida, e as pulsões internas, que agora vêm à tona de forma mais intensa e elaborada, convocando o sujeito a ressignificar sua libido em seu ego não mais infantil.

São esperadas então as angústias, medos e o horror como sintomas do mal estar provocado pela dinâmica social do desprazer e da frustração do ego infantil, para o cumprimento de um papel num novo lugar, o de adulto (a ser) constituído dentro de um projeto civilizatório movido a regras e contradições.

As pulsões sexuais na adolescência tendem a reservar-se num espaço íntimo e, muitas vezes, oculto, podendo, contudo, assumirem-se sob outras formas no mundo externo, como por meio de grandes ímpetos que surgem em torno de uma grande fonte de interesse, seja de natureza intelectual, artística, lúdica ou, até mesmo, alguma atividade transgressora, rebelde. Esse efeito de sublimação da sexualidade, por meio de diferentes “disfarces” ou “encobrimentos” criativos, tornam a adolescência uma época de grande potência fértil em diferentes aspectos da vida do adolescente.

2.2 ADOLESCÊNCIA E CONSUMO

Ainda hoje, discutir a adolescência é tarefa bastante complexa, visto que é considerada um fenômeno moderno, ou seja, uma metáfora da modernidade (SANTOS e PRATTA, 2012) que podemos entender tanto no sentido de uma passagem ou transição na qual se situa constantemente o sujeito contemporâneo ou do lugar de idealização do adolescente, como um projeto desejado de juventude, de beleza, de liberdade, de potência do sujeito.

Ambos os lugares que ocupam a adolescência no imaginário moderno também prestam serviço à cultura do consumo, numa trama perversa de alienação do sujeito em torno de um desejo e de um gozo traduzidos e multiplicados pela lógica mercadológica.

A cultura de consumo pode ser conceituada como uma interligada rede de simbolismos decodificados por imagens, textos e objetos que são usados pelo coletivo para construção de práticas, identidades e significados sobrepostos e, por vezes, conflitantes, que são produzidos comercialmente para orientar as experiências de seus membros e torná-las senso coletivo de seus ambientes (CARVALHO, QUEIROZ e BERGAMO, 2017).

Lacan (1985) nos fala que a dinâmica psíquica dos sujeitos na sociedade contemporânea, evidencia o deslizamento do “consumismo” à “consumição”, que leva o sujeito da posição de consumidor à de objeto consumido. O que antes se concebia como o Discurso do Mestre, é substituído pelo Discurso do Capitalista, numa dinâmica em que os ideários éticos e valores sociais de uma época dão lugar a uma ditadura do gozo, tornando-se imperativa a busca (infindável) pela satisfação narcísica do suposto “indivíduo” moderno.

Essa dinâmica social do consumo, focada na primazia do indivíduo, alimenta um novo conceito de ética, que substitui o sentido da coletividade tradicional por uma ética narcísica, formatada para cada indivíduo, pois o bem que a sustenta é preponderantemente individual. (CONTE, 2008). Como consequência, há uma mudança nas trocas interpessoais pela posição que ocupam os sujeitos na relação com os objetos na sociedade de consumo: “Você é o que você consome”. Revestida de signos de reconhecimento, sucesso e performance, a mercadoria vende a ideia de uma vida perfeita e inalcançável. Kehl (2002) auxilia nessa direção trazendo que os ideais sociais de consumo impõem a crença em uma satisfação impossível de ser sustentada como resposta ao imperativo “goze!”, “consume!”. Isso altera a relação com a Lei e com os códigos.

Sendo a satisfação plena e permanente um estado inalcançável da condição

humana, como já assinalado por Freud em “O mal estar na civilização”, mas uma busca incessável durante a vida, restam aos sujeitos tentar tamponar a falta ou fissuras provocadas pelo desamparo por meio de mecanismos de solução parcial. Nesse sentido, consumir produtos, desenvolver condutas compulsivas ou adições de diferentes naturezas, revelam um sintoma social que consolida uma lógica hedonista em que o mal estar de nossos tempos busca ser silenciado através do imediatismo de uma solução calmante ou entorpecente (CONTE, 2008).

Ainda que possam ser praticados em diferentes intensidades e estarem inseridos em diferentes categorias de valor e/ou aceitabilidade social, os vícios impulsionados pela sociedade de consumo funcionam como respostas à ideia do imediatismo, da supervalorização dos produtos e na sua imprescindibilidade, na velocidade, na instantaneidade. Não apenas o consumo de drogas, mas os consumos imperativos servem todos como uma espécie de anulação/anestesia do mal estar social e das subjetividades (CONTE, 2008).

No ambiente de pesquisas sobre comportamento do consumidor e cultura de consumo, o público adolescente tem ganhado especial atenção, mesmo não sendo objeto de estudo corriqueiro no Brasil. Esse grupo social é considerado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) como consumidores que se sentem mais atraídos pelo *design* agregado aos bens e pelo ambiente de compra do que pelo preço baixo. Assim, os adolescentes são altamente influenciados por produtos e serviços que reflitam seu estilo de vida, sua compulsividade, baixa resistência ao risco e seu grande exercício de consumo, comprando, por vezes, bens desnecessários. (CARVALHO, QUEIROZ e BERGAMO, 2017). No mesmo estudo, afirmam que experiências hedônicas de compra são mais fortemente visualizadas em culturas individuais do consumo, que em culturas coletivas, sendo mais associadas à orientação e extensão do “eu”. Esses dados nos levam novamente à afirmação de Lacan quanto ao processo de substituição do Mestre, representante da tradição e da coletividade, pelo Capitalista, agenciado pelo indivíduo a serviço do narcisismo.

Assim, podemos observar que a entrada do sujeito na adolescência também implica a sua entrada numa cultura carregada de demandas e idealizações que, ao mesmo tempo que o percebe como um projeto, um *vir a ser* adulto, também o concebe como um objeto de desejo, um estado idealizado.

2.3 ADOLESCÊNCIA E A CULTURA DE FÃS

O Dicionário Aurélio² define “fã” como um “indivíduo que admira entusiasticamente uma figura pública, geralmente do mundo do espetáculo. Pessoa que nutre grande admiração por alguém ou alguma coisa”. Jenkins (1992) informa, por meio do Dicionário Oxford, que “fã” é uma forma abreviada da palavra “fanático”, que tem suas raízes na palavra latina “fanaticus”. Em seu sentido mais literal, “fanaticus” significa simplesmente “De ou pertencendo ao templo, um servo do templo, um devoto”, mas rapidamente assumiu conotações mais negativas, “de pessoas inspiradas por ritos de orgias e frenesi entusiástico”. (JENKINS, 1992, p. 12).

Nessa leitura, o autor nos coloca que, historicamente, o termo “fanático” foi associado a formas excessivas e equivocadas de crenças religiosas ou políticas, que levavam as pessoas a agir de forma insana, como se estivessem numa espécie de “posse demoníaca”. Porém, a forma abreviada “fã” apareceu pela primeira vez no final do século 19 nos Estados Unidos, em relatos jornalísticos, descrevendo seguidores de equipes esportivas profissionais (especialmente no beisebol), num momento de popularização dos espectadores.

Ademais, um de seus primeiros usos foi em referência às mulheres frequentadoras de teatro, chamadas de “garotas da matinê”, cujos críticos do sexo masculino alegavam que sua assiduidade se dava muito mais em torno da admiração pelos atores do que pelas peças em si. (JENKINS, 1992) . A ambiguidade entre fanatismo e admiração, para Jenkins, caminham juntas desde então e ainda se mostram presentes em muitas das representações de fãs no discurso contemporâneo.

O que melhor caracteriza o estudo de Jenkins é sua percepção positivamente diferenciada sobre os fãs. Enquanto muitos associam esse tipo de espectador a um consumidor passivo e acrítico de um produto cultural, ele percebe que os fãs constituem uma comunidade particularmente ativa e expressiva de consumidores cujas atividades direcionam a atenção para um processo de apropriação cultural. A vigorosa admiração que os fãs desenvolvem em torno de um objeto artístico ou cultural é capaz de promover um aprofundamento e uma criticidade mais aguçada sobre estes, do que no restante do público em geral devido à intensidade de seu interesse.

Essa mobilização em torno de um importante objeto de interesse acaba levando, muitas vezes, os fãs a um processo recriação artística, por exemplo, quando buscam

2 (<https://dicionariodoaurelio.com/fa>)

reescrever uma obra literária ou um roteiro de cinema, destacando personagens ou cenários, cruzando-os com outras histórias, enfim, interagindo e alterando sua fonte original a seu bel prazer e imaginação.

Não intimidados pelas concepções tradicionais de propriedade literária e intelectual, os fãs atacam a cultura de massa, reivindicando seus materiais para uso próprio, retrabalhando-os como base para suas próprias criações culturais e interações sociais. Fãs aparentemente ofuscam as fronteiras entre fato e ficção, falando de personagens como se tivessem uma existência à parte de suas manifestações textuais, entrando no reino da ficção como se fosse um lugar tangível que eles possam habitar e explorar. (JENKINS, 1992, p. 26)

O autor inicia seus estudos sobre a cultura de fãs a partir da observação de comunidades nos Estados Unidos formada por telespectadores assíduos de séries de TV, como *Twin Peaks* e *Star Trek*, que se reuniam periodicamente para trocar ideias, reviver as histórias e, inclusive, reescrevê-las. Esse exercício dos fãs revelava não apenas um sentido de coletividade suscitado pelo interesse em comum, mas também um processo ao qual Jenkins se referiu como “cultura participativa”. A potência dos fãs passa a ser vista não apenas como na recriação de histórias, mas também na transgressão autoral e comercial, já que representam um grupo “ilegítimo” de autores e artistas.

Certeau (1994) teve parte nessa visão adotada por Jenkins quando escreveu sobre a recepção ativa dos leitores quando em contato com uma obra literária, referindo-se a eles como “viajantes”: “(...) eles se movem por terras pertencentes a outra pessoa, como nômades se arrastando por campos que não escreveram, roubando a riqueza do Egito para se divertirem” (CERTEAU, 1994, p. 174). A circulação de significantes entre o olhar do leitor e a obra em si, dão à leitura um caráter majoritariamente interpretativo, multifacetado, uma vez que resvala inevitavelmente na subjetividade de seu receptor.

A diferença entre o leitor comum e o fã está um passo à frente, pois o fã geralmente materializa a sua recepção por meio da exposição aos demais adeptos. Ao buscar compartilhar sua fonte de interesse com outros iguais, cria-se um status de grupo que passa a ser entendido como “fandom”, que seria uma espécie “domínio dos fãs” (ou fã-clubes, como os conhecemos no Brasil), que “sinaliza uma declaração de afeição mais ampla e compartilhada”. (MORRISSEY, 2016, p. 353). E continua: “Quando pesquisadores estudam *fandom*, eles frequentemente querem saber como os fãs estão se envolvendo com a mídia e dando sentido à cultura popular” (MORRISSEY, 2016, p. 353).

Com o advento da internet e integração da cultura digital, os *fandoms* passaram a

constituir-se principalmente por meio de fóruns e plataformas virtuais, nos quais os fãs discutem e exploram suas histórias e artistas preferidos.

Contudo, como a adolescência se inscreve na cultura de fãs? Numa parte posterior desse trabalho, a questão da formação de grupos na adolescência será mais bem explorada. Porém, o que podemos adiantar até agora é que a adolescência, enquanto uma fase subjetiva, implica fortemente num processo de busca dos sujeitos por objetos externos, com os quais possam se identificar e sublimar seus desejos mais íntimos. A necessidade imperativa de rompimento com a vida infantil e com a dependência familiar, torna-os mais propensos às paixões ou fantasias temporárias de serem acometidos por agentes externos que os arranquem daquela condição. Como se ensaiassem sua saída da infância por meio da imaginação, da simbolização de seus anseios em objetos de desejo inacessíveis ou intocáveis, como artistas ou obras de ficção, com os quais podem sonhar, mas também manterem-se protegidos em sua vida material.

Assim, enveredar-se como fã torna-se um caminho recorrente na adolescência, na medida em que está estabelecida a abertura para as conexões emocionais com objetos fictícios. A reunião de adolescentes em torno de um objeto de interesse comum leva-os, mais frequentemente, a constituírem os tais fã-clubes, ou *fandoms*, como pode ser verificado no site no qual essa pesquisa se baseou, demonstrando ser essa uma configuração favorável aos processos de identificação e sublimação que urgem nessa fase da vida.

Nakagome e Murakami (2013) observam que a cultura de fãs reflete uma paixão e uma criatividade em torno de uma obra ou um artista invejáveis à cultura escolar que, frequentemente, se vê às voltas com o desinteresse dos estudantes pela literatura, por exemplo. Na percepção das autoras, os fãs representam um modelo de leitor conhecedor e autônomo que desejamos formar em nossas escolas.

Sabemos, no entanto, que são muitas variáveis que influenciam o (des)andar da escola e a psicanálise nos tem ajudado a pensar nos espaços e lugares que parecem intransponíveis entre os sujeitos e as instituições que resvalam também nas relações entre alunos e professores e resultam na dificuldade da constituição de laços sociais.

Pensaremos um pouco mais sobre isso a seguir.

2.4 ADOLESCÊNCIA E ESCOLA

Calligaris (2000) defende ser inevitável uma insatisfação e inquietação dos adolescentes em nossa sociedade, pois “numa cultura individualista como a nossa, espera-se de antemão que qualquer sujeito se construa um lugar e se invente um destino contra o que a tradição e o berço onde nasceu lhe reservam” (CALLIGARIS, 2000, p. 63). Situação que se relaciona a uma diluição dos ritos de passagem ao longo do tempo. De acordo com Manoni (2004), a única forma de passagem que é oferecida hoje aos jovens é o “modelo escolar”. Porém, algo grave acontece aí, pois eles não sabem em que são iniciados.

Em uma resposta que redige sobre o elevado número de suicídios de estudantes secundaristas na sua época, Freud (1910/1996) coloca que a escola deve oferecer aos alunos apoio e amparo, pois esse é o momento em que os adolescentes “afrouxam” seus vínculos com a família para se interessarem por outros ambientes na vida. No mesmo ensaio, Freud alega que os adolescentes são indivíduos imaturos e que a escola deve acolhê-los, mesmo nos seus aspectos mais desagradáveis (FREUD, 1910/1996, p. 217). Em outros ensaios, Freud acentua a importância da escola e dos educadores para a formação do sujeito, quando utiliza exemplos de sua própria experiência de vida para afirmar que o ambiente escolar, seja pela presença dos colegas, seja pela presença dos professores, teve influência significativa sobre suas escolhas, sua carreira e seu pensamento (OLIMPIO e MARCOS, 2015).

Freud então nos presenteou com uma reflexão que balizou o pensamento sobre a educação e psicanálise: “É difícil dizer o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres [...] para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores” (FREUD, 1914/1996, p. 248).

No “Prefácio à juventude desorientada”, de Aichhorn, Freud (1925/1980) destaca que a educação tem como objetivo “orientar e assistir as crianças em seu caminho para diante e protegê-las de se extraviarem” (FREUD, 1925/1980, p. 307). Nesse ensaio, ele deixa claro que a tarefa da escola é educar inibindo, proibindo e coibindo, mas desde que com moderação. Acrescenta, ainda, que se deve levar em consideração a diferença entre as crianças, de forma que não se deve padronizar o método educativo. Ele ainda sugere que, para o melhor desempenho da sua função, os educadores devem conhecer a psicanálise e encoraja-os a submeterem-se a ela para compreenderem melhor a si e aos seus alunos. (OLIMPIO e

MARCOS, 2015).

As reflexões de Freud acerca do papel da educação – e da psicanálise como possibilidade de amparo a essa função social – levam-nos a pensar sobre “como” fazer isso melhor, sobre como se daria essa relação entre educação e psicanálise a serviço do professor e do seu aluno adolescente.

2.5 A TRANSFERÊNCIA NO ATO EDUCATIVO

O sujeito adolescente, atravessado pelas metamorfoses de puberdade, em que se vê às voltas com a desconstrução da infância e dependência familiar, tende a buscar na escola um lugar de transferência de autoridade e afeto, onde poderá amparar-se com segurança para, então, ganhar autonomia e ressignificar sua própria identidade. Esse processo acarreta, inevitavelmente, na transferência das referências parentais dirigidas à figura do professor, que passa a ser investido de uma importância especial. Claro que as experiências anteriores dos alunos influenciarão positiva ou negativamente essa transferência, que aparecerá como uma reedição dos afetos passados.

Para Kupfer (1989), na transferência, a figura do professor é esvaziada de sentido e preenchida pelo aluno conforme sua fantasia. Transferir é “atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo” (KUPFER, 1989, p. 92) . Se o desejo do aluno transfere determinado sentido ao professor, conhecer esse sentido é quase impossível. A autora nos lembra que o professor pode ter, no máximo, alguns *flashes* desse desejo e, mesmo assim, se for bastante atento à singularidade desse aluno de modo que possa perceber o sentido atribuído a partir do desejo inconsciente.

Na perspectiva psicanalítica, o professor deveria, portanto, renunciar a essa posição de sujeito detentor do saber, que Freud chamou de Ideal do Eu. Esse lugar poderoso, de um sujeito que detém o saber, é dado ao professor pelo aluno. Renunciando a esse lugar, o professor contribui para que o aluno lide com a frustração de não corresponder às suas próprias expectativas e com isso abra uma importante porta para livrá-lo de seu passado infantil. É como se o professor passasse a sair de cena, dando condição ao aluno de caminhar de forma um pouco mais autônoma, o que é fundamental para se constituir como sujeito. No entanto, a tendência é o professor fazer uso do lugar de poder que lhe é conferido para impor ao aluno suas ideias e valores, ou seja, impor o próprio desejo (SANTOS, 2009).

Caso o professor caia nessa armadilha de seu próprio narcisismo, acabará

castrando o poder desejante de seu aluno, pois ao se exhibir como detentor do saber absoluto, o professor se coloca como um ser completo, possuidor daquilo que falta ao aluno e que pode completá-lo (e a completude é sempre uma ilusão). A tarefa do professor se resumirá, assim, de acordo com Kupfer (1989), a contribuir para a formação de um ideal que tem uma função meramente reguladora.

Nesse caso, o aluno poderá tanto se tornar um mero reprodutor dos conteúdos passados pelo professor, sem nunca atingir, de fato, uma autonomia, como também poderá simplesmente aborrecer-se ou desinteressar-se, não se inscrevendo, portanto, como educando. Ambas consequências refletem igualmente a falta de um lugar para a emergência das singularidades do aluno por somente darem espaço para a padronização do ato educativo.

É importante, porém, lembrar que esses processos costumam ocorrer tanto no professor quanto no aluno de forma inconsciente, dificultando, assim, sua compreensão e possíveis saídas. Tende-se, usualmente, a focar especialmente em métodos e técnicas como respostas aos impasses pedagógicos, desconsiderando, muitas vezes, os processos subjetivos nos quais os sujeitos professor e aluno estão investidos.

Kupfer (1989) nos diz que, para o professor trabalhar em prol do sujeito, ele deve renunciar também a outros ideais, tal como a preocupação excessiva com métodos de ensino ou com a didática padronizada, além de abandonar as técnicas de adestramento, as recompensas e premiações. Também é fundamental procurar reduzir a homogeneização presente no ambiente escolar, justamente por entender que cada sujeito detém sua singularidade e transfere ao professor representações e sentidos diversos (RIBEIRO, 2014).

O problema na didatização excessiva da escola é que ela reflete também uma tendência massificante da sociedade, na qual os discursos capitalistas e científicos se inscrevem e resultam no apagamento das exceções e dos laços, a coisificação do sujeito e a segregação. Nesse sentido, Lacan, Olimpo e Marcos (2015) entendem que a escola precisa acolher as diferenças ao mesmo tempo em que dá voz às individualidades. Segundo os autores,

Na escola, o sujeito deverá se sentir incluído, mas também separado. O posicionamento do sujeito no mundo frente à dualidade (fazer parte do Todo e ser Um) tem sido dificultada por parte da sociedade atual que não agrega (OLIMPIO e MARCOS, 2015, p. 504).

Isso não significa, contudo, que a psicanálise seja favorável à liberdade total e ausência de limites, em prol do desejo. Sabemos, desde Freud, que o domínio das pulsões são imprescindíveis para a adaptação da vida em sociedade. Ao exercer, pois, sua autoridade, o

professor também ajuda o aluno a inscrever-se num mundo que é composto por regras sociais. O que a psicanálise nos lembra a todo tempo é que a autoridade do professor não deve anular as singularidades dos alunos, mas dar um lugar para elas, dentro dos limites estabelecidos pela cultura. Assim, sempre haverá um nível de frustração no ato educativo, seja pela aceitação da falibilidade do professor, seja pela impossibilidade de estar sempre em dia com o próprio desejo, mas também um desafio e um aprendizado na superação do narcisismo e na possibilidade constituição de laços sociais dentro do espaço escolar.

A compreensão sobre os processos inconscientes proposta inicialmente por Freud e relida pelos estudos em educação e psicanálise indicam, mas não prescrevem, possibilidades aos professores diante da complexidade do ato educativo. Olhar a si mesmo e, então, olhar o outro-adolescente implica perceber-se, a todo tempo, como um sujeito também dividido.

Entre o adolescente do passado, aquele que um dia o educador já foi e o adolescente real, de carne, ossos e desejos, estende-se uma diferença radical. Da mesma forma, existe uma diferença entre a imagem ideal do mestre que corresponderia àquela que seria capaz de educar sem perdas e danos e o adulto concreto, incapaz de atender às exigências de perfeição que essa imagem lhe impõe (OLIMPIO e MARCOS, 2015, p. 509).

Ao olhar-se como o adolescente que já foi, o professor diminui as distâncias na relação com o aluno e então pode implicar-se com ele. Esse processo permitirá, por exemplo, o estabelecimento de um diálogo com as experiências vivenciadas hoje pelos adolescentes tanto no mundo físico como virtual, nos quais eles facilmente transitam e de onde retiram seus valores, seus gostos, sua visão sobre o mundo e, por que não, suas próprias regras.

Esse tipo de “empatia” despertada no outro, e que favorece a constituição de laços, é condição fundamental para tudo mais que se espera da educação e sem a qual nada mais opera significativamente.

O “desejo de aprender” surge, nesse contexto, como uma consequência da relação estabelecida entre professor e aluno e não como uma causa, um fato inicial que, por si só, garante o aprendizado.

Voltando então à questão trazida por Nakagome e Murakami (2013) acerca do fã como um modelo desejável de aluno, pensamos que, talvez, a escola não seja o melhor lugar para a emergência dos desejos, tendo em vista que estes requerem um relativo grau de liberdade para o exercício de sublimação, que destoa fortemente da função institucional. Entretanto, se a escola conseguir abrir mão do imperativo didático e de uma tradição distanciada dos interesses genuínos dos sujeitos que ali comparecem como alunos, ela terá mais chances de despertar o desejo pelo conhecimento, seja na forma da literatura, da

matemática ou de tantas outras disciplinas com as quais eles se vêm às voltas na longa trajetória educacional.

As autoras consideram que, no caso da literatura, seja fundamental haver um espaço para aquelas obras lidas por uma “necessidade do coração, não da mente voltada ao cumprimento do programa semestral” (NAKAGOME e MURAKAMI, 2013, p. 81).

Acrescentamos a isso não apenas a flexibilidade na escolha do material (que por si só já enriquece a aula por considerar o fator afetivo como um combustível à leitura), mas também a implicação do professor tanto na relação com o objeto (no caso, a literatura) como na relação com as subjetividades que emergem a partir daquele objeto.

Afinal, perguntamo-nos , será possível ao professor transformar seus alunos em fãs sem ele ao menos inscrever-se como tal em seu próprio ato educativo?

3. FANFICS COMO UM FENÔMENO HÍBRIDO

As *fanfics* são histórias produzidas a partir de uma grande mídia já existente – um livro ou um filme, por exemplo – em que se busca expandir os cânones de ficção. São escritas por pessoas que se identificam como “fãs”, sujeitos mobilizados em torno de uma história, de um tema, de uma obra ou de um artista.

O termo é uma abreviação de *fanfiction*, um composto das palavras de língua inglesa *fan* e *fiction*, que se traduziriam no português como ficção de fãs.

Com o advento da internet, essas histórias passaram a constituir-se predominantemente no ambiente virtual, em sites dedicados à publicação dos fãs. Os fãs-clubes, transpostos ao fenômeno como *fandoms* (algo como “domínio dos fãs”), deram espaço para plataformas de discussão, troca de ideias, criação e expansão de universos ficcionais, das quais os fãs podem extrair elementos para escrever suas histórias.

As histórias de *fanfics* são obras literárias que tomam emprestadas as configurações, enredos, personagens e ideias de todas as formas de cultura popular na tentativa de tecer novas histórias que se baseiam em histórias existentes em todos estilos e formas. (LEE, 2011).

Essa ampla definição sobre o processo de reescrita ou recriação a partir de uma obra já existente nos permite pensar em vários exemplos que facilmente caberiam aqui. Afinal, tudo que produzimos é fruto de uma série de elementos e influências que nos antecedem. No entanto, os fãs caracterizam-se como um público específico desse fenômeno, por reunirem desejos e afinidades em torno de um mesmo objeto pelo qual se sentem instigados a criar histórias nas quais continuam se relacionando com ele por mais tempo.

Lee (2011) relaciona o surgimento das *fanfics* ao crescimento da indústria do entretenimento por meio da ascensão da mídia de massa. Elas seriam, nas palavras de Jenkins (1992), uma espécie de resposta criativa do público aos materiais produzidos pela mídia dominante, pois os fãs os reutilizam de maneira a servir aos seus próprios interesses, prazeres e imaginação. Para Pugh (2005), a *fanfic* é como o “triunfo sobre a força do mercado”.

Entretanto, há autores que não creditam essa força às *fanfics*. Derecho (2006) entende que a *fanfic* não é um gênero de resistência pura, pois existem elementos de pacificação e cooperação com a cultura dominante entre os fãs.

A diluição autoral diante da reapropriação dos fãs pode tanto levá-los a exercer uma transgressão criativa, como também pode ajudá-los a perpetuar uma tendência ou um

produto da indústria cultural.

Essas diferentes percepções sobre o fenômeno das *fanfics* colaboram para que a sua existência seja complexa e nos leve a diferentes reflexões, que as localizam, por um lado, dentro da cultura de massa e, por outro, dentro de um processo de ressignificação autoral. Novamente, a ideia de hibridez e especificidade (ou subjetivação) emerge como efeito.

3.1 FANFICS E A CULTURA PARTICIPATIVA

Jenkins (2009) percebe as *fanfics* e as *fandoms* como resultado de um movimento que se constituiu, especialmente, com o advento da internet, na qual os usuários passaram a interagir em rede, formando grupos de consumidores ativos, empenhados em discutir seus gostos, suas ideias e seus afetos em torno de produtos culturais.

Esse reposicionamento dos usuários da rede gerou uma mudança no modelo de comportamento dos meios de comunicação, que passaram a investir com mais força na interatividade do público com seu produto, de forma a poder lhes proporcionar diferentes experiências de entretenimento. Assim, a participação dos consumidores passou a ser uma condição fundamental para o sucesso de um produto na cultura digital.

Para Jenkins, esse tipo de mudança ocorrida nas últimas décadas permitiu a confluência de três aspectos nos quais o universo digital hoje se constitui e que ele denominou de “cultura da convergência”: a convergência midiática, a inteligência coletiva e a cultura participativa.

A convergência midiática refere-se, de maneira geral, à união de diferentes mídias para dar suporte a um produto. O fluxo de conteúdos relacionados a esse produto percorre por diversas plataformas com o objetivo de agregar mais experiências para o consumidor. Por exemplo: hoje um celular não é apenas um celular, mas também, um aparelho fotográfico, uma câmera de vídeo, permite acesso a distintas redes sociais como *whatsapp*, *facebook*, *instagram* dentre outras tantas funções. Além disso, esse pequeno computador no qual se tornou o celular virou também um receptor de milhares de informações que chegam a todo momento, seja na forma de notícias ou de novos produtos. Ele permite ao seu usuário fazer coisas que antes pareciam restritas ou improváveis como criar vídeos, áudios, textos, conversar com pessoas distantes, conhecer pessoas novas, comprar produtos etc. Essa multiplicidade de ações desencadeadas por um mesmo produto dá sentido à convergência midiática que passou a ser não apenas uma tendência tecnológica, mas uma mudança cultural

por seu impacto no *modus operandi* de grande parte da população.

O segundo aspecto trazido por Jenkins (2009) refere-se à inteligência coletiva, que ele atribui à forma como os usuários das novas mídias passam a estabelecer relações, interagir e colaborar no ciberespaço de uma maneira potencialmente maior do que na realidade material. A possibilidade de emergência de um fazer coletivo é apoiada no pensamento de Levy (2007), que atribuiu ao ciberespaço um caráter mais fluido e menos hierarquizado, capaz de acarretar nos sujeitos uma liberdade maior para se relacionarem, criar conexões e então produzirem juntos. Um exemplo disso é a famosa *Wikipedia*, que funciona gratuitamente na rede como uma enciclopédia colaborativa, na qual as pessoas, de forma voluntária, escrevem e editam conteúdos. Outro exemplo são os fóruns de discussão, muitas vezes voltados exclusivamente para tirar dúvidas ou responder questões sobre assuntos específicos, como informática, jogos, filmes, músicas, dentre outros produtos e temas diversos cuja participação também se dá de forma voluntária.

A cultura participativa seria então o conjunto de fatores reunidos em torno da experiência das convergências midiáticas que se dão no ciberespaço, no qual os consumidores interagem com seus produtos, discutem, propõem, criam conteúdos, relacionam-se e trabalham em rede com ou sem propósitos comerciais.

Para Jenkins, a cultura participativa representa o empoderamento do público, que deixa de ser um receptor passivo das mídias corporativas e passa a ser também cocriador de seus produtos.

Os *fandoms*, portanto, acompanham esse movimento e as *fanfics* resultam num produto criativo dessa nova cultura.

3.2 FANFICS: RESISTÊNCIA OU ALIENAÇÃO?

Mazetti (2009) apresenta alguns contrapontos à perspectiva otimista de Jenkins acerca do protagonismo do novo consumidor formado na convergência tecnológica. Para ele, a reconfiguração desse consumidor empoderado representa apenas uma complexificação do antigo papel, agora adaptado às exigências dos novos tempos.

No eixo mais extremo dessa perspectiva, as tecnologias digitais estariam sendo utilizadas pelas corporações para forjar um espetáculo interativo em que cada espaço aberto à participação do consumidor é milimetricamente racionalizado e ostensivamente vigiado. (MAZETTI, 2009, p. 5)

As tais mudanças culturais apontada por Jenkins não influenciariam, nessa

perspectiva, as assimetrias de poder entre produtores e consumidores, mas avultaria uma reformulação do modo como as corporações lidam com os consumidores. (MAZETTI, 2009).

A utopia do ciberespaço ensaiada por Levy (2007) previu que as tecnologias em rede proporcionariam uma reconfiguração das linguagens praticadas entre os sujeitos, a serviço de um ideal comum, de um novo modelo de existência, capaz de diluir as distâncias e as barreiras sociais. A rede representaria a democratização do conhecimento e das relações de poder, proporcionando a renovação do laço social.

De fato, as novas tecnologias transformaram nossos hábitos e redesenharam a subjetividade contemporânea, impactando nas formas de aprender, trabalhar, consumir, relacionar-se, comunicar-se, dentre tantas outras situações. Porém, sendo o capitalismo um sistema organizador da sociedade, nenhuma ação praticada dentro deste seria isenta de seus efeitos. Assim, a hegemonia do consumo, a diversificação das mercadorias e a imaterialidade (CASTRO, 2009), tornam-se presentes, também, no ciberespaço.

Mas, assim como na estrutura social, existem forças contrárias ou um contrapoder que se manifesta de forma deliberada ou de forma involuntária. No primeiro caso, quando se faz o uso de mídias digitais para ajudar a difundir e fortalecer a luta de um grupo (como é o caso do ciberfeminismo) ou quando se criam veículos de comunicação independentes que produzem conteúdos acessíveis e de fácil compreensão para um público específico, o ciberespaço é apropriado para servir a interesses que fogem à lógica predominante. No segundo caso, Cavalcanti e Nepomuceno (2007) referem-se a uma marca involuntária deixada pelo sujeito que navega no ciberespaço. Ele deixa rastros em seu percurso de usuário da rede, mas sem ter noção da teia que o cerca.

Essa forma involuntária trazida pelos autores que, na verdade, eles chamaram de “inteligência coletiva inconsciente”, não foi concebida como uma forma de resistência, e sim como um desconhecimento do sujeito que favorece a manipulação de dados que podem servir a interesses mercadológicos ou políticos.

Porém, a maneira espontânea com que cada sujeito faz uso do ciberespaço, revela não apenas suas fragilidades, mas também permite que “algo mais” emergja. Dessa forma, a escrita, principal via de comunicação na rede, permite um alcance da palavra muito além dos limites individuais. Ao escrever no espaço virtual, o sujeito se expõe, mesmo sem saber, a um número ilimitado de leitores, que tomarão sua palavra das mais diversas formas. E é exatamente essa potência virtual que permite ao ciberespaço ser também um lugar de ressignificação do sujeito e de suas histórias.

Nesse contexto, as *fanfics* podem, sim, abrigar um espaço para a subjetivação, para a recolocação do sujeito como autor, para a formação de um público informal, às vezes silencioso, que encontra nas narrativas uma forma de se ver representado.

A resistência parece pairar muito mais no lugar do sujeito que escreve do que no da obra ou grande mídia sobre o qual ele escreve. Essa transposição da relação leitor-consumidor para leitor-autor nos foi elucidada por Certeau (1994) ao analisar a forma passiva na qual o telespectador assistia à televisão. Ao que tudo indicava, não havia espaço para algum tipo de interação ou criação na relação com aquela mídia, apenas a instalação de uma postura passiva na recepção do conteúdo transmitido pela grande tela quadrada. Um retrato, portanto, do espírito colonizador da grande mídia e das organizações que ela representava, que assumia seu público como consumidor-passivo.

Em contraponto, ele toma como exemplo as mãos inquietas das crianças rabiscando em seus livros escolares, enquanto assistem às aulas de seus professores. Aquela expressão aparentemente comum e até mesmo vândala, na medida em que “viola” a integridade do livro, podendo custar-lhes uma punição, revelava, entretanto, um sentido criativo, autoral nas páginas dos livros impressos. Como se o leitor, numa espécie de impulso vital, buscasse deixar as marcas de sua existência na obra de outro autor. Esse espaço possível de ser “violado” entre o autor e o leitor é um espaço de (co)criação, em que é possível inscrever-se como sujeito-autor, para além do papel de leitor e, também (por que não?), é também um espaço de resistência.

Podemos pensar que a *fanfic* não é apenas um fenômeno híbrido em sua concepção, mas representa também uma relação híbrida de seu público com o conteúdo ou produto cultural. Ao mesmo tempo em que consomem com fascínio e alimentam um mercado cultural, também se apropriam e ressignificam seu lugar de leitores e consumidores.

Este tipo de escrita, ainda que ancorada no interesse por uma determinada narrativa original, possibilita resistências, fissuras e algumas linhas de fuga para um tipo de pensamento homogeneizador e capturado pelos interesses comerciais. (VERSUTI e SILVA, 2017, p. 93)

4. CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA

Pierre Levy (2000), ao se referir ao ciberespaço, procura inseri-lo não apenas num contexto de revolução cultural, mas de uma nova evolução humana, paralela à realidade biológica das espécies. Ainda que não tenhamos proximidade com essa abordagem, temos de convir que são muitas as mudanças trazidas pelas novas tecnologias, tantas que não cabem na palavra “mudança”, que precisa investir-se de mais peso, como “transformação” ou então “revolução” para melhor caracterizar os movimentos ocorridos nas últimas décadas. E são tão rápidas essas transformações em sua aderência ao nosso modo de vida que, facilmente, as automatizamos em nossas rotinas e nos esquecemos de como éramos antes desses adventos tecnológicos.

Realizar, hoje, uma dissertação de Mestrado, por exemplo, difere significativamente da realização do trabalho de final de curso (TCC) há quase 15 anos, quando contava muito pouco com o auxílio da internet e ainda dependia quase que exclusivamente da disponibilidade de livros do acervo da biblioteca da universidade. Lembro-me, na ocasião, que encontrara apenas duas publicações antigas relativas ao meu tema de estudo e tive que me virar para fazer aquelas páginas da monografia renderem. Além disso, terminara o trabalho com a forte impressão de que meu tema era um assunto restrito, pouco estudado, quase insignificante devido à falta de referências.

Hoje, além da crescente disponibilidade de publicações acadêmicas na internet, não só do Brasil, mas do mundo, que nos rendem um longo período de levantamento bibliográfico, ainda nos deparamos com uma quantidade assombrosa de materiais como vídeos, fóruns, comunidades e sites das mais diferentes vertentes que nos colocam não só em contato com nosso tema de pesquisa, mas com uma diversidade de conteúdos relacionados que se desdobram em mais e mais conteúdos, levando-nos a uma espécie de redemoinho de informações que pode nos lançar em diferentes direções, seja para mais perto ou para mais longe do nosso interesse inicial.

Isso sem mencionar as inúmeras redes sociais das quais participamos e pelas quais somos afetados, seja na forma de contribuições ou na forma de distrações. Esse é, de forma geral, o panorama dos dilemas que enfrentamos com o advento das novas tecnologias. Entretanto, não vejo mais tanto sentido em nos prolongarmos em discussões sobre os benefícios ou malefícios das novas tecnologias, tendo em vista a irreversibilidade de determinadas transformações sociais. Entretanto, entendo ser mais interessante discutirmos o “como” que esses processos com os quais lidamos cotidianamente afetam as nossas

subjetividades, o “como” nos revelamos por meio dessas novas tecnologias, ou “como” essas novidades constituem e reconstituem nossa linguagem, nossa forma de estar com outro.

Esses questionamentos me parecem mais pertinentes, pelo menos até o presente momento, do que a velha tentativa de transpor ou derrotar a máquina em prol do humano ou de um projeto de homem, num tipo de embate que coloca a tecnologia num lugar apartado da experiência humana, como se ambos não fizessem parte de uma dinâmica que estabelecemos desde sempre na nossa relação com o mundo.

É nesse contexto que considero importante trazer a discussão dos adolescentes com as novas tecnologias, especialmente com o mundo digital, do qual não só os sites de *fanfic* fazem parte, mas também os aplicativos, os jogos e as mídias sociais de maneira geral.

Muito se tem veiculado na mídia sobre os perigos, desvantagens ou estragos advindos da utilização de computadores, celulares, smartphones etc., como se esses representassem a causa, na atualidade, dos maiores problemas enfrentados por crianças e adolescentes. Entretanto, um estudo realizado por Orben e Przybylski (2019) no qual usaram um método de análise estatística utilizando três estudos de larga escala voltados à saúde mental dos adolescentes, mostrou que o impacto existe, mas é muito pequeno. Chega a ser responsável por no máximo 0,4% da variação do bem-estar psíquico de um adolescente.

Os pesquisadores compararam os efeitos do mundo digital com outros fatores que os adolescentes são confrontados, como exposição ao álcool, tabagismo, bullying, privação de sono, dieta saudável e hábito de tomar café da manhã, uso de óculos ou hábito de ir ao cinema etc. Quase todos esses fatores tiveram efeitos mais significativos no bem-estar dos adolescentes que o tempo de utilização dos dispositivos digitais. Em comparação aos 0,4% de impacto descrito acima, bullying tinha um impacto de 2,7% e uso da maconha era de 4,3%. O tamanho do efeito negativo das mídias digitais foi comparável ao hábito de comer batatas regularmente e menor do que o de usar óculos.

Ainda que essa pesquisa seja apenas ilustrativa dentro do meu trabalho, ele vem apoiar minha observação de que, muitas vezes, estamos travando desnecessariamente o velho embate entre homens e máquinas quando, na verdade, poderíamos olhar para outros movimentos importantes que surgem quando utilizamos essas tecnologias. Sem incorrer na ingenuidade de achar que estamos isentos de possíveis efeitos negativos causados pelos excessos ou de incorrermos em outras forças que se agenciam pela tecnologia para promover o consumo e a manipulação. A pesquisa citada, por exemplo, sugere sermos menos alarmistas com nossos adolescentes hiperconectados, porém, mais atentos a outros fenômenos sociais

que já atravessam a adolescência há mais tempo que os próprios computadores.

“O uso do celular, aparelhos eletrônicos e redes sociais pelos alunos é uma das fontes do mal-estar contemporâneo nas escolas e tem deixado os educadores diante de um não saber como lidar com isso”. (KELLES e LIMA, 2017, p. 4) O uso do controle desses objetos passa a ser uma conduta muito utilizada por professores na tentativa de lidar com essa situação. No entanto, trata-se de uma geração de adolescentes cuja relação com o mundo digital se deu logo na infância, quando se constituíram dentro da cibercultura. Há nitidamente um descompasso geracional entre professores e estudantes na relação com as novas tecnologias, que pode agravar ainda mais as distâncias entre o lugar da escola e o lugar do sujeito adolescente.

Alguns autores referem-se a esta geração como “NetGeneration”, “Geração Y”, “Geração digital”, entre outras denominações por estarem sempre conectados a alguma mídia, muitas vezes, a mais de uma simultaneamente. Entretanto, existem muitas diferenças quanto à forma de utilização, comportamento e tipos de uso entre eles, que variam de acordo com fatores socioeconômicos, culturais, emocionais, entre outros.

O mundo virtual parece ser algo do jovem, no qual os pais não participam ou participam pouco. Existe grande liberdade, desde o aprendizado de como utilizar, até mesmo a forma de como seguem utilizando no cotidiano doméstico”. (SPIZZIRRI, WAGNER, et al., 2012, p. 334)

A cibercultura, da qual os adolescentes participam mais intensamente, não implica somente num tipo de comunicação paralela que eles desenvolvem quando conectados, mas, segundo Levy (1999) ela representa um novo modelo de espaço de conhecimento que precisa ser integrado pela educação.

A compreensão sobre a realidade em que navegam os adolescentes ao acessarem o espaço virtual precisa levar em conta um outro espaço-tempo, ou seja, um ciberespaço no qual se vivenciam outras formas de comunicação e de comportamentos, ou seja, a cibercultura.

O autor nos leu o ciberespaço como sendo o universo oceânico de informação abrigados pela comunicação digital, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo e, conseqüentemente, a cibercultura sendo o conjunto de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Apesar dos reconhecidos estudos de Levy nos anos 90, o termo ciberespaço foi originalmente cunhado por um escritor de ficção científica, William Gibson, quando da

publicação de sua notória obra “Neuromancer”, que inaugurou, em 1984, o gênero que viria a ser conhecido como *cyberpunk*. No enredo, o mundo distópico criado pelo autor é dividido em duas diferentes realidades: de um lado, a realidade física dos corpos que habita um território decadente, onde nenhum humano quer estar; do outro lado, a realidade virtual – a matrix – na qual, uma vez conectado, tem-se acesso a um mundo rico e quase mágico, pleno de possibilidades, onde se espera viver para sempre. Contudo, a realidade virtual também possui sua obscuridade: uma rede de controle e cerceamento a serviço de um grupo detentor desse acesso.

Em certo momento do livro, Gibson assim define o ciberespaço:

Uma alucinação consensual vivenciada diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças que estão aprendendo conceitos matemáticos... uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas no não espaço da mente, aglomerados e constelações de dados. Como luzes da cidade, se afastando [...] (GIBSON, 2016, p. 53).

Esse encantamento propiciado por essa rede de conexões e, aparentemente, infinitas possibilidades, pode dar ao ciberespaço o estatuto de “utopia” ou mundo ideal no qual queremos permanecer exclusivamente. Entretanto, sua existência não é espontânea, pois depende de determinados autores para se perpetuar e, ainda, alimenta-se de diferentes subjetividades inerentes a qualquer ação humana. Ou seja, o mundo virtual, apesar de apresentar-se numa realidade paralela, é também carregado de contradições, conflitos, fantasias, distorções e projetos de poder.

Castells (CASTELLS, 1999) nos adverte a respeito da ambivalência do ciberespaço:

É precisamente devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais. (CASTELLS, 1999, p. 461).

Ou seja, o espaço virtual, por mais fascinante e cheio de possibilidades que se apresente, não consegue isentar-se dos dramas humanos pois é interdependente daquilo que concebemos como realidade ou espaço-tempo real.

Na verdade, Castells (1999) e Levy (1996) não fazem oposição entre a realidade e o virtual, porque não há separação entre realidade e representação simbólica. A nossa

percepção da realidade ocorre por intermédio de símbolos cujos sentidos escapam à sua rigorosa definição semântica e, portanto, a vivência da realidade traz sempre consigo algo de virtual. Ou seja, a realidade é apreendida pelo sujeito por meio dos elementos da linguagem e, sendo esta polissêmica, tem um caráter virtual, pois seu sentido não está previamente determinado, mas ocorre no encontro entre realidade e sujeito.

Nesse sentido, Castells afirma:

Portanto, quando os críticos da mídia eletrônica argumentam que o novo ambiente simbólico não representa a “realidade”, eles implicitamente referem-se a uma absurda ideia primitiva de experiência real “não codificada” que nunca existiu. Todas as realidades são comunicadas por intermédios de símbolos. E na comunicação interativa humana, independentemente do meio, todos os símbolos são, de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual. (CASTELLS, 1999, p. 459).

O filme *Matrix* (1999) claramente inspirado na obra de Gibson, tem seu enredo construído em torno de um futuro no qual os seres humanos passarão a receber programas de realidade virtual, enquanto seus corpos reais permanecem mergulhados em habitáculos nos campos de cultivo. Essa realidade virtual, que é um programa de computador ao qual todos são conectados, chama-se *Matrix* e simula a humanidade do final do século XX. A diferença entre *Neuromancer* e *Matrix* se dá, basicamente, pelo fato de que, no primeiro, as pessoas sabem da existência das duas realidades, enquanto no segundo vive-se a ilusão de que apenas a realidade virtual existe, totalmente alienada dos corpos “reais” que habitam o submundo. O momento da virada do protagonista da trama, Neo, e início de sua jornada heroica, é exatamente quando ele se dá conta da existência da *Matrix*, o que torna sua tomada de consciência sobre o real o fim de sua alienação e início de sua busca pela liberdade de todos os humanos.

Há, nesse filme, uma forte referência ao clássico da literatura *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol (1865/2002), ao utilizar a metáfora “toca do coelho” como um convite para a entrada em uma nova realidade. Enquanto na obra de Carroll o coelho branco mostra para a personagem Alice a entrada para o país das maravilhas, no filme *Matrix* o coelho é o convite do personagem Morpheus para que Neo adentre a *Matrix*. Outras alusões à Alice são feitas no desenrolar do filme, como quando Morpheus ensina Neo que ele deve despertar não só acima de todas as realidades falsas, mas também confrontá-las. Ou seja, a tomada de consciência sobre as distintas realidades não encerra a questão, apenas são o

pontapé inicial para a resolução de um conflito bem maior: a retomada de uma realidade sobre a outra.

Essas relações metafóricas entre a toca do coelho e a matrix nos levam a pensar na imersão que é feita numa suposta realidade paralela ou virtual como num jogo de forças não apenas entre os limites da experiência humana e a utopia oferecida pela tecnologia, mas, também, na dimensão consciente e inconsciente das experiências nas quais nos investimos no ciberespaço. Ou seja, se a toca do coelho pode ser pensada como a Matrix, então o ciberespaço também pode ser pensado como instância inconsciente do sonho, com todas as suas complexas implicações.

4.1 CIBERESPAÇO E INCONSCIENTE

O mundo virtual crescentemente apresentado pelas novas tecnologias e especialmente pela internet tem, nas últimas décadas, trazido consequências importantes e irreversíveis para a subjetividade contemporânea. Do ponto de vista psíquico, isso pode não significar que tenhamos construído ou inventado um novo “inconsciente”, diverso daquele que nos foi apresentado inicialmente por Freud e então relido por Lacan. A facilidade com a qual hoje podemos nos projetar e permanecer nesse virtual parece ter desvelado mais instantaneamente o inconsciente, agora mais prontamente revelado, considerando ser tributário da mesma potência virtual da qual se constitui o ciberespaço.

Freud, em sua busca pela compreensão da psiquê humana, apresenta-nos a dinâmica do inconsciente como um movimento compulsivo de investimentos em representações que faz supor e discernir como presente e em contínua operação no âmago de nossa realidade psíquica. Essa dinâmica na qual atua o inconsciente ao mesmo tempo que está na base da determinação dos sonhos, sintomas e sofrimentos psíquicos de toda ordem, nos é inteiramente alheia, desconhecida pela consciência, invisível e inaudível.

Entretanto, as vias pelas quais Freud tornou possível a apreensão do inconsciente foram por meio de uma forma particular de escuta do sujeito por outro sujeito, em que se permite a um uma liberdade de fala e de expressão aparentemente ilimitadas e, ao segundo, se reserva um lugar de atenção singular, não diagnóstica, mas aberta à rede de conexões que podem surgir no discurso do outro. (HONDA, 2013).

Conforme Lacan, essas conexões são a maneira pela qual as palavras se

combinam no discurso do Sujeito³ para significar algo que não está consciente. Essa dinâmica constitui os processos inconscientes de metáfora e metonímia, através da substituição e combinação dos significantes na rede significativa do discurso.

A relação entre o inconsciente, sonho e discurso (ou narrativas, nas palavras de Freud) estão presentes desde a inauguração das bases da psicanálise, também postuladas como a primeira tópica freudiana. Ao publicar “A Interpretação dos Sonhos”, Freud (1900/ 2012) nos apresenta a uma experiência narrativa singular, na qual o sonhador submete seu sonho à interpretação por meio da fala, da palavra transmitida ao analista. Ao narrar o sonho, torna-se possível a sua decifração, pois, nessa narrativa clínica, transmite-se a experiência íntima do sujeito e dela emerge o sujeito do inconsciente. Apesar de parecerem estar em primeiro plano, os sonhos revelam apenas conteúdos presentes no sujeito que sonha, portanto, o sonhador é o personagem mais importante da narrativa e o sonho é, tão só, a linguagem na qual o seu inconsciente se manifesta.

Ainda que os sonhos sejam as manifestações que mais claramente evidenciam o inconsciente, seus sentidos não são muitas vezes claros. Ao contrário, são majoritariamente confusos, obscuros, embaraçantes, podendo apenas ser revelados por meio do exercício interpretativo. Ao analisá-los, Freud nos coloca diante da afirmação de que todo sonho realiza um desejo inconsciente. Nessa tese, não pode haver outros sonhos, além dos sonhos de desejo (FREUD, 1900/2012, p. 155). Em certa altura, fala-nos dos sonhos como substitutos da ação ou como recompensadores, pois percebe-se como o sonho pode arranjar as coisas de maneira cômoda. Visto que a realização do desejo é seu único propósito, ele pode ser completamente egoísta (FREUD, 1900/ 2012, p. 144). Ainda que os sonhos desagradáveis ou angustiantes coloquem em xeque essa premissa, há que colocá-los sob análise, interpretá-los, para chegar a essa evidência, uma vez que podem muitas vezes estar sob o efeito do que Freud chama de “distorção onírica” (FREUD, 1900/ 2012, p. 157), fenômeno que disfarça e encobre o desejo, devido às forças de censura atuantes em nosso psiquismo.

Outro importante ponto que marca a dinâmica do sonho na realização do desejo é a dimensão do infantil, pois são as experiências mais remotas da infância que se encontram na base dos enredos oníricos, trazendo os conteúdos latentes, enquanto as experiências mais recentes apresentam-se como conteúdos manifestos. O desejo se constitui como desejo-

3 Aqui aproveito para esclarecer que, ao utilizar as palavras Sujeito e Outro com iniciais maiúsculas, estou me reportando à noção lacaniana que, ao fazer isso, separa o outro e o sujeito comum, do Outro e do Sujeito do inconsciente.

memória; a memória é matéria da condição desejante. Memória e desejo não são variáveis independentes no psiquismo, constituem-se numa relação de interdependência. (TANIS, 1995, p. 59).

Ao adentrarmos as narrativas psicanalíticas, ou seja, aquelas nas quais o narrador, um sujeito submetido à própria memória, com suas lembranças e esquecimentos, é posto à interpretação de outro sujeito, que busca desvelar suas histórias, numa dinâmica de decifração da linguagem, dirigida a uma reelaboração psíquica, vemo-nos diante de uma nova configuração do narrador: sua palavra é incompleta, difusa, precisa submeter-se ao outro, a um intérprete, para ganhar significado, para fazer sentido dentro de um enredo; sua narrativa se ressignifica a partir do outro e então pode tornar-se aprendizado, experiência.

Trazendo novamente a referência a *Alice no país das maravilhas*, um clássico da literatura universal, aberto a diferentes interpretações ao longo dos séculos, que também já foi lida à luz da psicanálise, é possível relacioná-la à teoria da interpretação dos sonhos de Freud, se compreendermos a protagonista como sonhadora e o País das Maravilhas como seu sonho manifesto. Sua entrada pela toca do coelho rumo a um abismo escuro, aparentemente sem fim, pode ilustrar o acesso ao inconsciente que se dá no estado de vigília. Todas as mais diversas coisas que lhe passam do outro lado seriam manifestações inconscientes de experiências remotas, medos, desejos e fantasias de Alice, transmutadas em objetos, animais, pessoas estranhas e os mais diferentes acontecimentos.

A organização de imagens que ilustram o conteúdo inconsciente disposto ao longo do sonho, que se manifesta através de disfarces, alusões e simbolismos, ao serem trazidos à consciência do sonhador, não causam a repulsa e o desconforto excessivos que ocorreriam caso o material inconsciente fosse acessado integralmente: explicação para os eventos bizarros e absurdos que ocorrem no País das Maravilhas (MALISKA e TAVARES, 2012).

Freud ressalta a presença de significado nos eventos aparentemente sem sentido, constituintes dos sonhos manifestos:

Se fizermos uma série de comparações entre os pensamentos oníricos e os sonhos manifestos que os substituem, encontraremos toda sorte de coisas para as quais estamos despreparados; por exemplo, que o disparate e o absurdo dos sonhos possuem seu significado (FREUD, 1900/ 2012, p. 178).

Para a psicanálise, tal significado encontra-se relacionado a desejos proibidos sobre os quais atua a censura ou recalque, que explicam a distorção com as quais as coisas se mostram nos sonhos. Muitas vezes, os desejos são como expressões do que “existe de pior no

homem” de forma que a censura ocorre justamente no sentido de encerrá-los na instância inconsciente (MALISKA e TAVARES, 2012, p. 7). Assim, o País das Maravilhas seria, não um lugar, mas uma instância psíquica, uma linguagem inconsciente com a qual lidamos durante o sonho, mas que também permeia, de maneira oculta, vacilante ou esquecida, a nossa presença no mundo. O sonho seria a possibilidade de manifestação daquilo que, à luz do dia, não nos autorizamos a manifestar.

Estudiosos da psicanálise que pensam a cultura digital, observam as novas tecnologias como produtoras de efeitos sobre a configuração fantasística daqueles que se lançam no mar do ciberespaço, inaugurando um novo lugar para o laço social e para a lida com a realidade. O ciberespaço se estabelece na relação dos sujeitos com suas fantasias, que atuam como um dispositivo psíquico que permite ao sujeito lidar, a um só tempo, com as exigências de suas pulsões e com a realidade material (NOBRE e MOREIRA, 2013). Ferreira-Lemos (2011) entende que, apesar de usarmos os computadores para adentrar o ciberespaço, “a tela do computador é o que é visível aos nossos olhos, mas a tela que ali funciona é a da fantasia”. (FERREIRA-LEMOS, 2011, p. 3). A fantasia seria uma espécie de janela para o mundo.

No entanto, Freud (1900/ 2012) separa as fantasias manifestas das fantasias inconscientes. Por exemplo, quando temos devaneios, ou o famoso “sonhar acordado”, ou mesmo um gosto declarado pela imaginação e pelo fantástico, estamos exercendo um fantasiar, mas de forma consciente. No entanto, as fantasias inconscientes, muito mais difíceis de serem acessadas, “precisam continuar no inconsciente, uma vez que seu conteúdo é originado por material recalçado”. (FERREIRA-LEMOS, 2011, p. 4). Isso faz com que elas passem a compor o pensamento onírico, embora apareçam comprimidas, condensadas, superpostas etc.

Dessa forma, a relação que os fãs estabelecem com seus ídolos, livros ou personagens favoritos são evidenciadas e expostas como uma fantasia, um gosto declarado por uma determinada ficção. No entanto, as *fanfics* registram suas histórias que deixam marcadas pela escrita outras fantasias não declaradas, mas que escapam à consciência. O inconsciente habita o virtual dos sujeitos, que é a própria psique humana, e encontra terreno fértil no ciberespaço, uma tela vazia que permite uma infinidade de representações.

Kelles e Lima (2017) percebem que os adolescentes contemporâneos possuem mais dificuldades em fazer a travessia entre a infância e a vida adulta, e que encontram no

ciberespaço um lugar para “ensaiar” a separação emergente nessa fase, vivida em dois tempos: o tempo do fantasiar, que recai mais fortemente nas questões sexuais, quando sonham com o outro, com o corpo do outro e investem sua libido; e o segundo tempo, que é o tempo da impossibilidade do outro. Tem a ver com um reposicionamento sobre as frustrações, sobre saber-se nem sempre livre ou capaz de realizar os próprios desejos e, ao aceitar isso, o sujeito adolescente pode tomar um lugar na vida adulta. Entretanto, as autoras problematizam o ciberespaço, por sua propensão a atender somente ao primeiro tempo, do fantasiar, devido à potência do virtual de simular a realização de desejos que levam os sujeitos a entrarem num circuito do mais-de-gozar.

O fascínio pela tecnologia virtual e a pluralidade de imagens incidem sobre os modos de subjetivação na contemporaneidade, o que se reflete, por exemplo, na busca pelo prazer instantâneo e na desmotivação em relação às atividades que exigem algum esforço ou adiamento do prazer. (KELLES e LIMA, 2017, p. 9).

Diante dos objetos de satisfação instantânea, ofertados pela cibercultura, o desinteresse dos sujeitos pela aprendizagem escolar, ou por qualquer outra atividade que freie ou postergue o gozo, torna-se frequente. Para o sujeito adolescente, quando os recursos simbólicos mostram sua fragilidade para tratar o real, abdicar do gozo é uma tarefa mais difícil (KELLES e LIMA, 2017).

Novamente, vemo-nos diante de um dilema que reflete a complexidade do ciberespaço e dos sujeitos que ali navegam. A hibridez com a qual se constitui esse espaço virtual impacta nas subjetividades e cria respostas para os adolescentes lidarem com o desamparo, com os afetos e com os desafios contemporâneos.

5. OS SITES DE *FANFIC*, SUAS CARACTERÍSTICAS, SUAS HISTÓRIAS E SEU PERFIL

Os sites de *fanfic* costumam ser espaços virtuais dinâmicos, com forte apelo visual, uso de cores brilhantes, imagens de alta qualidade, integração com vídeos e músicas, jogos interativos, diversos links para as mídias sociais, e assim por diante. Atualmente, é importante lembrar que os adolescentes usam a internet a partir de todos os tipos de dispositivos, como smartphones e tablets, e em diversos ambientes, como casa, escola, rua etc. Portanto, o acesso a esse espaço virtual é igualmente dinâmico.

É provável nos perguntarmos, diante das diferentes realidades com as quais lidamos no cenário brasileiro, se esses adolescentes dos quais falamos são oriundos de um mesmo contexto social ou se divergem em suas origens. Infelizmente, esse estudo não nos dará essa resposta, por razões que serão explicadas mais adiante. Contudo, podemos inferir algumas considerações trazidas de outros estudos que buscaram investigar o perfil de adolescentes brasileiros que usam a internet.

Segundo a pesquisa mais recente sobre o tema realizada pela *TIC Kids Online Brasil* (BRASIL, 2018) ainda que, no Brasil, o acesso às tecnologias digitais seja muito desigual, a maioria das crianças e adolescentes está familiarizada com a internet e as ferramentas digitais: 82% dos que têm entre 9 e 17 anos são usuários de internet. Desses, os que acessam a rede somente pelo telefone móvel chegou a 44%. O estudo aponta que 85% da população nessa faixa etária utilizou a internet ao menos uma vez em três meses, um total de 24,7 milhões de crianças e adolescentes. Em movimento complementar, o uso do computador como forma de acesso à rede tem caído, de 60% na pesquisa anterior realizada em 2016, para 53% na atual (2017).

O acesso à internet somente pelo telefone móvel é maior nas classes de renda mais baixa, D e E, nas quais houve um aumento de 61% no estudo anterior (2016) para 67% (2017). Na classe C, esse uso exclusivo é de 43% e nas classes A e B, de apenas 15%. Esse tipo de acesso também é maior no Norte (59%) e menor no Sudeste (39%).

Uma das análises trazidas pelo estudo mostra que o uso da rede apenas pelo celular está ligado à falta de infraestrutura de conexão e a dificuldades econômicas das famílias. A opção pelo celular estaria relacionada às questões de renda e nível sociodemográfico, dando a entender que, nas faixas de maior renda da população, a opção é não somente pelo uso de celular, mas computadores e outros dispositivos.

Diante desses dados, podemos considerar uma importante abrangência de usuários

adolescentes que navegam pela internet no Brasil, o que nos permite inferir uma certa pluralidade de perfis nos espaços virtuais dedicados a esse público, ainda que sem uma precisão exata quanto às suas origens sociais, pelo menos nos sites de *fanfic* aos quais nos dedicaremos.

5.1 SPIRITFANFICTION

Conforme anunciado na proposta metodológica, a intenção desse estudo era debruçar-me sobre um dos sites de *fanfic* mais populares no Brasil, segundo levantamento realizado em 05/08/2018: *Spiritfanfiction* que apareceu, dentre os demais sites brasileiros, como o com o maior número de usuários (3.190.363).

Esse recorte se efetuou também pelo fato de *Spiritfanfiction* ser o único a disponibilizar mais informações sobre o site e o perfil dos usuários após contato estabelecido por e-mail com o administrador. Foram fornecidas, entretanto, apenas informações já dispostas no próprio site, voltadas para os anunciantes, ou seja, às empresas que desejam usar o espaço do site para sua publicidade. Num arquivo intitulado “mídia kit”, com dados relativos a 2017, eles especificam o tipo de audiência e perfil dos usuários. Dessa forma, esses são, objetivamente, os únicos dados fornecidos pelos administradores do site.

Audiência

Pageviews/mês: 76.5 milhões

Visitas/mês: 9.6 milhões

Duração média/sessão: 11:54 minutos

Perfil dos usuários

Faixa Etária

18 a 24 anos 89%

25 a 34 anos 7%

35 a 44 anos 2%

Gênero

91% Feminino

8% Masculino

Mesmo quem não conhece o site *Spiritfanfiction*, ao se deparar com os dados acima, dar-se-á conta de algumas questões que já ficam evidentes, como, por exemplo, o

público feminino que nos salta aos olhos e constitui mais de 90% dos usuários. Outra questão é quanto à faixa etária, localizada entre os 18 e 24 anos, também responsável por quase 90% do público. Há de se inferir, certamente, o fato de que o cadastro para participação não apenas nesse site, mas nas redes sociais em geral, exige a maioridade estabelecida legalmente por 18 anos de idade. Entretanto, estamos familiarizados com o fato de que muitas crianças e adolescentes navegam pela internet e transitam diariamente pelas redes sociais sem terem chegado à maioridade. O que nos faz acreditar que uma parte significativa desses usuários classificados entre 18 e 24 anos possam ser, na verdade, mais novos ou bem mais novos do que o dado oficial sugere.

O último ponto, nessa passagem rápida sobre os dados, é quanto ao tempo de duração da sessão, ou visita/aceso, dos usuários no site: pouco menos de 12 minutos. O que pode significar muito no universo dos sites em geral, considerando que, segundo o relatório sobre a Internet no Brasil e no mundo em 2018 feito pela *Data Reportal* (REPORTAL, 2018), os sites mais acessados pelos brasileiros diariamente são, em primeiro lugar, o *Youtube*, no qual se passa uma média de 22 minutos e, em seguida, o *Facebook*, com uma média de pouco mais de 12 minutos. Nesse contexto, um site de *fanfic* que coopta um público adolescente por um período médio de 12 minutos durante uma sessão ou visita, pode ser considerado bem-sucedido.

Entretanto, se considerarmos outros tempos fora do espaço virtual como, por exemplo, o tempo da escola, as horas em que se passa lá dentro, o tempo de uma aula, ou de uma tarefa escolar, o tempo que se leva para ler um livro ou parte dele, ou para escrever uma redação, ou até o tempo do intervalo, geralmente calculado em 15 minutos, diante de tudo isso, os pouco mais de 11 minutos dedicados a um espaço virtual parecem pequenos, quase insignificantes, como se insuficientes para a realização de qualquer tarefa ou ação no mundo “real”.

Essa situação comparativa entre os tempos, ao que parece, não é tão simples assim. Avaliar a qualidade de uma ação baseada em seu tempo de execução não parece ser uma boa via de análise nem para a escola nem para o mundo virtual, já que estamos lidando com dois tipos de realidade. Essa questão pode ser mais bem compreendida a partir do que Levy (1999) definiu como “virtual”. O virtual é considerado pelo autor como o que está em potência no real. Ou seja, “É virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”. (LÉVY, 1999, p. 47).

Portanto, falar do acesso virtual feito pelo público adolescente em alguns minutos a um site da internet não se reduz a olhar de forma utilitária aos aparelhos que os conectam em redes de computadores, mas a olhar para uma outra natureza de comunicação e interação que obedece a outra dinâmica de tempo, de relações e de inteligência. Nesse caso, a potência do virtual conta muito mais do que o tempo do relógio ou de execução de uma tarefa mecânica.

5.2 POR DENTRO DAS *FANFICS*

O site *Spiritfanfiction*, que se apresenta em sua página principal como *Spirit Fanfics e Histórias*, descreve-se como um espaço de autopublicação de livros, seja de *fanfic* ou de histórias originais. Isso não significa, entretanto, que esteja se referindo à publicação no estilo tradicional, nem mesmo nos moldes dos *e-books* – livros digitais. O que ele oferece para quem se cadastra no site e cria uma conta própria é uma espécie de página pessoal, na qual cada um pode ter um perfil específico, com a utilização do que eles chamam de “avatar” pessoal, ou seja, uma imagem que a pessoa escolhe para ser representada (geralmente personagens de ficção, desenhos ou artistas) e nessa página o usuário tem um espaço próprio para registrar, editar e postar seus escritos.

Além disso, o site oferece também a possibilidade de socialização entre os usuários por meio de canais de conversação e troca de mensagens, seja via *chats* ou fóruns.



Ao optar por publicar histórias, o usuário deve seguir uma série de regras e orientações que são colocadas pelo site que dizem respeito especialmente à proibição de conteúdos plagiados ou que denotem violência explícita, que façam apologia às drogas, à pedofilia, racismo, preconceito ou demais formas de discriminação. Também são vetados conteúdos de sexo explícito, nudez e os que possam gerar desconforto psicológico, tais como

automutilações, cadáveres e sangue, por exemplo. O desrespeito a essas regras poderá gerar advertências por parte dos administradores ou até mesmo o banimento do site. Contudo, no momento da publicação, o usuário terá como opção classificar suas histórias quanto ao gênero, poderá inserir avisos sobre o conteúdo e criar uma espécie de “alerta” que será acionado ao leitor para que ele esteja ciente, antes de seguir a leitura, de que está diante de uma história para maiores de 18 anos. Ou seja, os conteúdos com violência ou conotação sexual podem existir, desde que devidamente classificados dentro do site.

Outras regras e orientações dizem respeito à formatação dos textos, como número mínimo de caracteres para publicação, inserção de títulos, sinopse, categorias, gênero e as famosas “tags”, uma espécie de palavra-chave que é colocada entre símbolos (geralmente cerquilhas ou vulgo jogo da velha) para facilitar posteriormente as buscas por conteúdos relativos àquela palavra ou expressão. Por exemplo, ao registrar uma história com a *tag* “romance”, ela automaticamente é inserida num universo de publicação de diversas histórias relacionadas a romance. Ou seja, as *tags* estão para os sites e redes sociais, como as palavras-chave estão para as publicações acadêmicas.

Não à toa esse exemplo nos serviu, pois, de fato, “romance” é a *tag* com maior número de registros no site: 161.214, conforme apresentado em 31/05/2019, seguido de “drama”, com 89.569. Os números que seguem mostram os 10 *tags* mais utilizados:

Romance (161.214)
 Drama (89.569)
 Bangtan Boys (BTS) (56.706)
 Yaoi (38.634)
 Amor (32.393)
 Jikook (24.044)
 Naruto (23.179)
 Jungkook (21.121)
 Jimin (19.294)
 Exo (17.229)

Com exceção de “romance”, “drama”, que são gêneros literários e “amor”, que é um tema bastante familiar em nossa cultura literária, as 07 demais *tags* inserem-se num universo genuíno dessa geração, que é o de uma cultura pop asiática atualmente celebrada pelos adolescentes ocidentais.

Bangtan Boys, também conhecidos como BTS, são um grupo musical sul-coreano formado apenas por garotos, e que representam um estilo que ficou mundialmente conhecido como “k-pop”, ou seja, música pop coreana. Eles inspiram, como pode ser visto no site, um grande número histórias criadas por suas fãs, não apenas no *Spiritfanfiction*, diga-se de passagem, mas também nos demais sites de *fanfics* brasileiros e internacionais. Deriva-se desse mesmo fenômeno a *tag* “Jikook”, que é a junção dos nomes dos cantores “Jimin” e “Jungkook” do grupo BTS, que aparece também em outras *tags*.

A *tag* “Yaoi” refere-se a um gênero específico de histórias que se originou nos quadrinhos japoneses, conhecidos como mangás e que giram em torno de relações homoafetivas entre garotos. Também conhecido como *Boys’ Love*, geralmente são histórias criadas por autoras do sexo feminino, esse gênero se popularizou não só no Japão como em outros países que têm acesso a publicações nipônicas, incluindo Brasil, Estados Unidos e boa parte da Europa. (CÉ, 2010)

“Naruto” é o nome de um famoso desenho animado japonês (também conhecido como anime), que se originou de um mangá. Trata-se da saga de um pequeno órfão em sua busca de tornar-se um grande ninja.

E “Exo” é outro grupo musical formado por garotos sul-coreanos.

Muitas das *tags* populares também seguem esse mesmo padrão, sendo relativas a grupos ou artistas de *k-pop* ou animes e mangás famosos. Entram, também, alguns artistas ou bandas estado-unidenses, mas em menor escala. Quanto aos gêneros literários, encontramos algumas séries de livros infanto-juvenis como Harry Potter e Percy Jackson, por exemplo.

As *tags* tornaram-se, no mundo virtual, a forma mais recorrente de buscar e acessar conteúdo. No *Spiritfanfiction* é possível efetuar a busca por meio de “categorias”, “gêneros” ou “tags” que, muitas vezes se misturam e se confundem entre si, na tentativa de os autores buscarem atribuir a maior variedade de palavras e expressões às suas histórias.

Assim, observamos com recorrência que uma história publicada pode possuir uma gama de referências, não apenas quanto ao gênero, mas quanto às fontes de inspiração. Tomamos como exemplo a história abaixo:

Os homens da minha vida

escrita por La_Yoongi



Em andamento

Capítulos 13

Palavras 38.681

Atualizada em 17/06/2019 22:16

Idioma Português

Categorias [Bangtan Boys \(BTS\)](#), [Big Bang](#), [GD & TOP](#), [G-Dragon](#), [Got7](#), [Super Junior](#)

Gêneros [Ação](#), [Aventura](#), [Crossover](#), [Família](#), [Ficção](#), [Luta](#), [Romance e Novela](#), [Suspense](#), [Violência](#)

S/n é uma jovem de 19 anos, que mora na Coreia do Sul desde muito pequena junto com sua irmã mais velha, Amanda. Desde a adolescência, elas vivem num empasse de idas e vindas com seus respectivos namorados... E esse

18

21 7

[Exibir sinopse completa](#)

Podemos observar que a história é multirreferenciada, tendo tomado diferentes artistas e grupos musicais de k-pop (BTS, GD&TOP, G-Dragon, Super Junior e Big Bang e GOT7), misturados em diversos gêneros e estilos (Ação, Aventura, Crossover⁴, Família, Ficção, Luta, Romance e Novela, Suspense, Violência). Esse tipo de classificação na qual o autor insere sua história não apenas demonstra a quantidade de influências das quais resultam sua escrita, mas, principalmente, permitem-lhe uma visibilidade muito maior pelo fato de tornar sua publicação mais facilmente encontrada nas buscas internas do site e do buscador do *google*, por exemplo. Um exemplo ainda mais multirreferenciado pode ser visto abaixo:

Metamorfo

escrita por Val_Nosferatu



Em andamento

Capítulos 3

Palavras 12.664

Atualizada em 01/06/2019 23:55

Idioma Português

Categorias [Bakugan Battle Brawlers](#), [Ben 10](#), [Digimon](#), [Fullmetal Alchemist](#), [Godzilla](#), [Harry Potter](#), [He-Man](#), [Hunter x Hunter](#), [Medabots](#), [Mitologia Celta](#), [Mitologia Egípcia](#), [Mitologia Grega](#), [Mitologia Nórdica](#), [Mitologia Romana](#), [Os Heróis do Olimpo](#), [Os Incríveis](#), [Percy Jackson & os Olimpianos](#), [Pokémon](#), [Sakura Card Captors](#), [Shadowhunters](#), [She-Ra](#), [Shingeki no Kyojin \(Attack on Titan\)](#), [The Seven Deadly Sins \(Nanatsu no Taizai\)](#), [Turma da Mônica Jovem](#), [Voltron: O Defensor Lendário](#)

Gêneros [Ação](#), [Aventura](#), [Comédia](#), [Crossover](#), [Drama \(Tragédia\)](#), [Ecchi](#), [Família](#), [Fantasia](#), [Festa](#), [Ficção](#), [Ficção Adolescente](#), [Ficção Científica](#), [Harem](#), [Hentai](#), [LGBT](#), [Luta](#), [Magia](#), [Mistério](#), [Misticismo](#), [Poesias](#), [Policial](#), [Romance e Novela](#), [Saga](#), [Sci-Fi](#), [Seinen](#), [Shounen](#), [Sobrenatural](#), [Steampunk](#), [Survival](#), [Suspense](#), [Terror e Horror](#), [Universo Alternativo](#), [Violência](#)

Você já se perguntou, o que é um Herói? Alguém forte? Alguém corajoso? Alguém bonito? Não. É alguém que passa por cima do seu egoísmo, é alguém que se esforça para ajudar, é alguém que se sacrifica, é alguém que se utiliza

18

1 16

[Exibir sinopse completa](#)

A história acima apresenta-se tão exageradamente referenciada, que fica difícil

⁴ *Crossover* é a intercessão de personagens, fatos ou universos pertencentes a diferentes obras ou produtos, numa mesma história.

saber do que se trata, de fato. O autor, que se auto intitula Val_Nosferatu, inseriu tantos elementos em sua classificação, que ficou mais evidente sua necessidade de tornar a história destacável no site, do que referir-se, de fato, ao seu conteúdo. Aliás, essa busca exacerbada pela visibilidade não é um atributo específico desse autor, mas acaba se tornando um traço evidente quando navegamos pelo site e nos deparamos com outros autores que seguem essa dinâmica.

Nos dois exemplos dados acima, observamos também que os autores classificaram suas histórias como para maiores de 18 anos. Isso não significa, necessariamente, que as histórias apresentem conteúdos considerados impróprios, mas, pelas minhas idas e vindas no site, o que me pareceu mais provável foi que, ao classificá-las assim, os autores terão mais liberdade para, eventualmente, inserir elementos mais “adultos” em suas narrativas ao seu próprio gosto ou atendendo a pedidos dos leitores.

Também observamos a presença de algumas palavras que denotam um forte senso de erotismo nas histórias, como ilustra bem o autor multirreferenciado ao incluir *ecchi* e *hentai* na descrição. São relativos a gêneros de mangás e animés que trazem histórias marcadas pela sensualidade de seus personagens e por cenas intensas de sexo. Essas características nos fazem refletir acerca não apenas da relevância do erotismo no imaginário dos adolescentes, mas também na visível influência que a cultura japonesa exerce no repertório cultural deles.

A presença da sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros) também configura a recorrência de histórias que trazem a homossexualidade e a bissexualidade em seus personagens. Um estudo conduzido por Lönnroth (2018) com escritoras de *fanfics*, mostrou que essas narrativas dão a elas possibilidades de representações alternativas à heteronormatividade das ficções mais populares, permitindo a construção de cenários em que as diferenças possam ser ressignificadas. Nessas narrativas, elas têm liberdade para trocar os papéis, ensaiar o romance e o erotismo de diferentes formas, para além das barreiras do gênero. Essa liberdade encontrada nesse ambiente virtual, abre espaço também para que adolescentes LGBT possam participar como autores ou leitores, dando às *fanfics* um estatuto de ficção não binária, nas quais as narrativas passam pelo chamado “genderbending⁵”, que se refere ao ato de “dobrar” ou brincar de inverter os papéis tradicionais de gênero.

5 Extraído do glossário de “Trans Bodies, Trans Selves: A Resource for the Transgender Community” editado por Laura Erickson-Schroth, Oxford University Press, 2014, p. 614.

Outra característica importante das histórias do *Spiritfanfiction*, bem como de outros sites de *fanfic*, é o fato delas serem publicadas em capítulos, que exigem tão só o número mínimo de 300 caracteres. Isso significa que, para começar uma história, basta não mais do que a quantidade de texto disposta neste parágrafo.

Aqui começam a aparecer algumas relações entre a quantidade de registros escritos, ou seja, capítulos publicados e a questão da visibilidade tratada mais acima. Tudo indica que, quanto mais pessoas visualizam sua história, mais capítulos serão escritos posteriormente. Os autores parecem ser movidos pelo reconhecimento de suas publicações, não apenas na quantidade de visualizações que aparecem toda vez que alguém as lê, mas, também, nos comentários que são feitos ao final de cada capítulo, que surtem um efeito estimulante para a continuidade de sua escrita. Geralmente, os leitores elogiam e sugerem que o autor siga adiante. Um exemplo para isso é o padrão de comentários que segue abaixo, referente à publicação do primeiro capítulo de uma *fanfic* de Harry Potter, intitulada: “Hogwarts, uma história– nova geração”, escrita por “Smel”.

marcelle_costa

Postado 28/04/2019 11:25



Eu tenho simplesmente 10 anos e tô amando o livro muito bomm 🥰🥰❤️

Usuário

Respondido por Smel 29/04/2019 14:01



Muito obrigadaaaa! Tome cuidado, alguns capitulos desta história não são apropriados para menores de 18 :)

46 Comentários

hollandhearts

Postado 19/02/2018 17:13

Usuário

Cai aqui de paraquedas e estou apaixonada? Socorro, mal posso esperar pra ler tudinho hoje!

Nota: ★★★★★

Respondido por Smel 19/02/2018 18:02



Obrigadaaaaa

indyp96

Postado 18/04/2019 22:26



Usuário

Ingrid

To apaixonada !! 😍❤️

Respondido por Smel 19/04/2019 01:00



Seja bem-vinda!

Conde-duque

Postado 22/01/2019 13:21



Usuário

Determinado.

O grupo no Wpp ainda existe? Se sim, posso entrar?

Nota: ★★★★★

Respondido por Smel 23/01/2019 15:36



Claro! Só mandar a mensagem com o seu nome inteiro e telefone que eu coloco vc la!

Respondido por Conde-duque 24/01/2019 12:22



Já mandei a mensagem. :)

Apesar da autora “Smel” ter recebido 46 comentários, coloquei apenas os quatro primeiros para ilustrar um pouco desse quadro de *feedbacks* que os leitores dão aos autores, e como são suas respostas. Pode ser observado um padrão de comentários curtos e afetivos. Duas curiosidades se desprendem de dois comentários: a usuária Marcele_Costa revela que tem 10 anos de idade, o que confirma nossa suspeita inicial de que boa parte dos usuários do site têm menos de 18 anos, mas ocultam esse dado por uma questão de exigência de maioridade ao se cadastrar. A outra curiosidade é que o usuário Conde_Duque pede à autora para participar de um grupo de *whatsapp* já existente. Ela prontamente o atende. Isso nos indica que, muito provavelmente, um outro grupo de fãs se desdobrou a partir dessa história. Esse tipo de interação provocada no interior do site revela-se, também, como uma importante rede social, para além de um espaço de publicação de histórias.

Quanto à questão da continuidade das histórias e sua relação com o número de visualizações e comentários, tudo indica, a partir da autora “Smel” e sua *fanfic* de Harry Potter, que a premissa é verdadeira. O primeiro capítulo foi postado em 27/11/2017 e teve mais de 6 mil visualizações, além dos 46 comentários já citados. A história então estendeu-se até 217 capítulos, que foram concluídos em 12/04/2019.

Numa rápida passagem pelo *Spiritfanfiction*, observaremos que, grande parte das publicações mais recentes não passam do primeiro capítulo e, igualmente, o número de visualizações é baixo e os comentários, muitas vezes, inexistentes. Não há como processar esses dados objetivamente, pois o site não disponibiliza recursos para verificarmos o histórico com seu respectivo quantitativo de publicações menos visualizadas ou menos comentadas. Ele destaca somente, na tela inicial de acesso do usuário, as histórias mais recentes e mais populares. Ou seja, nossa análise incide muito mais pela experiência de navegação dentro do ambiente das *fanfics*, do que objetivamente em torno dos números.

Há mais para se falar sobre os comentários. Eles não são somente indicativo do reconhecimento dos leitores, mas são também espaços bastante pacíficos, nos quais não reverberam críticas negativas, ofensas ou reclamações. Ao contrário do que se observa nas redes sociais ou em sites de notícias, por exemplo, em que o espaço de comentários costuma virar uma espécie de campo de guerra virtual, do qual se originaram os famosos “haters⁶” e

⁶ *Haters*, que em português seria algo como “odiadores”, é um termo usado na internet para classificar pessoas que postam comentários de ódio ou críticas severas e ofensivas, sem muito critério, apenas com o intuito de criar discórdia e incitar novos *haters*.

“trolls⁷”, os leitores de fanfics não parecem interessados em desqualificar as publicações dos autores. Entendemos duas possíveis razões para isso: por um lado, o site reserva um espaço para denúncias ou bloqueios de usuários ou mensagens indesejadas; por outro lado, a comunidade que se estabelece em torno das histórias é formada por fãs-autores, ou seja, usuários cuja motivação é precisamente o afeto compartilhado por obras, artistas e personagens e seu desejo em também ter suas histórias lidas e apreciadas. Essas características parecem tornar o espaço das *fanfics* predominantemente afetivo, acolhedor e estimulante para os usuários; um espaço quase avesso às dinâmicas conflitivas das demais redes sociais.

Há, ainda, outro elemento inerente às *fanfics*, já mencionado nos dados disponibilizados pelos administradores do *Spiritfanfiction*, o qual não podemos deixar de analisar: a predominância de usuários adolescentes do sexo feminino, que constituem mais de 90% desse público. Assim, quando falamos do ambiente cultivado dentro da plataforma de publicações dos fãs, estamos nos referindo a um universo construído majoritariamente por garotas que escrevem, interagem, estabelecem redes, criam e reinventam histórias no ciberespaço, com uma marca fundamentalmente afetiva e colaborativa.

5.3 GAROTAS NO CIBERESPAÇO – GÊNERO E RELAÇÕES COM A INTERNET

A literatura sobre gênero e uso de computadores percebe que as mulheres e os homens diferem significativamente em suas atitudes em relação à percepção e uso da Internet, incluindo habilidades de uso de computadores. Num estudo conduzido por Žilionis (2008), o autor discorre sobre algumas crenças que se teve especialmente no início da popularização dos computadores e da internet, acerca de um uso mais rápido, prático e ativo dos homens com relação às novas tecnologias, enquanto as mulheres eram vistas como consumidoras passivas dessas novas ferramentas e linguagens. Entretanto, o que esse tipo de percepção revelava, na verdade, era a migração das questões estereotipadas de gênero para o ciberespaço – um assunto que abordamos na discussão sobre ciberespaço e cultura, quando lembramos que o espaço virtual também reflete os dramas sociais.

De fato, segundo o autor, muito do que se produziu, e ainda se produz no virtual, é baseado num perfil genérico de consumidores, em que se atribui os softwares e jogos de

⁷ *Trolls*, que originalmente são criaturas da mitologia nórdica, virou uma expressão na internet para designar pessoas que gostam de fazer comentários jocosos, pregar peças, provocar ou confundir os leitores, apenas como uma espécie de brincadeira ou alívio cômico, geralmente, de forma indesejada.

computador, bem como esportes e atividades de ação, em geral, ao público masculino, enquanto ao público feminino, muitas vezes, se previa o uso de e-mails, salas de conversação, compras e atividades consideradas de “consumo passivo”. Nesse sentido, o que se percebe é que o virtual não apenas refletiu, mas também reforçou as diferenças historicamente atribuídas aos gêneros.

Há mais um detalhe importante a ser acrescentado nessa discussão: a forma com a qual os produtos ou atividades orientadas ao público masculino são desenvolvidos, acabam, também, por excluir a participação feminina. Dois exemplos são dados pelo autor: o formato agressivo dos jogos de computador, muitas vezes mergulhados em cenários de guerra e violência explícita, e os fóruns ou grupos de discussão online predominantemente masculinos, que costumam ser, em diversas ocasiões, tomados por ofensas e xingamentos, sem obedecer minimamente a regras de etiqueta, o que conseqüentemente expulsa ou inibe a presença de mulheres.

Ainda nesse estudo, o autor cita teóricos que afirmam que a lógica tecnológica obedece a um padrão centrado num modelo de poder masculino.

Os valores da maioria dos produtos e serviços baseados em computador tendem a ser mais masculinos do que femininos [...] alguns teóricos argumentam que os valores masculinos foram institucionalizados na tecnologia baseada em computadores por meio de seus criadores, incorporando uma associação cultural com a identidade masculina na própria tecnologia. (ŽILIONIS, 2008, p. 47)

Nessa linha, afirma que mulheres e homens entendem a tecnologia de maneira diferente. As mulheres falam sobre a tecnologia como uma ferramenta para fazer as coisas, usando-a para criar, embora os homens falem sobre isso como um tipo de arma, o poder que lhes dá. (ŽILIONIS, 2008).

Outro ponto interessante desse estudo apresenta dados que revelam a predominância de homens em funções tecnológicas que envolvem uso de computador, e suas respectivas habilidades com o uso dessas ferramentas. Essa realidade é atribuída, em sua leitura, ao sistema familiar e escolar, que reproduzem as crenças acerca de uma natureza lógico-matemática nos homens e uma natureza emocional e intuitiva nas mulheres. Como consequência disso, é construída uma realidade em que a apropriação da ciência e da tecnologia é feita pelos homens e os papéis secundários, voltados ao cuidado e à subordinação, são acomodados pelas mulheres.

Não há muito mais nesse estudo que indique um caminho ou que faça alguma

proposição quanto à mudança desse cenário. A ideia do autor é mostrar que as diferenças existentes entre os gêneros no uso da internet e do computador estão colocadas, mas devido a uma questão sociocultural.

Houve, contudo, uma mudança significativa no acesso e no comportamento das mulheres no ciberespaço nas últimas décadas, como indicam alguns estudos. Num breve levantamento feito em torno de publicações sobre o tema realizados até meados dos anos 2000, lê-se que os homens se mostravam usuários mais frequentes e ativos da internet, utilizando os sites de notícias, encontros, empregos, jogos, dentre outros, enquanto as mulheres tinham uma participação ainda tímida na rede.

Entretanto, os estudos sobre as relações entre gênero e comportamento *online*, na década seguinte, como o realizado por Kimbrough, Guadagno, *et al* (2013) , passam a identificar que as mulheres não somente eram crescentes usuárias da internet, mas que seu estilo de uso se diferenciava significativamente dos homens, pelo fato de usufruírem mais intensamente das ferramentas de comunicação e de interação em rede, seja como forma de contato com relacionamentos já existentes, seja para estabelecer novos relacionamentos ou então para alcançar pessoas com interesses compartilhados.

Esses estilos de uso, mais uma vez, não vêm isentos de uma análise histórica acerca dos papéis sociais nos quais as relações de gênero foram construídas. Nesse estudo, as autoras atribuem a ênfase das mulheres na exploração da comunicação virtual como um atributo herdado das expectativas sobre o cultivo da vida familiar, do mundo interior e das relações interpessoais que, de maneira geral, foram conferidas às mulheres e que resultaram, por muitas gerações, numa constituição cuja expressão no meio se deu de forma afetiva e reflexiva.

Desprende-se, especialmente, nesse estudo, a preferência significativa das mulheres pela escrita de textos no mundo virtual, o que assinala um importante cenário a ser analisado e que bem nos interessa precisamente na condução deste trabalho.

5.4 O CIBERFEMINISMO

As mulheres dominaram os teares e agora dominam os computadores.
Sadie Plant.

As relações entre as mulheres e as novas tecnologias têm sido exploradas, notadamente, a partir da publicação do ensaio *O manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e*

feminismo socialista no final do século XX, por Donna J. Haraway (HARAWAY, TADEU e KUNZRU, 2000), uma bióloga e filósofa norte-americana que acabou sendo a maior inspiradora do movimento que se cunhou posteriormente como ciberfeminismo. No referido ensaio, Haraway percebe que a potência das revoluções tecnológicas das quais se originam a hibridez dos homens-máquina, robôs e então ciborgues, possibilitam a existência de novas identidades, não mais atreladas ao sexo feminino ou masculino, mas a um tipo de androginia vivenciada a partir do não-corpo ou a ausência de um corpo físico, como ocorre no ciberespaço.

Mais tarde, Plant (1999) explorará fortemente o ciberespaço como um universo particularmente favorável às mulheres, uma vez que elas podem desprender-se de uma identidade pré-concebida para navegar, criar e estabelecer conexões, sem estarem atreladas às marcas de um corpo historicamente construído. Esse tipo de “fruição” experimentada no virtual permite não somente uma nova forma de existência para as mulheres, mas derruba também outras fronteiras de gênero, sexualidade e raça, bem como reconfigura novas formas de poder, e, com elas, novas configurações e significados de sujeitos. Para Plant, a internet tem sido considerada como o compêndio da nova distribuição não linear do mundo. (FONTGALAND e CORTEZ, 2015).

Contudo, apesar do ciberfeminismo entender o ciberespaço como uma potência revolucionária, ele também discute as reproduções de modelos tracionais no mundo virtual. Por exemplo, ainda que muitos usuários da rede se comuniquem sem estabelecer um gênero ou outras características não verificáveis como a idade, usufruindo, assim, de uma liberdade para transcender sua identidade social, os modelos femininos fortemente sexualizados que continuam se propagando tanto na pornografia como nos videogames, evidenciam as contradições de paradigmas que coexistem no virtual. (BOIX e MIGUEL, 2013, p. 51).

Para as autoras (BOIX e MIGUEL, 2013) a prática do chamado ciberfeminismo social se torna uma proposta para confrontar e diminuir esse quadro de misoginia perpetuado na internet. Trata-se de trabalhar a inclusão digital de mulheres num meio ainda predominantemente masculino, que é o da informática e das engenharias de redes e de promover uma apropriação cada vez maior desses meios de comunicação pelas mulheres, no sentido de gerar uma rede de participação feminina significativa na produção de conteúdos, na expressão artística, na direção política etc.

Atualmente, o ativismo cibernético de mulheres é cada vez mais reconhecido,

como é o caso do portal *Mujeres em red*⁸, criado em 1997, na Espanha, considerado hoje uma das maiores referências em publicações, troca de informações e ponto de encontro de mulheres do mundo todo interessadas no feminismo, nas políticas e direitos das mulheres.

5.5 FANFICS COMO ESPAÇO DE ESCRITA FEMININA

Todo esse estudo em torno das relações de gênero no ciberespaço, e o surgimento do ativismo cibernético de mulheres, leva-nos de volta ao gatilho que iniciou essa discussão: o da predominância feminina no site de *fanfic*. Afinal, sendo o site *Spiritfanfiction* um espaço de criação majoritária de adolescentes do sexo feminino, quais seriam as implicações para o fenômeno das *fanfics*?

Minhas observações se darão então sobre uma dinâmica à qual me reportarei como “engajamento em rede”. Sobre isso, uma primeira consideração já feita refere-se ao clima afetivo e colaborativo presente na troca de mensagens entre autoras e leitoras, alheio à propagação de “haters” ou “trolls”.

A segunda consideração refere-se a um elemento presente na escrita de *fanfics*, ainda não comentado, que é o da presença de *beta readers*, que são uma espécie de revisores voluntários, a quem os autores submetem suas histórias antes de serem publicadas. Não se trata de nenhuma revisão formal, apenas de um apoio textual, na qual se podem dar dicas, sugerir alterações ou simplesmente verificar se a história original na qual a *fanfic* se baseia está sendo respeitada.

Geralmente, os *beta readers* são previamente selecionados pelo site e ficam disponíveis numa lista à qual o autor pode recorrer durante seu processo criativo. De forma bem sucinta, podemos dizer que os *beta readers* são fãs que ajudam outros fãs a escreverem. Dentro dessa rede de apoio, existem outros fãs que participam também como “capistas”, ou seja, criam uma arte visual para as histórias. Esse tipo de colaboração despreziosa, na qual, novamente, autores e leitores se ajudam e se incentivam, constitui uma rede engajada em torno de afetos e interesses compartilhados. Um exemplo disso vem por meio do agradecimento de uma autora no início de sua *fanfic*:

⁸ <http://www.mujiereenred.net/>

Notas do Autor

AAAA MINHA PRIMEIRA FANFIC KLAROLINE <3 Sim, eu shippo loucamente os dois! u-u <3 E observem a capa, gente que bapho <3 tava louca para usar ela 8| Obrigada capista linda! E o beta sensacional que corrigiu meus erros básicos (sim, eu tbm erro!) XD <3

O tema dessa vez é sobre a criatividade, o que devemos fazer quando nos tornamos uma folha em branco?! Só sei que cada um tem um jeitinho específico de buscar inspiração para criar. Alguns escutam músicas, outros sonham e outros simplesmente conseguem inspiração ao olhar uma parede em branco.

É difícil realmente não ter inspiração, ainda mais quando há um prazo em jogo, mas devemos sempre manter a calma <3 Quando menos esperarmos, "PAAAH" vem a dita cuja com tudo.

Aproveitem a história curtinha e façam uma boa leitura! ♥

A autora não apenas agradece à capista e à *beta reader*, mas também aproveita para fazer uma espécie de prólogo, em que fala sobre criatividade e inspiração, como num desabafo ou mensagem motivadora endereçada aos seus leitores.

Esse texto, como tantos outros, reflete a escrita do “internetês”, “uma forma grafolinguística que se difundiu em textos como *chats*, *blogs* e demais redes sociais. Representa uma “modificação criativa na escrita da língua em ambiente digital, cujas características apontam para uma linguagem alfanumérica”. (ARAÚJO, 2007, p. 28). Esse tipo de linguagem recorrente entre os adolescentes que navegam na rede reflete, especialmente, uma forma de comunicação específica que se dá no virtual e compõe uma dinâmica própria da cibercultura, alheia à linguagem praticada na escola, por exemplo.

O texto em questão também remete ao fato de as *fanfics* carregarem marcas da escrita das adolescentes, outrora expressa por meio de diários e agendas, e posteriormente transposta aos *blogs* quando do advento da internet. Lima (2007) percebe que a escrita do diário, como uma prática escritural da menina adolescente, é marcada por uma composição híbrida de palavras, confissões, restos do dia, imagens, arabescos, dobraduras e colagens, que nos leva a pensar nesses registros como um esforço para escrever sobre aquilo que busca representação além da palavra.

Lacan (1998) reconsiderou o conceito de “feminilidade como mascarada”, trazido por Rivière (1929/2005), que problematizou a ideia de uma natureza genuinamente feminina ao transpô-la para o conceito de uma espécie de máscara feminina que seria usada pelas mulheres para atender a uma demanda social sobre suas identidades, quando internamente

elas se viam às voltas com desejos e faltas que não as localizavam em nenhum espaço social, de fato.

Grant (1998) interpreta que os desejos sempre apontam, de alguma forma, para uma função fálica, que é a possibilidade de as mulheres inscreverem-se no mundo dos homens – que é um mundo predominantemente patriarcal, constituído por mitos, ritos e símbolos fálicos. Essa função é o que torna possível comunicar-se dentro de uma ordem cultural estabelecida. No entanto, ela não atende totalmente à subjetividade feminina, fazendo com que as mulheres se encontrem muito mais inscritas na função da falta do que na do desejo. A falta aponta para um não-lugar, ou para o impossível de ser simbolizado no mundo dos homens. Isso levou Lacan (1985) a afirmar que “a mulher não existe”, como uma forma de dizer que o lugar da mulher permanece vazio.

Historicamente, a máscara feminina foi um recurso identitário muito mais urgente, em especial, quando a combinação “ser mulher”, “ser esposa” e “ser mãe” era simbiótica no discurso social. Esse contexto opressor obrigou as mulheres a darem conta de suas faltas por vias colaterais, por pequenos gestos ou saídas criativas, em que podiam deixar alguma marca subjetiva. Ao bordarem, por exemplo, elas tecem algo mais que os fios, elas recriam sentidos. Bordar e escrever se tornam comuns ao fazer feminino.

Tendo sido as mulheres, por tantos milênios, obrigadas à posição passiva, forçada ao exílio no interior de suas casas e de si próprias, é legítimo supor sua intimidade maior com o que há de catastrófico na experiência humana. Entre os recursos que dispomos para lidar com o trauma ou o real, escrever é um deles”. (BARROS, 2007, p. 174).

A escrita funciona como uma extensão do inconsciente, ela nos permite distanciarmos de nós mesmos para que, no espaço em branco do papel, possamos deixar as marcas que nos afetam. As palavras nos servem como linha de bordado, tricô ou crochê: todas tecendo em torno do vazio. O sujeito e, sobretudo, a mulher nesta posição, não nega a falta, ela a enfeita em seus contornos. A escrita feminina passa a ser também uma escrita do interior – interior do corpo, interior da casa. Seu estilo obedece mais ao pulsional, ao afetivo. (BARROS, 2007).

A prática cotidiana do diário escrito por adolescentes seria uma forma de proporcionar uma saída possível para lidar com o exílio interior da mulher. Ainda que tenhamos experimentado mudanças significativas na história das mulheres, e novas formas de subjetivação são constituídas a cada nova geração, observamos que a prática da escrita ainda

carrega marcas de uma cultura anterior, que passa a ser relida pelas autoras que investem no ciberespaço. Compreendemos que algo da escrita pessoal e “bricolar” dos diários, que esteve presente nos *blogs*, também está presente nas *fanfics*. “Quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista”. (KOMESU, 2004, p. 4).

Esse tipo de escrita praticada no ciberespaço pelas adolescentes, com suas idiossincrasias, apontam também para um tipo de resistência presente na escrita feminina, que atravessa muitas gerações de mulheres: um lugar de reconciliação com seus desejos mais remotos, que podem, finalmente, vir a público e inspirar uma rede engajada nesse exercício.

Enquanto o ciberfeminismo se caracteriza como um movimento de resistência deliberada, as *fanfics* parecem se constituir mais como uma forma involuntária de resistência, capaz de agregar o público feminino e LGBT em torno de histórias que comportam e apreciam as diferenças, os afetos e a imaginação, sem, no entanto, saber-se ou querer saber-se como um ativismo digital, pois, conforme averiguou Lönnroth (2018) em seu estudo, as *fanfics* parecem estar muito mais a serviço do prazer, da experimentação, do que de uma postura crítica.

6. AS FANFICS E A ESCOLA

A verdade só pode ser dita nas malhas da ficção.
Jacques Lacan.

A palavra “escola” não caracteriza, dentro do site *Spiritfiction*, uma categoria ou gênero, mas aparece destacada como uma “tag”.

Tags populares		
Sua pesquisa por "escola" retornou 14 tags		
Escola (4.035)	Escola De Magia (42)	Escola Nova (12)
Vida Escola (12)	Olhares Na Escola (7)	Escola Militar (6)
Escola Sobrenatural (6)	Romance Na Escola (6)	Nova Escola (5)
Escola Mágica (5)	Escola De Heróis (5)	Sexo Na Escola (5)
Romance De Escola (5)	Amor De Escola (5)	

Ao todo, são mostradas 14 tags, totalizando um maior número de histórias aquela que traz apenas “escola” como sentença, sem nenhum atributo como romance, magia, etc, como pode ser visto no quadro acima. Por ser visivelmente mais significativa, apresentando mais de quatro mil histórias, enquanto as demais não chegam a quarenta, a tag “escola” foi então alvo da minha exploração.

Ao adentrar essa escolha, e clicar na opção de “*fanfics* mais populares” novamente me vi às voltas com histórias que orbitam em torno do fenômeno do *k-pop* – ou pop coreano – e suas respectivas bandas formadas por garotos. Em seguida, aparecem as referências aos *animes* e *mangás* (desenhos e quadrinhos japoneses, respectivamente). A presença da escola nesses enredos se dá basicamente na forma de um cenário temporário, um pano de fundo transitório, um detalhe na trama, que se volta essencialmente aos artistas transfigurados em personagens que vivem aventuras românticas.

Num dado momento, esse panorama aparentemente repetitivo me causou uma certa frustração por não me permitir pensar em nada além de um efeito do fenômeno da cultura de massa que, nas últimas décadas, migrou seus ídolos para o cenário asiático.

Essa forte impressão inicial, que me posicionou como expectadora de um amontoado de textos genéricos, sem distinção ou singularidade, lançou-me em leituras sobre o tema da cultura de massa e da indústria cultural já amplamente discutido pelos teóricos que amparam o meu percurso. E é exatamente esse o ponto de partida para a compreensão do tema

que muitos autores situam como um embate entre padronização e homogeneidade *versus* singularidade e subjetividade.

6.1 FANFICS E A CULTURA DE MASSA

Quando Benjamin (2013) se refere à indústria cultural e à massificação da arte na modernidade, ele coloca que a perda na reprodução, aquilo que escapa à reprodutibilidade é, de antemão, seu selo de autenticidade, “a quintessência de tudo o que nela é originalmente transmissível, desde sua duração material até o seu testemunho histórico”. (BENJAMIN, 2013, p. 57) . Nesse descolamento do objeto reproduzido do domínio da tradição, as técnicas modernas, assentadas na transitoriedade e na repetição, alteram radicalmente a forma de percepção. Esse conjunto de alterações foi relatado por Benjamin como destruição da “aura” dos objetos artísticos, ou melhor, como perda daquela figura singular, composta por meio de elementos espaciais e temporais precisos, “a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (MUSSE, 2015).

De forma mais rígida, Adorno e Horkheimer (2002) criticam a massificação cultural, afirmando haver um processo de alienação do público ou das massas, aqui tidas exclusivamente como consumidores passivos, portanto, um elemento secundário, um número a mais, um acessório da maquinaria a serviço dos interesses mercadológicos da indústria cultural. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. As massas não são a medida, mas a ideologia da indústria cultural. Para os autores, a massificação implica num esvaziamento da subjetividade e elimina com ela qualquer possibilidade de atitude crítica que possa barrar ou amenizar este processo de coisificação do mundo e das relações humanas.

Morin (2002) acrescenta à discussão sobre a cultura de massa na modernidade o fato de ela ser “policultural”, isto é, absorve e consome outras culturas, transformando-as em cultura de massa. No entanto, Morin não a critica tão fortemente como os outros autores, fazendo uma diferenciação importante ao mostrar que, ao mesmo tempo que a indústria cultural promove uma padronização dos produtos artísticos que chegam ao consumidor, ela também promove um maior acesso e, portanto, uma maior possibilidade de produção artística por parte do público. Para ele, o inevitável crescimento cultural da massa, graças à indústria cultural, abre espaço para a arte se desenvolver.

No entanto, Benjamin, Adorno e Horkheimer também perceberam um potencial político no crescimento da indústria cultural, na medida em que a arte e suas manifestações se tornavam mais acessíveis ao grande público quando, historicamente, haviam sido exclusivas das classes mais privilegiadas da sociedade. Porém, o que esses autores questionaram nesse processo foi que a democratização do acesso se deu em torno de interesses mercadológicos, que tiveram como propósito criar uma rede de consumidores passivos de arte e não de fomentar um público de críticos e produtores de arte.

Mas Morin (2002) acredita numa dinâmica criativa, apesar do processo de industrialização. Para ele, no meio da massificação cultural, é possível criar, romper padrões, exatamente porque a originalidade e a genialidade só podem surgir dentro de um contexto de uniformidade. Além disso, ele acredita que a repetição leva à perfeição, ou seja, que quanto mais a arte é massificada, mais se tem a possibilidade de manejá-la, conhecê-la, aperfeiçoá-la.

Ao olhar mais de perto essa questão, Certeau (1994) observa que, mesmo diante de uma indústria cultural massiva e uma estrutura social dominante, com suas imposições de padrões de comportamento, existe ainda um espaço inviolável nos sujeitos, que se mostra nas práticas cotidianas, nos modos de fazer das pessoas comuns. Os gestos de singularidade se mostram nas diferentes formas como cada sujeito se apropria das convenções e das regras e molda a sua subjetividade. Para Certeau, é nesse cotidiano, nessas práticas corriqueiras que se revelam pequenas subversões ou traços de resistências.

Com as reflexões trazidas pelos autores acima citados, eu me repositonei com relação às *fanfics* dispostas no site. Aquilo que, num primeiro momento, mostra-se como uma grande massa uniforme, ou seja, as milhares de histórias com características tão similares e um padrão contínuo de repetição, não limitam categoricamente ou encerram as possibilidades de leitura.

Essa forte impressão, na verdade, apenas serviu para situá-las, inicialmente, como um fenômeno de uma indústria “policultural”, da qual a atual geração participa na forma de um público consumidor e que, como qualquer fenômeno de massa, é passível de uma uniformização e alienação de seus receptores. Contudo, dentro do fenômeno, coexistem consumidores e autores, numa dinâmica criativa assinalada por Morin, na qual há espaço para a criação dentro da repetição, em que os sujeitos convivem com regras e padrões, mas também podem deixar suas marcas, conforme Certeau, em pequenas atitudes, revelando algo genuíno dentro da multidão.

A partir dessa reflexão, tornou-se elementar mudar a direção do meu olhar dentro

do site, deslocando-o dos padrões de histórias, para os sujeitos que as escrevem, pois, ainda que eu tenha me ancorado, desde o início, na psicanálise como lente de análise, eu supus que encontraria elementos suficientes nas narrativas, de forma genérica, para analisar os aspectos psíquicos subjacentes às histórias. Porém, o que essa primeira busca revelou não foi apenas um entrave metodológico, mas um distanciamento do meu olhar, que pareceu, de certa forma, provocado pelo próprio ressoar da cultura de massa no apagamento dos sujeitos.

6.2 FREUD E A PSICOLOGIA DAS MASSAS

Em seu ensaio “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud (1921/2011) esclarece a ausência de distinção entre uma suposta psicologia individual de uma psicologia social, posto que nenhum senso de “eu” se forma sem o “outro” e que os grupos e a sociedade são um conjunto de relações estabelecidas entre os sujeitos. Nesse sentido, a vida íntima, a infância, a família etc. constituem-se como fenômenos sociais que coexistem com processos narcísicos que são impulsionados desde o nascimento em cada sujeito.

O reconhecimento das forças que atuam interna e externamente, de forma simultânea e inseparável, são fundamentais para a compreensão da psicanálise como um estudo cultural e não como um saber sobre o indivíduo desprendido de seu meio, como muitas vezes erroneamente se entendeu.

A partir desse esclarecimento, podemos seguir naquilo que Freud passou a analisar como psicologia dos grupos, ou grupos psicológicos, num estudo que buscou entender as mudanças de comportamento que se davam nos sujeitos uma vez que passavam a interagir em determinados grupos.

A primeira e, aparentemente, mais evidente observação é a de que os sujeitos demonstram um agir e um pensar, muitas vezes, contrastantes quando estão reunidos em grupo ao modo como agiriam e pensariam isoladamente. Isso se dá em função de os grupos psicológicos serem um “ser provisório”, uma espécie de entidade, formada a partir de elementos heterogêneos, ou seja, diferentes sujeitos e subjetividades que, quando reunidos, tornam-se um outro ser, que apresenta características diferentes das apresentadas por cada elemento isoladamente.

A segunda observação sobre essa dinâmica é a de que os grupos psicológicos não apagam as subjetividades, destituindo os sujeitos de suas particularidades individuais. Contudo, uma vez reunidos, os grupos ganham características próprias e efêmeras como, por exemplo, a exaltação ou intensificação de emoções, pelo fato de extrapolar os limites da

individualidade. Isso se dá dentro de um processo no qual os sujeitos são arrastados por um impulso comum, que se retroalimenta das excitações produzidas a partir da interação mútua. Essa nova configuração emocional, amplamente potencializada, permite ao grupo realizações de uma magnitude que não seria viável num nível individual. Para Freud, essa configuração tanto implica a possibilidade de um alargamento ético e um entusiasmo gerador de feitos elevados como, também, a sensação de poder ilimitados, que leva a uma redução do senso ético e das inibições, levando o grupo a exercer comportamentos obscuros, impensáveis num contexto individual.

Assim, para Freud, ao se ampliar potencialmente as emoções, inibe-se, automaticamente, o sentido da inteligência nos grupos. Isso não quer dizer que os grupos não sejam dotados de uma consciência ou de uma atividade mental, mas refere-se, particularmente, ao fato de que, na vida isolada, as capacidades mentais dos sujeitos estão a maior parte do tempo a serviço das demandas sociais e éticas impostas pela cultura, enquanto suas pulsões mais primitivas são constantemente inibidas e, como nos grupos, são exatamente as paixões que convocam os sujeitos a se reunirem, abre-se inconscientemente mão de uma racionalidade habitual para se satisfazer os impulsos compartilhados.

Há, entretanto, outras considerações feitas por Freud acerca da formação de diferentes grupos. Foco aqui em duas importantes distinções que ele faz em torno das dinâmicas psíquicas, realçando os grupos com líderes e os sem líderes. No primeiro caso, um grupo que se constitui com a presença de um líder, ou seja, uma presença de autoridade que evoca os laços que são construídos entre seus membros, encarna inconscientemente a figura do “pai”. Só que se trata aqui de um “ideal de pai”, aquele que ama a todos e dá a todos o sentido de irmandade, operando narcisicamente em cada um como “o ideal do ego”, isto é, a busca por um elo perdido, uma tentativa de tamponar uma falta primordial, um desejo infantil de ter seus afetos atendidos por um Outro incondicional. O pai todo-poderoso e que ama a todos igualmente nunca existiu, de fato, na experiência vivida, mas nos foi prometido invariavelmente ao longo dos séculos, na forma de uma redenção final ou, pelo menos, de uma busca incessante por esta.

No segundo caso, os grupos sem a figura do líder operam em torno da identificação entre seus membros, ou seja, uma pulsão em comum estabelece os laços sociais que formam aquela coletividade. Em ambas as dinâmicas, Freud constata a presença não apenas da força libidinal que move os sujeitos a se agregarem em torno de um ideal ou de uma satisfação temporária do ego, mas a de um laço social que se constituiu basicamente pelo

afeto e pelo sentido de pertencimento, ainda que de maneira temporária.

Esse estudo, apresentado aqui de forma bastante resumida, ajuda-nos até hoje a pensar nas conformações sociais e políticas vivenciadas ao longo da história e tem servido a muitos autores para pensar no surgimento de movimentos controversos ou extremos que parecem extrapolar os limites do que supomos como “humanidade”⁹.

Aqui, particularmente, Freud nos ajuda a pensar na cultura de fãs e seus desdobramentos, como o fenômeno das *fanfics*. Não havendo, de fato, uma autoridade em torno da qual se constituem os fãs, mas uma afeição pelo mesmo objeto, podendo ser um artista ou uma obra, por exemplo, compreendemos que os sujeitos participantes da cultura de fãs estão reunidos em torno de uma identificação e não de uma liderança¹⁰.

Identificação, para Freud, é tida como uma dimensão específica do fenômeno de grupo. Iremos, portanto, focar nela para seguir nossa análise sobre as *fanfics*.

6.3 FANFICS E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E SUBLIMAÇÃO

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa (FREUD, 1921/2011) . É um interesse especial que demonstramos desde a mais tenra infância, que conflui com uma busca, um ideal, um desejo de ser ou agir como um Outro.

Geralmente, as primeiras identificações se dão em torno dos pais, que são tomados como modelo pela criança. Contudo, sendo falhos e frustrando o filho de seus desejos narcísicos, os pais também se tornam objeto de desaprovação ou rejeição. Assim, Freud nos ensina que a identificação, na verdade, é ambivalente desde o início e pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém.

Porém, importante lembrar que, como todo fenômeno psíquico, esse processo se dá na maior parte do tempo de forma inconsciente, incorrendo, muitas vezes, na forma de sintoma. Por exemplo, o ego às vezes copia a pessoa que não é amada e, outras, a que é. Ou, então, a identificação pode ser parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas

9 O legado de Freud para o estudo de nossa cultura tem sido revisitado, no Brasil e no mundo, por psicanalistas e cientistas sociais que buscam compreender, por exemplo, o ressurgimento do fascismo, os discursos de ódio, a intolerância religiosa etc.

10 Existe, de forma mais extrema, o fanatismo que se deriva de um processo que André Green (1993) chamou de “narcisismo negativo”, que pode operar externamente no sujeito, fazendo-o voltar-se com ódio e sentido de destruição a tudo que se apresenta como expressão da alteridade e da diferença. (Green, Andre. O TRABALHO DO NEGATIVO. Artmed, 1993/2010. Porto Alegre.)

um traço isolado da pessoa que é objeto dela. Outra possibilidade, colocada por Freud, é a da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação de outro sujeito. Como exemplo disso, ele nos fala:

Suponha-se, por exemplo, que uma das moças de um internato receba de alguém de quem está secretamente enamorada uma carta que lhe desperta ciúmes e que a ela reaja por uma crise de histeria. Então, algumas de suas amigas que são conhecedoras do assunto pegarão a crise, por assim dizer, através de uma infecção mental. O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. As outras moças também gostariam de ter um caso amoroso secreto e, sob a influência do sentimento de culpa, aceitam também o sofrimento envolvido nele. Seria errado supor que assumissem o sintoma por simpatia. Pelo contrário, **a simpatia só surge da identificação** e isso é provado pelo fato de que uma infecção ou imitação desse tipo acontece em circunstâncias em que é de presumir uma simpatia preexistente ainda menor do que a que costumeiramente existe entre amigas, numa escola para moças. (FREUD, 1921/2011, p. 24).

Ainda que fora de contexto, devido ao seu período histórico, o exemplo trazido por Freud da escola para moças poderia ser atualizado para um grupo de amigas adolescentes num cenário escolar, por exemplo. O sofrimento vivenciado por uma das garotas, seja na forma de uma desilusão amorosa ou de um estado melancólico, que hoje de forma recorrente se manifesta através da depressão entre os adolescentes, poderia surtir um efeito de “contágio” nas demais amigas, que se revelaria na forma de sintomas diversos e dariam a esse processo um semblante próximo ao epidêmico.

Erroneamente, esse tipo de fenômeno de identificação pode levar a especulações genéricas sobre essa fase da vida. Tão comumente se ouve falar em “aborrescência”, rebeldia, apatia, modismos etc., como se esses fossem efeitos da própria adolescência, lançando, assim, um olhar aniquilador sobre cada um dos sujeitos que ali transitam, com suas singularidades, suas faltas, seus desejos.

Então, ao retomarmos a citação de Freud que nos revela que “a simpatia só surge da identificação”, lembramo-nos de que cada uma das garotas do grupo de amigas só pode compartilhar um sintoma, na medida em que tenham um desejo inconsciente em comum. Além disso, no processo identificatório, a ambivalência pode ser tida como uma clara noção de que nenhum dos sujeitos afetados pelo sintoma querem, conscientemente, sofrer; mas que, inevitavelmente, todo desejo reprimido e não reconhecido, irromperá nos sujeitos na forma de um mal-estar, pois, como Freud já havia assinalado, nos identificamos com aquilo que amamos e, também, com aquilo que rejeitamos.

A transição vivenciada pelo adolescente em sua complexa tarefa de deixar para trás uma infância e uma noção do “eu” infantil e atravessar um caminho incerto em torno de um projeto de “eu” adulto, confere a esse sujeito uma fragilidade em sua autopercepção e em sua autoestima, fazendo-o dividir seu ego no “Ideal do Ego”. Ou seja, a insatisfação com a própria noção de “eu” faz o sujeito querer buscar mais intensamente uma outra identidade fora de si.

Diante desse contexto, podemos afirmar que o adolescente é um sujeito mais propenso à formação de grupos. Na medida em que estes são atravessados por um objeto de desejo em comum, propiciam a criação de laços, de um sentimento de pertencimento e de uma satisfação narcísica por meio dos outros sujeitos.

Ao retomar o caso dos fãs, lembramos que os laços grupais se constituem em torno de um traço emocional comum e que o objeto de desejo compartilhado pelos sujeitos é também objeto de identificação. Busca-se, portanto, num artista, numa obra, num personagem, aquilo que falta e que, portanto, se idealiza no outro.

Os adolescentes identificados e reunidos em torno das *fanfics*, representam um potencial emergente do fenômeno dos grupos psicológicos, que é o da realização coletiva em prol de um ideal compartilhado. E é na arte que encontram essa possibilidade de sublimação por sua capacidade de retirar exatamente da frustração e do desejo a tensão para alcançar as culminâncias do percurso criativo (ALETTI, 2004). Essa realização, por meio das histórias produzidas, busca reconstituir nos sujeitos uma experiência de bem-estar que o amor, a religião e a arte procuram, de certa maneira, reconstituir, numa experiência vivida na qual a realidade interna e a realidade externa não são percebidas como separadas.

Para Freud, o artista se diferencia do neurótico porque consegue escapar da realidade insatisfatória por meio de suas realizações criativas, sem abandonar totalmente a realidade, apenas fazendo da arte uma espécie de lar temporário. Suas criações, obras de arte, são as satisfações imaginárias de desejos inconscientes (FREUD, 1925/1996).

Podemos dizer que os adolescentes, ao produzirem suas histórias no ciberespaço, acessam outra realidade psíquica, a da fantasia, e afastam-se, durante esse processo, das insatisfações advindas da realidade material. Entretanto, o percurso da sublimação através da arte não é somente o do distanciamento temporário da realidade, pois o ato criativo também permite uma reinvenção: através da arte pode-se ressignificar vivências, encontrar saídas significativamente distintas, novas, estranhas, desconhecidas frente às perguntas enunciadas, menos dirigidas às constatações do já sabido, acomodado em respostas conhecidas.

(DERDYK, 2001)

É que a noção de sublimação, para a psicanálise, acarreta não apenas num ponto de fuga, mas também em um reposicionamento do sujeito diante da realidade. Ela representa uma tentativa, segundo Freud, de transformação e ultrapassagem de algo baixo em direção ao que é socialmente idealizado ou, como releu Lacan posteriormente, “o sublime é o ponto mais elevado do que está embaixo” (LACAN, 1985, p. 18).

E foi exatamente o apreço de Freud e Lacan pelas artes que tornou a psicanálise tão estreita ao ato artístico, pois observaram que tanto o autor quanto o espectador de arte são implicados numa obra de forma inconsciente, sendo por ela provocados não apenas com prazer e conforto, mas também com espanto e incômodo. Ainda que, para Freud, autor e espectador ocupem lugares diferentes na arte: “O artista se atém aos mínimos detalhes de sua realização, pois ela é uma representação simbólica daquilo que existe em seu âmago, logo ela precisa fazer jus ao que serviu para inspirá-la”. (COSTA, 2017, p. 15). Nesse ponto, o artista nunca está plenamente satisfeito com sua realização, enquanto que, para um espectador, pode tratar-se de uma obra-prima.

Aquilo, porém, encontrado no âmago da sublimação, que é de ordem inconsciente, é sempre uma pulsão, uma força libidinal que não encontra um caminho fácil ou possível no mundo externo. Assim, o ato artístico representa para a pulsão um destino criativo, uma possibilidade de reinventar-se por meio de fantasias numa realidade imaginária.

As ficções produzidas pelos adolescentes são, portanto, sujeitas a uma ação de sublimação, na qual se torna possível revelar desejos, sonhos e inibições que não têm lugar em sua realidade material.

Essa dimensão do fenômeno nos permite compreender melhor a expressividade de conteúdos românticos, eróticos e fantásticos, por exemplo, que compõem de forma recorrente nas *fanfics*. A plataforma de publicação dessas ficções acaba funcionando como uma espécie de realidade alternativa em que os recalques podem se transformar em enredos.

6.4 A ESCRITA E O INCONSCIENTES

*Palavra prima
Uma palavra só, a crua palavra
Que quer dizer
Tudo
Anterior ao entendimento, palavra*

Chico Buarque

Desde Freud, a psicanálise vê na palavra uma potência reveladora do inconsciente, especialmente ao constatar, em sua experiência clínica, que, quando um sujeito fala, ele diz mais do que pensa dizer. Assim, todos os conteúdos mais íntimos de uma pessoa que se encontram submersos nos sonhos, nos desejos não revelados, nas profundas inibições, atingem invariavelmente a superfície por meio da fala, aparecendo, por exemplo, na forma de atos falhos que cometemos quando, por exemplo, trocamos uma palavra por outra em nossa fala ou em nossa escrita o riso que provoca em alguém uma piada que contamos; o esquecimento de um nome próprio ou de algum outro etc. A palavra, portanto, torna-se o recurso mais importante para a clínica psicanalítica, bem como para a compreensão dos processos psíquicos que são desencadeados pela linguagem quando trazidos à consciência.

É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre o outro; as palavras são um bom meio de provocar modificações anímicas [psíquicas] naquele a quem são dirigidas, e por isso não soa enigmático afirmar que a magia das palavras pode eliminar os sintomas patológicos, sobretudo aqueles que se baseiam justamente nos estados psíquicos. (FREUD, 1905/1996, p. 283)

Mais adiante, Lacan reelabora a teoria freudiana e aponta que a inserção na linguagem é o que marca a subjetividade do sujeito a partir de sua famosa afirmação de que o inconsciente se constitui como linguagem. Essa é sua premissa fundamental e, como tal, a presença do desejo se faz pela articulação de um significante a outro significante.

O ato de escrever, tal como o ato sexual, para Lacan, testemunha o hiato que existe entre cada Um e o Outro. O ato da escrita possibilita arrancar a angústia, afeto que não camufla, pois diante do objeto causa de desejo, o sujeito se angustia. (SIMÕES, 2017, p. 170)

Para Lacan, a letra se situa no real, ou seja, um lugar em que o imaginário e o simbólico podem se reinscrever. Em outras palavras, quando um sujeito escreve, ele registra não apenas a noção de “eu” e do “Outro” com a qual ele se constituiu, mas também ele possibilita um reposicionamento ou ressignificação daquilo que ele tomou como realidade,

ainda que, nunca absoluta, mas uma ficção na qual cada sujeito reedita o seu próprio desejo.

Nessa esfera do “real” lacaniano, é importante ressaltar que não há uma conformação da realidade para o autor, mas uma profunda subjetivação daquilo que se concebe como uma ordem material ou empírica das coisas. Cada sujeito percebe o mundo por meio de uma ficção própria, que pode ser constantemente reeditada, não apenas num movimento individual, mas dentro de um conjunto de símbolos culturalmente estruturados.

Assim, podemos pensar nas histórias produzidas no ciberespaço pelos adolescentes como registros de uma linguagem culturalmente compartilhada e genuinamente inscrita em cada um dos sujeitos.

7. FANFIC COM A TAG “ESCOLA”

Diante da complexa tarefa de escolher histórias no site *Spiritfanfiction* que tivessem a tag “escola” em sua descrição, dentre tantas outras características atribuídas pelos autores às suas publicações, eu dediquei muitos dias e horas de navegação passando por títulos, textos e perfis na tentativa de destacar daquele universo uma *fanfic* que, de alguma forma, pudesse ser representativa em meu estudo. Mais uma vez, fui surpreendida por essa impossibilidade diante não apenas da diversidade de histórias com as quais deveria lidar, mas também pelo fato de ter sido afetada, mais de uma vez, por algumas histórias.

Com o passar do tempo debruçada sobre esses escritos, num caminho que depois passei a entender como sendo o do próprio “trilhamento” com o qual eu me propus inicialmente no percurso metodológico, fui me dando conta de uma espécie de circulação da palavra escola em um contexto predominante nas *fanfics*: a de um lugar que se comporta como significante da fantasia romântica.

Essa percepção não pretende generalizar as histórias publicadas, esvaziando as diferentes possibilidades de leitura e de apagamento de seus sujeitos. Trata-se aqui de um exercício interpretativo, amparado na teoria psicanalítica e nas discussões trazidas anteriormente, que busca construir um sentido particular em meio à multiplicidade. Procurei analisar os aspectos que inscrevem a narrativa no fenômeno da adolescência e de suas possíveis relações com a escola.

Esse exercício pode ser traduzido por meio de uma *fanfic* que me pareceu bastante ilustrativa de um cenário recorrente que se apropria da escola para representar uma experiência específica. Devido à extensão da história, optei por trazer recortes extraídos do site, com o intuito de destacar algumas passagens que compreendi serem mais importantes, deixando-a na íntegra nos anexos.

Querido Professor - Park Jimin

escrita por OneAshley



Em andamento

Capítulos 7

Palavras 4.706

Atualizada há 10 horas atrás

Idioma **Português**

Categorias **Bangtan Boys (BTS)**

Gêneros **Drama (Tragédia), Ficção Adolescente, Hentai, Romance e Novela, Shoujo (Romântico)**

Você é cinco anos mais velho que eu , mas isso já não me importa.

Eu serei uma boa aluna , eu prometo.

A história intitulada “Querido Professor – Park Jimin” de autoria de “OneAshley” (que parece ser em referência a uma cantora sul coreana chamada Ashley) é um *fanfic* iniciada em 02/05/2019 que se encontrava em andamento até o momento da escrita desse trabalho.

Novamente, a inspiração é retirada dos Bangtan Boys (BTS), como dito anteriormente, uma banda de *k-pop* (pop sul-coreano) formada por sete garotos, sendo um deles Park Jimin, que aqui virou o personagem do professor por quem a protagonista, narradora em primeira pessoa, apaixonar-se-á e viverá um caso proibido de amor pelo fato de ser sua aluna.

Antes de enveredarmos pela narrativa, é importante destacar o tamanho do fenômeno *k-pop* atualmente no Brasil e em outros países do ocidente, responsável pela movimentação maciça de fãs adolescentes em torno de seus artistas, seus produtos e pelo crescimento do continente asiático como referência cultural das novas gerações.

Devido à escassez de estudos acadêmicos específicos sobre esse fenômeno que pudessem amparar nossa compreensão, baseei-me especialmente no que as mídias no Brasil haviam registrado.

Em abril de 2018, o jornal El País fez um reportagem intitulada “K-Pop, a música símbolo da expansão cultural sul-coreana” em que discorreu sobre o fenômeno e apresentou alguns dados sobre o seu impacto atual:

O K-Pop é uma indústria musical de 4,7 bilhões de dólares (16 bilhões de reais), de acordo com a Agência de Conteúdo Criativo da Coreia do Sul (Kocca, na sigla em inglês). É somente uma parte de um movimento muito maior chamado “onda cultural sul-coreana” (*Hallyu*). O gigante econômico em que está se transformando obrigou o Governo do país a abrir esse departamento que trabalha com tudo o que é relacionado à projeção internacional da música, cinema, *o manhwa* (o mangá sul-coreano), moda, animação, gastronomia, videogames e televisão locais. (MARTÍNEZ, 18

de abril de 2018)

Na mesma reportagem, eles mostram que o *Youtube* e as redes sociais foram fundamentais para a divulgação do *k-pop* no mundo, encontrando um público fervoroso especialmente na Espanha e nos países da América Latina.

O jornal Medium (PEIXOTO, 4 de Julho de 2017) mostrou que o interesse na cultura coreana tornou-se crescente na última década, conforme estatística do *Google Trends* (uma ferramenta que acompanha o número de buscas no *Google* ao longo do tempo). Ele discorre sobre a forma como a indústria fonográfica sul coreana se comporta para “fabricar” o *k-pop*. Eles praticam o que o jornal chama de um sistema de *idols* (ídolos) em que empresas de “caçadores de talentos” reúnem grupos de jovens promissores, treinando-os em diversas artes, línguas, música e dança, e então criam grupos especialmente desenhados e planejados para o sucesso massivo.

O K-Pop “costuma ser formado por bandas de rapazes e garotas, que possuem videoclipes muito mais chamativos e coloridos do que os vistos no Ocidente. Utilizam coreografias e melodias pegajosas que grudam na primeira audição e quase sempre incluem algumas frases em inglês, para conquistar o público internacional”, explica ao EL PAÍS Núria Fuentes, presidenta da associação Han-A Madrid, especializada na cultura da Coreia do Sul. (MARTÍNEZ, 18 de abril de 2018)

O *k-pop* apresenta uma mistura de sonoridades orientais e ocidentais, geralmente intercalando o *pop*, o *rap* e o *hip-hop*. A maior parte das músicas são cantadas em coreano, com algumas frases em inglês, especialmente nos refrões, para serem mais facilmente “entendidas” pelo grande público (SANA, 29 de Julho de 2018).

Essas bandas e artistas devem atender a algumas exigências de perfis, que são detalhadamente planejados para atender a todos os gostos e estilos. Por exemplo, cada membro de um grupo tende a apresentar uma “personalidade”, como o líder, o rebelde, o esportista, o tímido etc., que é um recurso recorrente nas chamadas “boys band” ou “girls band” e que serve como uma espécie de “isca” para a formação de cada fã.

Outro ponto curioso sobre as bandas de *k-pop*, é que os artistas são proibidos, por contrato, a assumirem publicamente um relacionamento ou revelar suas intimidades, pois seus empresários acreditam que essa exposição pode minar o fascínio causado nos fãs (GLOBO, 19 de setembro de 2018).

Finalmente, um último ponto que gostaria de acrescentar, é que um traço marcante na aparência desses artistas também funciona muito bem como combustível dos fãs,

especialmente dentre o público que já se constituiu em meio às influências da cultura *pop* japonesa, na forma de *animés* e *mangás*, e agora na forma de *k-pop*: a androginia. “No *K-Pop* é comum ver membros de grupos que são andrógenos, muita gente vê as fotos deles e perguntam se são homens ou mulheres” (TOWN, Agosto de 2015) . Esse tipo de estética passou a ser mais conhecida do público adolescente consumidor de produtos culturais japoneses, bastante popularizados no Brasil a partir dos anos 90, por meio de desenhos e histórias e quadrinhos. Nessas narrativas, entravam em cena personagens masculinos com características mais suaves ou mais femininas que passaram a refletir um tipo de masculinidade alternativa que, aos poucos, passou a influenciar não apenas o imaginário, mas o estilo de toda uma geração (HOY, 8 de março de 2016).

Não sabemos se o *k-pop*, por seu forte intuito comercial, utiliza a androginia como mais uma jogada de *marketing* sobre seu público ou se seus artistas refletem, de fato, uma nova configuração de gênero vivenciada na contemporaneidade ou, talvez, ambos. O que sabemos até agora é que a estética andrógina acaba servindo como uma tela vazia na qual o público adolescente pode projetar suas fantasias.

Assim, a autora “OneAshley” utilizou o artista “Park Jimin” para projetar sua fantasia romântica, transfigurando-o na figura de um professor. Assim começa assim seu enredo:

Esse é meu último ano escolar, dá pra acreditar que eu sobrevivi?

Tantos babacas como colegas, professores chatos, confusões e brigas, trabalhos e provas, enfim o último ano .

Mas que caralho eu vou fazer depois que sair daqui?

Tudo que minha mãe diz é que devo me formar em psicologia já que me dou bem com crianças, mas eu não suporto a ideia de ter que estudar mais cinco anos para enfim trabalhar como tal.

- Levanta. - ela falou novamente.

Aquele pijama roxo e a xícara de café já me desanimaram, era segunda - feira, ela deveria estar pronta para seu trabalho, e eu para meu primeiro dia de aula no terceiro ano.

- Odeio a escola. - falei saindo da minha cama com os cobertores fofinhos.

- Se quiser ser alguém..

- Estude. - completei a frase de minha mãe. - Eu sei, eu sei. Mas estudar é tão..

- Chato? - ela questionou.

Escola, mãe, obrigação. Antes de embarcar numa aventura romântica para a qual a autora nos preparou na sinopse de sua *fanfic*, ela faz um retrato duro de sua rotina de estudante e de filha. “Esse é meu último ano escolar, dá pra acreditar que eu sobrevivi?”. Ao

iniciar assim sua narrativa, em tom confessional, como se escrevesse num diário, a autora não “terceiriza” sua voz a uma personagem. E continua indignada: “Mas que *caralha* eu vou fazer depois que eu sair daqui?”. Eu me pergunto se ela se refere apenas à escola ou também à sua casa. Ambas as perguntas parecem muito mais um desabafo do que uma busca por resposta. Afinal, daqui a pouco, sabemos que alguma coisa deve acontecer, porque ela nos prometeu. E, muito em breve, o peso da escola será substituído por um enredo mais fascinante que a distanciará dessa primeira pessoa, lançando-a numa fantasia amorosa.

“Odeio a escola” ela diz à mãe, que a obriga a levantar-se do conforto de sua cama. A mãe também a pressiona sobre o futuro. Ela precisa sair da cama, “ser alguém”. E estudar parece “tão chato”. De que forma a adolescência poderia melhor representada?

As tensões e conflitos vivenciados na adolescência tendem a dar-se em torno do que Lacan (1998) chamou de “elaboração do luto como um processo em que o sujeito precisa abandonar sua infância, seus pais, seu ego infantil, para então poder encontrar o Outro, o mundo externo. A cama com “cobertores fofinhos” narrado pela autora parece ser o lugar de onde ela não quer sair, mas do qual ela precisa sair. A figura da mãe é também um lembrete: escola, futuro, “se quiser ser alguém”. Como se a mãe não a reconhecesse como sujeito, de fato, mas como um *vir-a-ser*, um estado de transição que só passa a existir fora de casa. Por isso, levantar-se e ir para a escola torna-se imperativo nessa cena porque, se a autora ficar, ela continuará *não sendo* alguém.

É o ir para a escola que marca, fundamentalmente, a entrada dessa adolescente na cultura, no projeto civilizatório assinalado por Freud (1929/1996), em que o discurso prevalecerá sobre o desejo ou, pelo menos, no qual o desejo deverá ser permanentemente negociado com o Outro, com a instituição.

Mas aqui, nessa *fanfic*, o desejo poderá existir na escola, porque a escrita assim o permite.

- Com licença - falei batendo a porta da sala de aula ao entrar.

- Senhorita S/n presumo. - a diretora falou.

- Sim.- falei sentando em meu lugar.

- Nem mesmo no primeiro dia de aula consegue chegar cedo? - ela perguntou.

Aquela verruga, maldita verruga em seu pescoço. Ela tinha cinquenta e sete anos, ou aquela verruga era mais velha que ela ou a senhora Dinea fazia parte de um ser estranhamente bizarro.

- Eu perdi a hora. - menti ignorado a visão em seu pescoço .

- Como eu estava falando, o professor Luan não irá mais dar aulas para está turma, então este ano vocês terão um novo professor. - a diretora disse.

Era só o que faltava um homem gordo ,divorciado, careca, rabugento e que batia uma régua na mesa para chamar a atenção dos alunos.

- Senhor Park pode entrar .

Os alunos viraram a atenção para a porta, um homem nem tão alto, forte, de cabelos claros, terno e uma boca bem gordinha entrou.

Esse era o tal professor.

- Olá alunos. - ele falou.

Putá merda que voz.

- Eu sou Park Jimin o novo professor de vocês. - ele disse sorridente.

Nessa segunda cena, em que a narrativa sai de casa e vai para a escola, a autora dá nome à sua personagem sem, no entanto, dar-lhe um nome. Ela passa a ser referida como “S/n”, uma abreviação para “sem nome”, que é utilizada, muitas vezes, quando os autores de *fanfic* ainda não inventaram o nome de um personagem. Aqui, nesse caso, a ausência do nome é da própria narradora, em primeira pessoa, denotando, curiosamente, uma ausência ou indefinição de identidade. Um *ser alguém* que é, ao mesmo tempo, *ninguém*.

A psicanálise, por meio de Freud (FREUD, 1905/1997), Lacan (1998) e Rassiá (1999) , lê a puberdade como um processo de metamorfose da subjetividade que leva o adolescente a reeditar o próprio narcisismo e buscar uma nova identidade. Entretanto, esse tende a ser um caminho difícil, complexo, uma travessia entre o que não é mais (e não pode ser mais) infância, e um *vir a ser* adulto – um *entrelugar* no qual o sujeito busca inscrever o nome próprio.

A diretora da escola, senhora Dinea, que fala com S/n, repreendendo-lhe pelo seu atraso, é descrita visualmente por sua estranha verruga no pescoço. Ela poderia ser voz da autoridade, a própria instituição, que lhe é demandante e incômoda (como também a mãe, que a obriga a levantar-se e ir para a escola). A diretora então informa sobre a chegada de um novo professor naquela turma. Já o professor anterior, é lembrado por S/n com incômodo, como o próprio mundo dos adultos. A autoridade parece sinônimo de estranhamento e, também, de rejeição. A novidade irrompe na forma do novo professor que surge em cena. Ele

é concebido como o astro de *k-pop* Park Jimin em sua aparência, porém, agora assumido pelo papel de professor. E sua presença na história marca não apenas o efeito da propagação de um produto exitoso da indústria cultural, mas também o triunfo da fantasia sobre a realidade na narrativa tomada pela fã.

- Alguém aqui pode me dizer pra que serve a química?

Todos os alunos ficaram em silêncio.

- Para tudo. - Eu respondi.

- Exato. - ele falou - Seu nome é?

- S/n .- respondi.

- A química serve para tudo, pois a química está em todo o lugar..

Droga não importava o que saia da boca dele, eu só queria toca-lo , ele não parecia real , era tão bonito pra ser professor, ele podia ser modelo.

- S/n?S/n?

- Sim? - falei saindo de meus vastos pensamentos .

Era ele.

- O sinal tocou , não vai sair?

- Ah, claro professor. - falei o acompanhando até a porta. - Professor você é comprometido? - perguntei analisando suas mãos.

- Não eu sou solteiro. Porquê?

- Nada. Tenha uma boa manhã professor. - falei me afastando em direção ao refeitório.

Não sei porquê mas a escola ficou muito interessante este ano.

Curiosamente, o professor Park Jimin ensina química. Seria essa uma forma figurativa que a autora encontrou para falar da atração física entre as pessoas? Ele ensina que a química está em toda parte. E S/n então entra em devaneios românticos que se seguirão no decorrer da narrativa. Um de seus pensamentos é de que ele era bonito demais para ser professor, ele poderia ser modelo. O professor, novamente, ocupa um lugar de inadequação ao desejo ou à própria idealização da adolescência. O que Park Jimin parece fazer, ao assumir esse lugar na narrativa, é dar ao desejo o lugar da autoridade, facilitando assim o estreitamento da relação entre o querer e o dever. Tanto que ela não apenas toma a liberdade de lhe perguntar se ele é comprometido, expondo, dessa forma, o rompimento de uma barreira formal entre professor e aluno, mas também encerra o capítulo com a seguinte frase: “Não sei porquê, mas a escola ficou muito mais interessante este ano”, como se o laço com a escola passasse a ser constituído a partir do desejo.

Esse tipo de revelação trazida pela narrativa, encontra amparo no que Millot (1990) leu acerca da impossibilidade de o desejo e a moral implicada na instituição

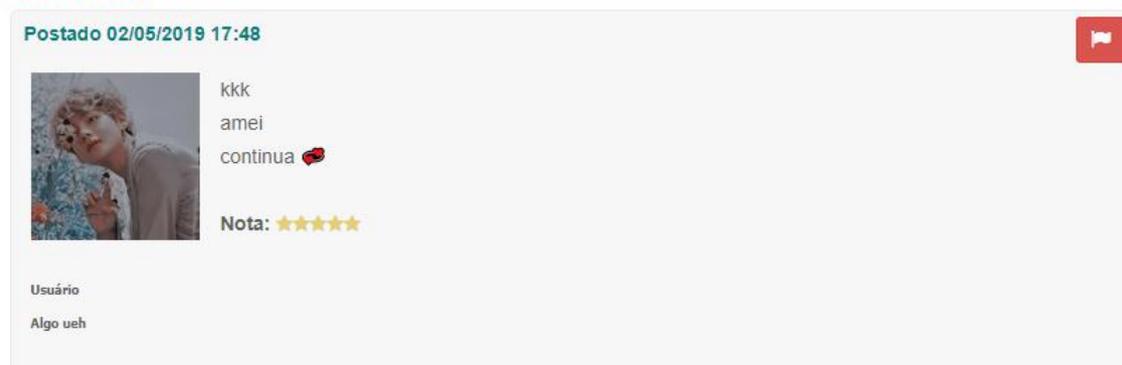
educacional coexistirem, sem um abdicar do outro. O exercício praticado pela narrativa é uma espécie de transgressão da lei e da cultura que deixam de se inscrever na personagem, para poderem dar ao desejo o lugar que lhe é negado na realidade.

Ao final deste e dos próximos capítulos, a autora deixará uma nota final perguntando se deve continuar, que será respondida de forma afirmativa pelos leitores. Estes, por sinal, em sua maioria, identificados por imagens de artistas do *k-pop*, a respeito dos quais não sabemos afirmar, muitas vezes, seu gênero ou idade.

Notas Finais

Continua?

UmaPessoaU



A narrativa aproxima ainda mais S/n do professor ao torná-lo seu vizinho de corredor. A personagem passa então a ter contato com Park Jimin não apenas na escola, mas também em suas idas e vindas de casa. O enredo então passa a girar em torno da atração que um alimenta pelo outro, que fica evidenciada pelos pensamentos incessantes de S/n e pelos longos diálogos entre os dois. Situações como encontros no corredor, ficarem presos no elevador ou ela pedir ajuda dele para fazer um trabalho escolar vão intensificando a expectativa de que eles venham a ficar juntos. Porém, a escola passa a insurgir como um elemento dramático que funciona para impedir a consumação do romance. Quando S/n resolve roubar um beijo do professor, esse diálogo ilustra bem a situação:

Ele se levantou calmamente e sentou - se na mesa me olhando no fundo dos meus olhos.

- Você percebe o que está falando? Você é uma garota..

- Eu já tenho dezoito anos. - falei o interrompendo.

- Mesmo assim sabe o que uma relação entre aluna e professor pode causar?

- Sim.

- Então você sabe que isso jamais poderia acontecer? - ele perguntou mais sério.

- Professor, você não se sente atraído por mim? - perguntei me aproximando.

- Você é muito bonita S/n, mas não é isso que vem ao caso. - ele falou.

- Sério? Porque eu percebi como você olha as outras alunas e como me olha. - falei irônica .

- Você sempre foi assim? - ele perguntou com um leve sorriso.

- Nós temos apenas cinco anos de diferença acha que eu me importo com qualquer consequência aleatória ? Somos adultos.

- Eu sou seu professor.

- É isso que torna tudo melhor, não acha que deveria me ensinar algumas coisas? - perguntei sentando na classe a sua frente.

A personagem provoca o professor, que insiste inicialmente com a questão ética entre eles. Mas, sem demorar muito nesse dilema, eles logo acabam engatando-se em beijos e carícias que passam a crescer na narrativa, lançando-a numa escrita marcadamente erótica. A consumação sexual é sempre precedida de hesitação. Mas aqui, no embate entre o desejo e o dever moral, o desejo prevalece.

Ele me olhou atentamente, eu sabia que o modo em que minha saia se encontrava o chamava atenção.

- Você, S/n deveria saber dos problemas envolvidos nisso e que sua postura não é a mais adequada. - ele falou tentando não me olhar fixamente.

- Está bem professor, eu sei o meu lugar. - falei levantando e chegando o mais próximo dele até ouvir sua respiração acelerada.

O senti me puxar instantaneamente para si, e segurar com força minha cintura, seu beijo foi como o que eu havia lhe dado.

Havia desejo nele.

- Senhor Park, isso não é um problema? - perguntei me afastando delicadamente.

- Sim S/n isso é um problema. - ele respondeu me soltando devagar.

Me afastei dele e andei em direção a porta como se nada tivesse acontecido.

- Você vai resolver esse problema não é professor? - perguntei ladina ao perceber sua excitação.

Sai da sala vendo um sorriso se formar em seus lábios.

Eu havia perdido o intervalo, e acredite foi o melhor tempo perdido que eu pude ter.

A narradora não apenas provoca o personagem do professor, mas, ao final do texto, ela também provoca o leitor ao dizer “Eu havia perdido o intervalo, e acredite foi o melhor tempo perdido que eu pude ter”. Ela insinua, não só nessa frase, mas em tantas outras no decorrer da narrativa, que o leitor não é apenas o seu confidante, mas, de alguma forma,

ele sabe do que ela está falando. E se não sabe, pode ao menos imaginar. Afinal, quem nunca sonhou em quebrar regras?

A transgressão condensa e contrapõe o permitido e o proibido. O efeito erótico advém da união (permitido/proibido) e da superação da interdição pela transgressão. “O que é notável na interdição sexual é o fato de ela se revelar plenamente na transgressão” (BATAILLE, 1987, p. 168). A transgressão, por sua vez, faz-nos vislumbrar os itens fundantes de nossa civilização (SADDI, 2011, p. 206).

A ebulição sexual dos adolescentes como consequência do período de latência vivenciado na infância (FREUD, 1905/1997) faz com que eles se voltem mais a objetos externos em busca de satisfação. Entretanto, a pulsão sexual é desviada a todo tempo para outras finalidades, tais como a construção de aspirações estéticas e morais e a aquisição de conhecimento – função geralmente executada pela escola e pela família. Nesse momento, opera a sublimação como forma de canalizar a libido, fortalecendo as fantasias que se estabelece no plano inconsciente. A sublimação da sexualidade, por meio de diferentes “disfarces” ou “encobrimentos” tornam a palavra escrita mais facilmente sucumbida ao erotismo. “A literatura nos permite experimentar certa dose de erotismo; transgredir, mas com menor risco de invasão de angústia” (SADDI, 2011, p. 207).

Notas Finais

Continua?

kim_chapeus

Postado 18/05/2019 21:37



Caraaalho man, COMO EU VIVI SEM ESSA FIC? DEUS QUE LINDO MANO, QUE LINDO...

Se vc não continuar, eu vou na tua casa te dar uma voadora



Nota: ★★★★★

Usuário

Na medida em que a história avança nos conteúdos eróticos, os comentários dos leitores se tornam mais entusiasmados. São vários os momentos em que o professor e S/n se

aproximam, se acariciam, mas são interceptados por um dilema moral que se dissipa rapidamente. Quando não é mais a escola o fator de interdição, passa a ser a virgindade de S/n, alimentando o sentido desejado da transgressão dos personagens.

Ele me olhou atentamente, sua respiração estava acelerada e seus cabelos bagunçados; Park mordeu os lábios e recuou saindo de cima de mim.

- Não posso fazer isso com você. - ele falou.

- O quê? Porquê? - perguntei confusa

- S/n você é virgem?

Olhei para ele como se não acreditasse naquela pergunta.

- Sim. - respondi após alguns instantes.

- Tem certeza que quer fazer isso comigo?

- Sim.

Ele se aproximou novamente e me beijou com desejo, passei minhas unhas levemente por seu abdômen definindo e vi um sorriso se formar em seu rosto.

- Jimin por favor. - eu sussurrei ao vê-lo hesitar.

- S/n, você é linda, mas eu não quero que se arrependa de nada, não quero te machucar.

- Nada disso vai acontecer. - falei me sentando na cama.

- Eu quero você, e muito, mas preciso que espere.

- E o que devo esperar? - perguntei aflita.

A espera da protagonista pela decisão do professor de consumir o ato sexual representa também uma tensão crescente provocada no leitor, uma espécie de isca narrativa que o faz querer continuar lendo a *fanfic*. O leitor também se alimenta do desejo, pois a literatura lhe oferece uma fonte de satisfação, um lugar em que ele pode sublimar suas pulsões por meio das palavras do outro.

A palavra *erótico* origina-se do latim *eroticus* e este do grego *erotikós*, que deriva do nome de Eros, o deus do amor. Freud (1905/1997) fala que o sexo é um efeito distante do sexual. Ele separa o ato do gozo erótico. O primeiro tem a ver com o próprio corpo e a possibilidade de reprodução da vida, enquanto o segundo é muito mais um efeito simbólico que as pulsões efetuam no campo da fantasia. O erotismo se relaciona com o prazer, enquanto o ato sexual se relaciona com a perpetuação da vida. Essa percepção faz com que Bataille (1957) afirmasse que o orgasmo é uma pequena morte ou uma pequena transgressão.

Birman (1999) lê Freud e Bataille e nos assinala que a sublimação e o erotismo são derivações de *Eros*, afirmações da vida e maneiras de tornar a existência possível. Sublimar, para o autor, não é necessariamente produzir o belo ou a arte, como geralmente se associou. A ação sublime implica a ruptura com o belo, com a reprodução, isto é, com a transgressão de seus limites. O belo, por excelência, em psicanálise pelo menos, é figurado pelo falo. A sublime ação implica a ruptura com o imperialismo do falo, entreabrindo a subjetividade para a possibilidade do erotismo e da criação. É justamente isso que é possibilitado pela feminilidade (BIRMAN, 1998).

A escrita feminina erótica, mesmo quando representa o amor romântico, ainda tão presente no imaginário popular, também transgride ao dar protagonismo ao desejo feminino que, na *fanfic*, pode ser expresso na forma de ficção. Lembramos que Plant (1999) nos afirmou que o ciberespaço é um universo particularmente favorável às mulheres, no qual elas podem desprender-se de uma identidade pré-concebida, sem estarem atreladas às marcas de um corpo historicamente construído. Isso também permite que adolescentes LGBT encontrem nesse espaço um lugar para a subjetivação de suas vozes.

Aliás, o desprendimento identitário também nos leva a pensar que esses autores e leitores de *fanfic* presentes no site podem ser, invariavelmente, pessoas ancoradas em perfis diversos, efetuando uma troca de gênero, de estilo, de idade, de personalidade como um exercício possível no ciberespaço. Não podemos afirmar, ao certo, se a autora OneAshely é uma garota, mas sabemos que ela narra a si como uma em suas histórias. Não há nada em seu perfil que evidencie, de fato, uma identidade.

OneAshley - Apenas uma army

Nome: Ashley
Sexo: Indisponível
Localização: Indisponível
Aniversário: Indisponível
Cadastro: em 31/05/2018 18:10

*Meus passatempos são:
 -Escrever histórias, compor músicas e desenhar.
 -Escuto todo tipo de musica
 *Conheço kpop desde 2013

Por “army”, ela se refere à expressão com a qual são conhecidas a fãs de *k-pop*. Sabemos apenas a data em que ela se cadastrou com esse perfil no site e seus passatempos

favoritos. Foram omitidas as demais informações, o que é bastante comum nos cadastros de usuários. Todas as outras histórias escritas por ela são também *fanfics* dos Bangtan Boys (BTS). Entendemos, assim, que a identidade virtual é um elemento menos importante para o público das *fanfics*, pois sua interação se dá, efetivamente, em torno das histórias, mais do que de seus autores.

A virtualidade reflete também a complexidade das identidades, da qual nos fala Morin (2005). Os sujeitos não podem ser encerrados em definições fixas, a complexidade pode estudar os perfis complexos, mas sempre com a certeza de incompletude.

Podemos imaginar que as *fanfics* produzidas pela autora não refletiriam tantos desejos e fantasias se sua identidade não fosse virtualmente atravessada pela ficção, ou, melhor, nas palavras de Levy (LÉVY, 1996), se não sofresse a desterritorialização causada pelo virtual.

Assim, a autora segue despindo sua narrativa, aproximando-nos do momento esperado em que os personagens finalmente consumam em ato aquilo que a história apenas provocou de forma crescente até então. O professor e S/n puderam, finalmente, estar a sós na casa dela em virtude da ausência na mãe, que viajou. A saída de cena da mãe abre a possibilidade de S/n investir-se não mais como filha, mas como mulher, na presença de seu objeto de desejo. Ela pode, finalmente, transpor para o Outro a sua intimidade, antes limitada ao espaço familiar, onde habitavam apenas ela e sua mãe. Agora esse Outro encontra-se lá, no lugar da ausência da mãe.

- Como assim babá? - eu questioneei vendo o sorriso irônico dele.

- Eu vou cuidar de você.- ele falou se sentando no sofá.- Ela disse que eu sou a companhia mais adequada durante esse final de semana. - Park falou.

- Minha mãe pediu para meu professor cuidar de mim?

- Sim.- Park respondeu.

O olhei curiosa e ao mesmo tempo nervosa, no que minha mãe estava pensando?

- Então você vai dormir aqui? - perguntei confusa.

- Isso eu já não sei, ela apenas pediu que eu a impedisse de fazer alguma besteira.

- Típico. - falei sentando no sofá.

- Professor ..

- Sim?

- Que tal assistirmos um filme?

- Que filme você quer ver? - ele perguntou se arrumando no sofá.

- Que tal Sonhos Lúcidos? Eu sempre quis ver , mas não tive tempo.- falei pegando o controle.

Curiosamente, o filme sugerido por S/n chama-se “sonhos lúcidos”, como se novamente ela antecipasse, por meio da metáfora, o desejo que vai se realizar em breve. No sofá, eles então engatam em carícias sexuais que os levarão à cama. Ali, a relação acontece. E o capítulo termina.

Ele saiu dentro de mim e deitou ao meu lado me abraçando enquanto me cobria.

Park sorriu e deixou um celular em minha testa .

- S/n você é incrível.

- Obrigada por isso.- falei me arrumando em seu abraço dando um selinho no mesmo.

Ele acariciou meu cabelo e suspirou, fechei meus olhos e pensei se meu professor Park Jimin ainda teria mais coisas para me ensinar.

Notas Finais

Continua?

Park_Miriam

Postado 2 semanas atrás



Aaaaaa💙💙💙amei por favor continua💙💙

Usuário

Responder este comentário

MyForeverJimin

Postado 2 semanas atrás



Lovely

Ahhh pra uma virgem essa sn não era nem um pouco tímida skksjssj
Continuaaaaaa por favor

Usuário

O desejo então foi realizado? Ou melhor, é possível se realizar um desejo de fato? Se sim, então a consumação do ato sexual encerraria a história. O que haveria para além do prazer alcançado? A sexualidade freudiana é uma ética do desejo, pautada no terrível paradoxo humano: dependemos do outro para erotizar a vida, mas não há encontro humano que seja capaz de fazer cessar o desejo. Este é o grande paradoxo com o qual cada um de nós tem de se a ver. E é para responder a este terrível paradoxo que existe a sexualidade: sou incompleto, logo erotizo (GUIMARÃES, 2016).

Surpreendentemente, a história continua movida pela narradora, que esboça uma outra travessia de S/n para o mundo adulto. A etapa subjetiva da adolescência lança os sujeitos não apenas em busca de satisfação de sua libido por meio do encontro com objetos de desejo, mas ela também implica a saída da “casa dos pais” ou do que Lacan chamou de “luto dos pais”. Sem realizar esses dois movimentos, o adolescente resiste num *entrelugar*, no meio do caminho entre a infância e o *vir a ser*. O que a narrativa nos traz como saída é, de fato, o luto de S/n pela mãe (aqui tida como *Omma*, que equivale à mãe em coreano), que morre num acidente de carro durante sua viagem. Uma guinada brusca na narrativa, pois o leitor antes mergulhado no gozo dos personagens principais, agora é lançado no luto da protagonista. S/n

chora no enterro de sua mãe:

Eu não conseguia dizer o que era pior naquele momento.

As pessoas me cercavam como se eu fosse um ponto de luz em um local escuro, parecia mais difícil que o normal de respirar, mas ninguém se importava com isso; tudo que eu ouvia era sobre pêsames e sentimentos que na qual eu sabia que não valiam tanto como deveria; minha mãe não tinha família em Seul todos se afastaram quando descobriram que ela estava me esperando sem ao menos ter casado, os que se fizeram presentes no enterro eram apenas alguns colegas de trabalho, o chefe dela, Jimin, Hoseok e alguns curiosos desconhecidos, era isso e o meu silencioso desespero visto em lágrimas, que se agravaram ao ver o caixão com a mulher que me deu a luz ser enterrada, deixada a sete palmos para virar pó.

- Ommaa..- eu sussurrei com a voz falha.

Ninguém ali presente me ouviu, mas eu estava gritando.

A psicanálise nos fala sobre como é dolorosa a passagem da adolescência e da grande importância do desligamento dos pais, como uma morte simbólica.

A partir do desligamento das figuras parentais é que será possível ao adolescente a aquisição de conhecimentos e posições diferentes diante da vida. Ele nos encaminha a perceber que, após esse afastamento, haverá um período de “retificação da vida real” através de fantasias que têm objetivos eróticos e ambiciosos, geralmente o primeiro oculto sob o segundo. São fantasias como as de que seus pais não são seus verdadeiros pais e que estes talvez sejam mais poderosos e interessantes, enfatizando qualidades que provavelmente advêm daquelas atribuídas aos pais no primeiro momento, na infância, e que deixaram saudades, não se desfazendo, portanto, delas. Fantasias servem para lidar com a perda dos pais idealizados e com o novo, o encontro com a agressividade sexual. (FERRÃO e POLI, 2014, p. 49).

Esse processo, aqui representado pelo drama de S/n ao perder sua mãe, ilustra muito bem a subjetivação do luto vivido na adolescência. A narradora encontrou na ficção uma forma literal de dar fim aos pais e, assim, ensaiar a emancipação sua personagem. A escrita permite esse tipo de alcance. Para Lacan, a letra se situa no real, ou seja, um lugar em que o imaginário e o simbólico podem se reinscrever. Pela escrita, o sujeito ressignifica aquilo que ele tomou como realidade, ainda que nunca absoluta, mas uma ficção na qual cada sujeito reedita o seu próprio desejo.

Aquilo que chamo então de última saída na narrativa, encontrada como destino possível para S/n, dá-se neste último trecho, do último capítulo publicado até o presente momento, que passo a considerar como o encerramento provisório desse estudo.

Ainda lamentando a morte da mãe, S/n é consolada pelo professor Park Jimin,

agora também seu amante.

- Ela está morta Jimin.

- Eu sei, mas não é culpa sua, você precisa ser forte , por ela.

Suspirei deitando minha cabeça em seu peito já conhecido.

- Por favor, nunca vá embora.- eu disse fechando os olhos.

- Tenta dormir está bem, eu vou estar aqui quando acordar - ele falou sussurrando enquanto me aconchegava em seus braços - Vou cuidar de você pequena.

Nesse diálogo aparentemente romântico, uma camada emocional infantil parece incidir na dinâmica do casal. Ao pedir ao professor que tome, de alguma forma, o lugar de sua mãe em seu cuidado, S/n reedita o seu Édipo, transferindo ao amante uma função paterna.

Na difícil passagem da adolescência, com a obrigação de ter um futuro pela frente, ainda incerto, o adolescente procurará uma figura nesse lugar, o lugar de autoridade incontestável para se amparar. Na nossa sociedade, poderia ser um professor ou um político para dizer-lhe o que fazer, mas, infelizmente, em sua maioria, ele percebe que estes estão com o discurso padronizado, estando, portanto, despreparados para exercer a função de mestre. (FERRÃO e POLI, 2014, p. 49).

A figura ambivalente do professor aqui funciona não apenas como a autoridade redentora, mas também como um amante com o qual a adolescente poderá estar em dia com seu desejo. Essa saída encontrada pela ficção nos lembra do que Freud já nos afirmava sobre a potência sublimadora da arte, neste caso, a literatura. De que o artista consegue espelhar em sua escrita seus desejos inconscientes e aludir aos desejos de todo um grupo social.

A *fanfic* concebida por OneAshley revelou – provavelmente, sem querer – a passagem da adolescência sublimada pela ficção.

A personagem S/n, permaneceu, até aqui, sem nome. Talvez ela ganhe nome próprio mais adiante ou, talvez, a ausência de um nome tenha tornado essa personagem uma tela vazia, que me permitiu olhá-la desta forma e me inscrever também nessa história. E ela continuará.

Notas Finais

Continua?

Miihzc

Postado 3 horas atrás



Não fui a única que realmente interpretou o papel de Sn ali né? ;;

Chorei :(

Tinua :s

Nota: ★★★★★

Usuário

O segredo é ter comida

WuW

Responder este comentário

MommySayore

Postado 14 horas atrás



Eu tô chorando igual a um bebê, continua 🥹🥹❤️

Nota: ★★★★★

Usuário

Aqui resgato o que havia dito inicialmente sobre a variedade de histórias que contêm a “tag” escola e que trazem elementos similares aos encontrados na *fanfic* de “OneAshley”: um lugar que parece dar passagem à fantasia romântica, carregada de erotismo e, assim, lançando seus personagens numa transgressão na qual o inconsciente adolescente anseia por se inscrever.

Meu querido Professor

escrita por CherryBlssom



Em andamento

Capítulos 2

Palavras 4.604

Atualizada há 2 dias às 20:00

Idioma Português

Categorias [Bangtan Boys \(BTS\)](#), [Big Bang](#), [EXO](#), [Min Hyo Rin](#), [Monsta X](#), [Super Junior](#)

Gêneros [Comédia](#), [Crossover](#), [Drama \(Tragédia\)](#), [Fluffy](#), [Lemon](#), [Romance e Novela](#), [Yaoi \(Gay\)](#)

Eu podia me apaixonar por qualquer um!

Mas tinha que ser Justo pelo professor de matemática?!

18

3 28

Querido Professor - Imagine Lay

escrita por Meieol

**Em andamento**Capítulos **14**Palavras **30.060**

Atualizada há 8 dias às 10:40

Idioma **Português**Categorias [EXO](#), [Huang Zitao "Z.Tao"](#), [Kris Wu](#), [Lu Han](#)Gêneros **Ação**, **Crossover**, **Drama (Tragédia)**, **Festa**, **Ficção**, **Ficção Adolescente**, **Hentai**, **Lemon**, **Luta**, **Romance e Novela**, **Shoujo (Romântico)**, **Yaoi (Gay)**

— Professor ? Serei apenas sua, se você também for somente meu... — Sorri vitoriosa, encarando Lay que estava inquieto, novamente, sem saída para minhas palavras.

18

609 1.284

[Exibir sinopse completa](#)**Meu querido Professor Jungkook (Jikook Hot)**

escrita por Army4848

**Em andamento**Capítulos **7**Palavras **2.007**

Atualizada há 18 horas atrás

Idioma **Português**Categorias [Bangtan Boys \(BTS\)](#)Gêneros **Hentai**, **LGBT**, **Romance e Novela**, **Yaoi (Gay)**, **Yuri (Lésbica)**

Doce, gentil, fofo, inteligente esse era Park Jimin, um adolescente de 17 anos que mora em Seul, Coreia do Sul acaba de se apaixonar pelo seu professor Jeon Jungkook...Será que o mesmo também está apaixonado por Jimin...?

18

39 48

[Exibir sinopse completa](#)

Da hibridez à especificidade, desde sempre nos vimos às voltas com fenômenos da cultura de massa – a cultura de fãs, a indústria musical, o *k-pop*, as *fanfics* – e as possibilidades de subjetivação dos diferentes sujeitos por trás das grandes narrativas. A histórias contadas pelos fãs, nas *fanfics*, abraçam as memórias de uma geração, com seus fascínios, seus dilemas, suas alienações e, especialmente, com desejos que encontram no ciberespaço a liberdade que lhes é tão cara, e não têm lugar no discurso civilizatório.

8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

O fenômeno da adolescência e o fenômeno das *fanfics* são marcados pela complexidade e pela inscrição subjetiva de seus sujeitos, que os localizam, por um lado, dentro da cultura de massa e, por outro, dentro de um processo de ressignificação identitária e autoral.

A ideia de hibridez e especificidade emergem como efeito dos sujeitos investidos na cultura, agrupados em torno de processos de identificação, como é próprio da cultura de fãs, mas também sujeitos investidos em desejos, que lhes permitem deixar marcas de singularidade mesmo em espaços aparentemente homogêneos.

O ciberespaço e a virtualidade funcionam como catalizadores do inconsciente, que emerge como linguagem, permitindo aos adolescentes a expressão de sua intimidade através da sublimação de suas pulsões por meio da escrita de ficção no contexto das *fanfics*.

Suas histórias refletem o impacto da cultura *pop* asiática na subjetividade contemporânea, a apropriação feminina da palavra, da fantasia romântica e da erotização como formas de resistência e transgressão aos papéis tradicionais de gênero, possibilitando também a emergência de novas identidades no público afetado.

As *fanfics* traduzem a adolescência, ainda que de forma involuntária. Elas simbolizam, através da ficção, a escola como um elemento de passagem para a fantasia romântica, em que a travessia do adolescente se efetua no encontro com o objeto de desejo e no abandono da infância, figurada na separação ou luto dos pais que o lançam em um *vir a ser*, um sujeito ainda não totalmente constituído.

O caminho trilhado até aqui me lançou, por muitas vezes, em diferentes direções, procurando reuni-las, como num quebra-cabeças, na construção desse texto. O *trilhamento* e a *bricolagem* como formas de estudo são movimentos cambaleantes que exigem equilíbrio e fôlego, mas também permitem uma elasticidade no percurso narrativo. Certamente, lacunas foram abertas, faltaram respostas e alguns pontos finais. Mas as dúvidas e incertezas, penso eu, também podem ser possibilidades emergentes, um *vir a ser* que torna esse estudo um lugar ainda não totalmente constituído, como a própria adolescência.

Tenho dúvidas se o que fiz foi muito mais um exercício pessoal ou uma investigação acadêmica. No entanto, sei que a pesquisa que se arrisca na subjetividade esbarrara, invariavelmente, na ambivalência.

Como exercício pessoal, obtive resultados significativos, pois pude ter a chance de ver minha adolescência ser reatualizada pelas *fanfics*. Tudo que escrevi um dia e que se

perdeu pelo descaso, foi, de alguma forma, reencontrado nessas ficções. Ainda que hoje elas reflitam uma nova cultura, de uma nova geração, os enredos, essencialmente, investem-se do mesmo material com o qual a minha adolescência teceu suas histórias. Dos vampiros seculares para os astros sul coreanos, existem algumas décadas de diferença, mas o que se tece entre o sonho e a escrita, que é da ordem do desejo, é também aquilo que não cessará de não se inscrever.

Num dado momento, enquanto escrevia sobre a escrita feminina (numa metalinguagem com a qual lidei ao longo de todo esse trabalho), fui atingida pelo trecho de um estudo de Silva (2012):

Inscrever-se e poder ser apagada parece ter sido o dilema que atormentou muitas das mulheres que se aventuraram a escrever. Algumas, embora indecisas sobre se deviam guardar seus escritos ou apagá-los, optaram pela primeira alternativa; e hoje é possível ter acesso ao modo como viveram, pensaram e representaram a realidade de que faziam parte. Outras, infelizmente, acabaram se livrando de seus escritos por achá-los inúteis, frívolos. Dessas, restam apenas referências esparsas, mas obra nenhuma; ou, o que é pior, o completo anonimato. (SILVA, 2012, p. 112-113)

Nessa passagem, vi-me às voltas com minhas lembranças sobre o apagamento dos meus escritos na adolescência, mencionado em minha apresentação. E algo mais se efetuou do que uma instantânea identificação. A sensação de que deixamos nossas marcas não apenas no que escrevemos, mas também naquilo que silenciamos e que, talvez, se eu pudesse ter usufruído em minha adolescência da simulação de uma outra, que não eu, como hoje o ciberespaço possibilita, eu poderia, quem sabe, ter acesso aos meus registros passados tantos anos.

Mas “e se...” pode se tornar um incessante devaneio. Nesse sentido, Freud sugere que o escritor criativo é o sujeito que faz história ao invés de devanear. Então, penso eu, por que não seguir escrevendo sobre essas outras mulheres?

As *fanfics* refletem hoje um movimento já iniciado há tantas gerações por mulheres que se investiram da escrita como prática da memória feminina, seja por meio do registro de diários íntimos, de cartas ou de romances escritos, muitas vezes, sob pseudônimos; refletem também um conjunto de leitoras assíduas de ficções frequentemente consideradas subgêneros da literatura como as novelas, as fotonovelas, os contos de revistas e, então, os *blogs*, entre outros que hoje são propiciados pelo virtual. Nesses espaços, registram-se memórias de uma relação estabelecida pelas mulheres com a cultura e com o desejo. São espaços dos quais ainda se podem desvelar olhares e produzir novas leituras.

Como OneAshley, eu deixo minha narrativa nas mãos dos leitores, aguardando pelo retorno à seguinte pergunta:

Continua?

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, L. C. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169 - 214.
- ALETTI, M. A figura da ilusão na literatura psicanalítica da religião. Psicologia USP, São Paulo, v. 15, p. 163-190, 2004. ISSN 3.
- ARAÚJO, J. C. O "internetês" não é língua portuguesa? Vida e Educação, Fortaleza, v. 4, n. Brasil Tropical, p. 28-29, 2007.
- AYUB, R. C. P. O olhar de psicanalistas que escutam a adolescência: singularidades da clínica atual. Dissertação de Mestrado. ed. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.
- BARROS, R. M. M. D. A escrita feminina. In: COSTA, A.; RINALDI, D. Escrita e psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. p. 173-184.
- BATAILLE, G. O erotismo. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BEIVIDAS, W. Inconsciente&Sentido – Ensaio de interface entre psicanálise, linguística e semiótica. 2ª edição. ed. São Paulo: Annablume, 2009.
- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: _____ Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, v. Obras escolhidas. Vol. 1, 1987. p. 114-119.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BENJAMIN, W. Obra de arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. 1ª. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BERLINCK, M. T. A dor. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 2, p. 46-58, Julho-Setembro 1999.
- BIRMAN, J. Imaginação, a fantasia e o sublime em psicanálise: uma leitura de Eros e civilização, de H. Marcuse. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 8, p. 75-99, Junho 1998.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas, v. 11, p. 63-76, Junho 2007.
- BOIX, M.; MIGUEL, A. D. Os gêneros da rede: os ciberfeminismos. Internet em Código Feminino: Teorias e Práticas, Buenos Aires, n. La Crujía Ediciones, p. 39-76, 2013.

- BRASIL, C. G. D. I. N. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2017. São Paulo: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_kids_online_2017_livro_eletronico.pdf>.
- BRUNER, J. A construção narrativa da realidade (tradução de Waldemar Ferreira Netto). *Critical Inquiry*, p. 1-21, 1991.
- CALLIGARIS, C. A adolescência. Coleção Folha Explica. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARROLL, L. Alice no País das Maravilhas. eBooksBrasil.org. ed. [S.l.]: Arara Azul, 1865/2002.
- CARVALHO, A. V. S. R. D.; QUEIROZ, L. S. D.; BERGAMO, F. V. D. M. Consumo adolescente: construindo a identidade de jovens brasileiras. *Revista Brasileira de Marketing*, São Paulo, v. 16, p. 68-82, Janeiro-Março 2017.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, J. C. L. D. Sob o signo de Narciso: identidade na sociedade de consumo e no ciberespaço. *Verso e Reverso - Revista da Comunicação*, São Leopoldo - RS, v. 23, n. 52, 2009.
- CAVALCANTI, M.; NEPOMUCENO, C. O Conhecimento em Rede: como implantar projetos de inteligência coletiva. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- CÉ, O. A. Seme ou Uke? Uma análise sobre o Yaoi, os quadrinhos homossexuais japoneses. *Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. [S.l.]: Universidade Federal de Santa Catarina. Agosto 2010.
- CEIA, C. E-Dicionário de Termos Literários, Lisboa, Dezembro 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bricolage/>>.
- CERTEAU, M. D. A invenção do cotidiano - Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, Á. Desenvolvimento Psicológico e Educação. 2ª edição. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.
- CONTE, B. Reflexões sobre o método e a metodologia em psicanálise. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, v. vol. 1, n. 3, p. p. 6-10, Junho 2004.
- CONTE, M. Desafios na Juventude: Drogas, Consumismo e Violências. *Educação&Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 131-146, Julho-Dezembro 2008.
- COSTA, A. C. D. R. Entre ver e olhar: a arte pelos olhos da psicanálise, Ijuí, n. Unijuí - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2017.
- DERDYK, E. Ponto de chegada, ponto de partida. In: *A invenção da vida*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

DERECHO, A. Archontic literature: A definition, a history, and several theories of fan fiction. North Carolina: McFarland & Company, 2006.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência&Saúde - UERJ*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 6-7, Abril-Junho 2005.

ENRIQUEZ, E. *Psicanálise e ciências sociais*. Ágora, Rio de Janeiro, v. Vol. 3, Julho a Dezembro 2005.

FERRÃO, V. S.; POLI, M. C. Adolescência como tempo do sujeito. *Adolescência&Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 48-55, Abril-Junho 2014.

FERREIRA-LEMONS, P. D. P. Navegar é fantasiar: relações virtuais e psicanálise. *Psico*, Porto Alegre, v. 42, n. PUCRS, p. 59-66, Janeiro-Março 2011.

FONTGALAND, A.; CORTEZ, R. "Manifesto ciborgue". In: *Enciclopédia de Antropologia*, São Paulo, n. Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Coleção L&PM Pocket. ed. PortoAlegre: L&PM Editores, v. 1 e 2, 1900/ 2012.

FREUD, S. *Sobre a psicoterapia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, 1905/1996.

FREUD, S. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 8, 1905/1997.

FREUD, S. *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 11, 1910/1996.

FREUD, S. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 13, 1914/1996.

FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 14, 1914/1996.

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. *Obras Completas*. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 15, 1921/2011.

FREUD, S. *Prefácio à "Juventude Desorientada" de Aichhorn*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1925/1980.

FREUD, S. *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de

Sigmund Freud. ed. [S.l.]: Imago, v. 20, 1925/1996.

FREUD, S. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, v. 20, 1926 /1996.

FREUD, S. O mal estar na civilização. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1929/1996.

FREUD, S. Sexualidade feminina. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1931/1996.

GIBSON, W. Neuromancer. 5ª. ed. São Paulo: Aleph, 2016.

GLOBO, O. Ídolos do K-pop são demitidos por gravadora após assumirem namoro. O Globo - Cultura, 19 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/idolos-do-pop-sao-demitidos-por-gravadora-apos-assumirem-namoro-23069378>>.

GRANT, W. H. A mascarada e a feminilidade. Psicologia USP, São Paulo, v. 9, p. 249-260, 1998.

GUIMARÃES, L. D. A. Sexualidade e erotismo em Sigmund Freud. Palestra proferida no dia 28 de março de 2016 no curso de Psicologia da UNAERP (Universidade de Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, 2016. Disponível em: <<https://www.ribeiraopretopsicologia.com.br/sexualidade-e-erotismo-em-sigmund-freud/>>.

HARAWAY, D.; TADEU, T.; KUNZRU,. Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HONDA, H. O estatuto conceitual do inconsciente em Freud e algumas de suas implicações para a prática psicanalítica. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 41-57, Abril 2013.

HOY, L. J. Mercantilización del cuerpo masculino, homoerotismo y androginia. *Japonismo*, 8 de março de 2016. Disponível em: <<https://japonismo.com/blog/mercantilizacion-del-cuerpo-masculino-homoerotismo-androginia>>.

[HTTPS://DICIONARIODOAURELIO.COM/FA](https://dicionariodoaurelio.com/fa). Dicionário Aurélio. Acesso em: 2019.

JENKINS, H. *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*. New York: Routledge, Chapman and Hall, ink, 1992.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2ª. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KEHL, M. R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KELLES, N. F.; LIMA, N. L. D. Adolescentes no ciberespaço. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 49, p. 202-233, 2017.

- KIMBROUGH, A. M. et al. Gender differences in mediated communication: Women connect more than do men. Elsevier- Computers in Human Behavior, p. 896-900, Janeiro 2013.
- KOMESU, F. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologia na Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- KUPFER, M. C. Freud e a educação – o mestre do impossível. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- LACAN, J. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, J. Seminário IV: O complexo de Édipo - A relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LACAN, J. A significação do falo. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703.
- LACAN, J. O estádio no espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. Lacan J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. O Seminário Livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LAJONQUIÈRE, L. D. Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação. São Paulo: Vozes, 1999.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. n. 19, p. p. 20-28, Abril 2002.
- LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. Educação & Realidade, Porto Alegre, n. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 101-115, julho a dezembro 2003.
- LEE, A. Time Travelling with fanfic writers: Understanding fan culture through repeated online interview. Journal of Audience & Reception Studies, University of Pennsylvania, v. 8, Maio 2011.
- LÉVI-STRAUSS. O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus, 1989. ISBN (1962 , O pensamento selvagem. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.).
- LEVY, P. O que é o virtual. São Paulo: 34, 1996.
- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, P. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. Famecos, Porto Alegre, n. 13, p. 59-67, Dezembro 2000.
- LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 3ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- LIMA, M. C. P. A escrita adolescente como cena dos impasses do feminino. Rev. Mal-Estar

Sub, Fortaleza, v. 7, Março 2007.

LÖNNROTH, S. Female Eyes on Gay Guys: A study of female fans and their relation to slash fan fiction. Dissertação, Suécia, n. Linnaeus University, Agosto 2018.

MALISKA, M. E.; TAVARES, R. C. Alice no país do inconsciente: uma análise no entremeio da psicanálise com a literatura infantil. 1ª Seminário Nacional Discurso, Cultura e Mídia, Unisul, Santa Catarina, 2012.

MANONI, O. A adolescência é analisável? In: _____ Mais tarde. é agora. Ensaios sobre a adolescência. Salvador: Ágalma, 2004.

MARTÍNEZ, H. L. K-Pop, a música símbolo da expansão cultural sul-coreana. El País, 18 de abril de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/09/cultura/1523258847_110221.html>.

MATRIX (The Matrix). Direção: Lana Wachowski e Lilly Wachowski. [S.l.]: [s.n.]. 1999.

MAZETTI, H. M. Cultura participativa, espetáculo interativo: do “empoderamento” ao engajamento corporativo dos usuários de mídia. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Rio de Janeiro, 2009.

MENDES, E.; PRÓCHNO, C. A ficção e a narrativa na literatura e na psicanálise. Pulsional, Revista de Psicanálise, v. nº 185, n. Ano XIX, p. Artigos 43-51, Março 2006.

MILLOT, C. Freud Antipedagogo. 1ª edição. ed. México: Editora Paidós, 1990.

MORIN, E. Carta da transdisciplinaridade. In: _____ Manifesto da Transdisciplinaridade. UNESCO / USP: Triom, 2000. ISBN (. In: Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO/USP, 2000. In: : Triom, 2001)..

MORIN, E. Cultura de massas no século XX - O espírito do tempo. 9ª ed. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

MORRISSEY, K. E. Gender and fandom: from spectators to social audiences. New York: Routledge, 2016.

MUSSE, R. Notas sobre arte e política em Adorno e Benjamin. Boitempo Editorial, São Paulo, n. Publicado em 11/09/2015, Setembro 2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br>>.

NAKAGOME, P. T.; MURAKAMI, R. Y. Transculturalidade, transformação: a relação dos fãs e dos estudantes com a literatura. Interdisciplinar, Itabaiana, v. 19, p. 71-86, Julho-Dezembro 2013.

NOBRE, M. R.; MOREIRA, J. D. O. A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. Ágora, Rio de Janeiro, v. 16, p. 283-298,

Dezembro 2013.

OLIMPIO, E.; MARCOS, C. M. A escola e o adolescente hoje: considerações a partir da psicanálise. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 21, p. 498-512, Setembro 2015.

ORBEN, A.; PRZYBYLSKI, A. K. The association between adolescent well-being and digital technology use. *Nature Human Behaviour*, University of Oxford, p. 173–182, 2019. Disponível em: <<https://www.nature.com/nathumbehav/about>>.

OUTEIRAL, J. *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência*. 2ª edição. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PEIXOTO, F. A Onda Coreana e o Tsunami Japonês - a influência da cultura pop asiática no ocidente. *Medium*, 4 de Julho de 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@filipe.peixoto/a-onda-coreana-e-o-tsunami-japones-fcdef3e6662e>>.

PHILLIMORE, J. et al. Bricolage: potential as a conceptual tool for understanding access to welfare in superdiverse neighbourhoods. *IRIS Working Paper Series*, v. n. 14, 2016. Disponível em: <<https://www.birmingham.ac.uk/Documents/college-social-sciences/social-policy/iris/2016/working-paper-series/IRiS-WP-14-2016UPWEB3.pdf>>.

PLANT, S. *Mulher Digital: o Feminino e as Novas Tecnologias*. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Ventos, 1999.

PUGH, S. *The Democratic Genre: Fan Fiction in a Literary Context*. 1ª. ed. Wales: Seren, 2005.

RAMOS, F. P. História, narrativa e linguagens: uma filosofia da história. Para entender a história, p. p. 01-17, Ano 1, Volume set., Série 11/09 2010.

RASSIAL, J.-J. O sintoma adolescente. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 4, n. n.6, p. 89-93, Julho 1999.

REPORTAL, D. *Digital 2018: Brazil*. Data Reportal, We Are Social & Hootsuite. New York, p. 60. 2018.

RIBEIRO, M. D. P. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor-aluno. *Psicologia da educação*, São Paulo, v. 39, p. 23-30, 2014.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

RIVIERE, J. A feminilidade como máscara (Traduzido por Ana Cecília Carvalho e Esther Carvalho). *Psyche*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 13-24, Dezembro 1929/2005.

RODRIGUES, C. S. D. et al. Pesquisa em educação e bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 46, p. 966-982, Dezembro 2015.

ROGERS, M. Contextualizing Theories and Practices of Bricolage Research. *The Qualitative*

Report, p. p. 1-17, 2012. Disponível em: <<https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol17/iss48/3>>.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, p. 180-188, Janeiro a Abril 2010.

SADDI, L. Erotismo: e onde fica o amor? Ide, São Paulo, p. 206-210, Agosto 2011.

SANA. O que é k-pop? A história do surgimento do estilo musical que dominou o mundo. *Moda de Subculturas - Moda e Cultura Alternativa*, 29 de Julho de 2018. Disponível em: <<http://www.modadesubculturas.com.br/2018/07/o-que-e-k-pop-historia-estilo-musical.html>>.

SANTOS, J. M. S. A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SANTOS, M. A. D.; PRATTA, E. M. M. Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 44, p. 167-182, Junho 2012.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. D. M. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, p. 227-234, Junho 2010.

SILVA, J. C. D.; GARCIA, E. L. Produção de subjetividade e construção do sujeito. *Barbaroi*, Santa Cruz do Sul, v. n. 35, p. 189-198, Dezembro 2011.

SILVA, M. M. D. Práticas de escrita feminina: o exercício da resistência, *Juiz de Fora*, v. 13, n. 21, Janeiro -Junho 2012.

SIMÕES, R. S. Psicanálise e literatura – o texto como sintoma. *Analytica*, São João Del Rey, v. 6, n. 11, julho-dezembro 2017.

SOLER, C. O inconsciente - Que é isso? São Paulo: Annablume, 2012.

SOUZA, R. T. D. Mal estar na escola: uma leitura psicanalítica. [S.l.]: Corpo freudiano do Rio de Janeiro, 2007.

SPIZZIRRI, R. C. P. et al. Adolescência conectada: mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 327-335, Abril-Junho 2012.

TANIS, B. Memória e Temporalidade – Sobre o Infantil em Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

TOWN, B. H. Andrógenos no K-Pop: Por que os Idols coreanos parecem meninas (vice e versa)?, Agosto de 2015. Disponível em: <<https://hallyutown.blogspot.com/2015/08/androgenia-no-k-pop.html>>.

VERSUTI, A.; SILVA, D. D. A transmidiação como uma escrita de resistência. *Linha Mestra*,

Campinas, n. 33, p. 92-101, Setembro-Dezembro 2017.

VOLTOLINI, R. Educação e Psicanálise. Rio de Janeiro: Coleção Passo a Passo, Zahar, 2011.

ŽILIONIS, V. Gender differences in perception and use of Internet. Global Academic Society Journal: Social Science Insight, Kaunas, v. 1, n. Kaunas University of Technology, Lithuania, p. 46-

ANEXOS